

PENGUIN & COMPANHIA DAS LETRAS

HENRY DAVID  
THOREAU

A DESOBEDIÊNCIA  
CIVIL



GRANDES IDEIAS

# DADOS DE COPYRIGHT

## **Sobre a obra:**

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## **Sobre nós:**

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***



## A desobediência civil

HENRY DAVID THOREAU nasceu em 1817, no estado norte-americano de Massachusetts. Graduou-se em Harvard aos vinte anos. Apreciava os clássicos gregos e latinos, a literatura inglesa do século XVII e as escrituras orientais. Sua postura retirada e solitária o impediu de engajar-se numa profissão: foi professor primário, tutor, jardineiro, palestrante, fabricante de lápis e agrimensor. Essas tarefas eram desenvolvidas apenas como forma de subsistência, já que sua principal atividade era a escrita. Iniciou um jornal em 1837 e o manteve até o fim da vida. Em 22 anos acumulou 39 volumes manuscritos, a partir dos quais foi extraída sua principal obra, , na qual descreve suas experiências em dois anos de reclusão na floresta. Durante seu retiro, foi preso por negar-se a pagar impostos, episódio que culminou no ensaio Seu gosto pela liberdade o fez tomar partido na luta contra a escravidão. Morreu em 1862, aos 44 anos, vítima de tuberculose.

JOSÉ GERALDO COUTO nasceu em Jaú, interior de São Paulo, em 1957. É jornalista e crítico de cinema. Trabalhou durante mais de vinte anos para a . É tradutor do inglês e do espanhol. Do inglês traduziu, entre outros autores, Henry James, Saul Bellow, Norman Mailer, Truman Capote, Michael Cunningham e Martin Scorsese. Do espanhol, Adolfo Bioy Casares e Enrique Vila-Matas.

Henry David  
Thoreau

# A desobediência civil

*Tradução de*  
JOSÉ GERALDO COUTO



## Sumário

A desobediência civil  
Onde vivi, e para quê  
A escravidão em Massachusetts  
Caminhar  
Vida sem princípios

# A desobediência civil<sup>1</sup>

[1849]

Aceito de bom grado a divisa “O melhor governo é o que menos governa”,<sup>2</sup> e gostaria de vê-la aplicada de modo mais rápido e sistemático. Levada a cabo, ela resulta por fim nisto, em que também acredito: “O melhor governo é o que absolutamente não governa”, e quando os homens estiverem preparados para tanto, esse será o tipo de regência que terão. Na melhor das hipóteses, o governo não é mais que uma conveniência; mas a maioria deles é, em geral (e alguns o são às vezes), inconveniente. As objeções levantadas contra um exército permanente — e elas são muitas e convincentes, e merecem se impor — podem também ser levantadas afinal contra um governo permanente. O exército permanente é somente um braço do governo permanente. O governo em si, que é apenas o modo que o povo escolheu para executar sua vontade, está igualmente sujeito ao abuso e à perversão antes que o povo possa agir por meio dele. Prova disso é a atual guerra mexicana, obra de relativamente poucos indivíduos que usam o governo permanente como seu instrumento, pois, desde o princípio, o povo não teria consentido semelhante iniciativa.<sup>3</sup>

O que é este governo americano senão uma tradição, ainda que recente, empenhada em se transmitir intacta à posteridade, mas a cada instante perdendo um pouco de sua integridade? Não tem a vitalidade e a força de um único homem vivo, pois um único homem pode dobrá-lo à sua vontade. É uma espécie de revólver de brinquedo para o próprio povo.<sup>4</sup> Mas nem por isso é menos necessário; pois o povo precisa dispor de um ou outro maquinário complicado, e ouvir seu

estrondo, para satisfazer sua ideia de governo. Os governos nos mostram, desta maneira, com que êxito os homens podem ser subjugados, inclusive por si mesmos, em proveito próprio. É ótimo, devemos todos admitir. No entanto, esse governo nunca levou a cabo empreendimento algum, a não ser pela presteza com que deixa livre o caminho. Não é *ele* que mantém o país livre. Não é *ele* que coloniza o Oeste. Não é *ele* que educa. O caráter inerente ao povo americano é que fez tudo o que se conseguiu até agora, e teria feito ainda pouco mais, se o governo às vezes não atrapalhasse. Pois o governo é um expediente mediante o qual os homens, de bom grado, deixariam uns aos outros em paz; e, como foi dito, quanto mais conveniente ele for, mais os governados serão deixados em paz. O comércio e os negócios, se não fossem feitos de borracha da Índia, nunca conseguiriam saltar os obstáculos que os legisladores estão pondo o tempo todo em seu caminho. Se julgássemos esses homens apenas pelos resultados de suas ações, e não por suas intenções, eles mereceriam ser enquadrados e punidos junto com as pessoas malévolas que obstruem as estradas de ferro.

Mas, para falar em termos práticos e me expressar como cidadão, à diferença daqueles que se dizem antigovernistas, eu não peço a imediata abolição do governo, mas um que seja melhor *agora mesmo*. Que cada homem faça saber qual é o tipo de governo capaz de conquistar seu respeito, e isso já será um passo na direção de alcançá-lo.

Afinal, quando o poder está nas mãos do povo, a razão prática pela qual uma maioria tem permissão para governar (e assim o faz por um longo período) não é o fato de essa maioria provavelmente estar certa, nem tampouco que isso possa parecer mais justo à minoria, mas sim porque ela é fisicamente mais forte. Mas um governo no qual a decisão da maioria se impõe em todas as questões não pode ser baseado na justiça, mesmo no entendimento limitado que os homens têm desta. Não poderia existir um governo em que não são as maiorias que decidem virtualmente tudo o que é certo e errado, e sim a consciência? No qual as maiorias decidissem apenas as questões em que fosse aplicável a regra da conveniência? Será que o cidadão deve, ainda que por um momento e em grau mínimo, abrir mão de sua

consciência em prol do legislador? Nesse caso, por que cada homem dispõe de uma consciência? Penso que devemos ser primeiro homens, e só depois súditos. Não é desejável cultivar tanto respeito pela lei quanto pelo que é direito. A única obrigação que tenho o direito de assumir é a de fazer em qualquer tempo o que julgo ser correto. Já se disse, com muita razão, que uma corporação não tem consciência alguma; mas uma corporação de homens conscienciosos é uma corporação *com* uma consciência. A lei nunca tornou os homens sequer um pouquinho mais justos; e, por força de seu respeito por ela, até mesmo os mais bem-intencionados são convertidos diariamente em agentes da injustiça. Um resultado comum e natural do respeito indevido pela lei é que se pode ver uma fila de soldados, coronel, capitão, cabo, recrutas, carregadores de explosivos e tudo o mais, marchando em ordem admirável pelos caminhos mais tortuosos para a guerra, contra sua vontade, pior ainda, contra sua sensatez e sua consciência, o que torna a marcha realmente muito dura e faz o coração palpitar. Eles não têm dúvida de que estão envolvidos numa atividade execrável; são todos de inclinação pacífica. Então, o que eles são? Homens, na acepção do termo? Ou casamatas e paióis ambulantes, a serviço de algum homem inescrupuloso no poder? Basta visitar o estaleiro da Marinha e contemplar um fuzileiro naval, assim é um homem que um governo norte-americano é capaz de produzir, ou transformar com sua magia negra — uma mera sombra ou reminiscência de humanidade, um homem deixado vivo e em pé, mas já, poderíamos dizer, enterrado sob armas com acompanhamento fúnebre, embora talvez seja o caso de que:

Nenhum tambor se ouviu, nem nota fúnebre,  
Enquanto para a vala seu corpo foi levado;  
Nenhum soldado disparou seu tiro de adeus  
Sobre a cova onde nosso herói foi enterrado.<sup>5</sup>

Assim, a massa de homens serve ao Estado não na qualidade de homens, mas como máquinas, com seus corpos. São o exército permanente, as milícias, os carcereiros, os policiais, os membros de destacamentos<sup>6</sup> etc. Na maioria dos casos, não há, em absoluto, o livre

exercício do julgamento ou do senso moral; ao contrário, eles se rebaixam ao nível da madeira, da terra e das pedras; e homens de madeira talvez pudessem ser manufaturados para servir aos mesmos propósitos. Não suscitam mais respeito que espantalhos ou bonecos de lama. Têm valor comparável ao de cavalos ou cães. No entanto, homens assim são geralmente estimados como bons cidadãos. Outros — como a maioria dos legisladores, políticos, advogados, ministros e funcionários públicos — servem ao Estado sobretudo com a cabeça; e, como raramente fazem qualquer distinção moral, podem tanto servir ao Diabo, sem ter a *intenção*, como a Deus. Pouquíssimos — tais como os heróis, patriotas, mártires, reformadores em sentido amplo e *homens* — servem ao Estado também com sua consciência, e portanto necessariamente resistem a ele a maior parte do tempo; e costumam ser tratados por ele como inimigos. Um homem sábio só será útil na condição de homem, e não se rebaixará a ser “barro” e “tapar um buraco para deter o vento”,<sup>7</sup> mas deixará esta tarefa, quando muito, para suas cinzas:

Tenho origem nobre demais para me submeter a outro,  
Para ser subordinado no comando,  
Ou serviçal e instrumento útil  
A qualquer estado soberano mundo afora.<sup>8</sup>

Aquele que se entrega inteiramente a seus semelhantes é visto por estes como inútil e egoísta; mas aquele que se entrega parcialmente é considerado um benfeitor e filantropo.

Qual é o comportamento que convém a um homem com relação ao governo norte-americano atual? Respondo que ele não pode, sem se desonrar, associar-se a ele. Não posso, nem por um instante, reconhecer como *meu* governo essa organização política que é também o governo do *escravo*.

Todos os homens reconhecem o direito de revolução; isto é, o direito de recusar obediência ao governo, e de resistir a ele, quando sua tirania ou sua ineficiência são grandes e intoleráveis. Mas quase todos dizem que não é esse o caso agora. No entanto, tal era o caso, julgam eles, na Revolução de 75.<sup>9</sup> Se alguém me dissesse que aquele era um

mau governo porque taxava certos bens estrangeiros trazidos a seus portos, é muito provável que eu não me importasse, já que posso passar sem eles. Todas as máquinas têm sua fricção, e possivelmente isso tem um efeito suficientemente bom para contrabalançar o ruim. De qualquer modo, é um grande mal fazer alvoroço em torno disso. Mas quando a fricção passa a comandar a máquina, e a opressão e a ladroagem são organizadas, eu digo: Não vamos mais manter essa máquina. Em outras palavras, quando um sexto da população do país que se apresenta como refúgio da liberdade é composto de escravos, e uma nação inteira é injustamente atacada, conquistada por um exército estrangeiro e submetido à lei militar, penso que não é cedo demais para os homens honestos se rebelarem e fazerem a revolução. O que torna ainda mais urgente esse dever é o fato de que o país assim atacado não é o nosso, pois nosso é o exército invasor.

Paley, uma notória autoridade em questões morais, em seu capítulo sobre o “Dever de submissão ao governo civil”, reduz toda a obrigação civil à conveniência; e prossegue dizendo que

só enquanto o interesse de toda a sociedade assim o exigir, isto é, só enquanto não se puder resistir ao governo estabelecido ou mudá-lo sem inconveniência pública, é vontade de Deus que o governo estabelecido seja obedecido. Admitido esse princípio, a justiça de cada caso particular de resistência se reduz ao cálculo, por um lado, da quantidade de perigo e calamidade que ele encerra, e, por outro, da probabilidade e do custo de remediá-la.<sup>10</sup>

Quanto a isso, diz ele, cada homem deve julgar por conta própria. Mas Paley parece não ter jamais contemplado aqueles casos aos quais a regra da conveniência não se aplica, nos quais um povo, bem como um indivíduo, precisa fazer justiça, custe o que custar. Se eu, injustamente, arranquei à força a tábua de salvação de um homem que estava se afogando, devo devolvê-la mesmo que eu me afogue. Isso, de acordo com Paley, seria inconveniente. Mas aquele que quer salvar sua vida dessa maneira deve perdê-la.<sup>11</sup> Este povo deve parar de manter escravos, e de guerrear contra o México, ainda que isso custe a ele sua existência como povo.

Em sua prática, as nações concordam com Paley; mas será que alguém julga que Massachusetts faz exatamente o que é certo na crise atual?

Uma meretriz de classe, uma rameira com roupa de prata  
Ergue a cauda do vestido, e arrasta a alma na lama.<sup>12</sup>

Falando em termos práticos, os adversários de uma reforma em Massachusetts não são 100 mil políticos do Sul, mas 100 mil comerciantes e fazendeiros daqui, que estão mais interessados no comércio e na agricultura do que na humanidade, e não estão preparados para fazer justiça aos escravos e ao México, *custe o que custar*. Não discuto com inimigos distantes, mas com aqueles que, perto da minha casa, obedecem e cooperam com os que estão longe, e que sem eles seriam inofensivos. Estamos habituados a dizer que as massas são despreparadas; mas o aprimoramento é lento, porque a minoria não é essencialmente mais sábia ou melhor que a maioria. Mais importante do que haver muitos que sejam bons como você é haver em algum lugar a excelência absoluta, pois isso fará fermentar a massa como um todo.<sup>13</sup> Há milhares que se opõem *em tese* à escravidão e à guerra, mas que nada fazem efetivamente para pôr fim a elas. Há muitos que, considerando-se filhos de Washington e Franklin, ficam sentados de braços cruzados e dizem não saber o que fazer, e nada fazem; muitos que até mesmo subordinam a questão da liberdade à questão do livre-comércio, e que leem tranquilamente, depois do jantar, as cotações do dia junto com as últimas notícias vindas do México, e possivelmente adormecem sobre ambas. Quanto vale um homem honesto e patriota nos dias de hoje? Eles hesitam, lamentam e às vezes reivindicam; mas não fazem nada a sério e para valer. Esperarão, com boa vontade, que outros curem o mal, para que eles não mais tenham que lastimá-lo. Na melhor das hipóteses, eles se limitarão a dar um voto fácil, um débil apoio e um desejo de boa sorte aos corretos, quando a ocasião se apresentar. Há 999 arautos da virtude para cada homem virtuoso. Porém é mais fácil lidar com o real possuidor de uma coisa do que com seu guardião temporário.

Toda votação é uma espécie de jogo, como damas ou gamão, com um leve matiz moral, uma brincadeira em que existem questões morais, o certo e o errado, e evidentemente é acompanhada de apostas. O caráter dos votantes não entra em jogo. Deposito meu voto, talvez, de acordo com o que julgo correto; mas não estou vitalmente preocupado com a vitória do certo. Estou disposto a deixar isso para a maioria. A obrigação do voto, portanto, nunca vai além do que é conveniente. Mesmo votar *pelo que é correto* não é o mesmo que *fazer* alguma coisa por ele. É apenas expressar debilmente aos outros o desejo de que o certo prevaleça. Um homem sábio não deixará o que é correto à mercê da sorte, nem desejará que ele prevaleça mediante o poder da maioria. Há pouca virtude na ação das massas. Quando a maioria finalmente votar pela abolição da escravidão, isso se dará porque a escravidão lhe é indiferente, ou porque terá restado pouca escravidão a ser abolida por seu voto. A essa altura serão *eles*, os da maioria, os únicos escravos. Só pode apressar a abolição o voto daquele que afirma sua própria liberdade por meio do voto.

Ouçõ dizer que será realizada em Baltimore, ou alhures, uma convenção para a escolha de um candidato à presidência, com a participação predominante de editores e políticos profissionais; mas me pergunto: Para qualquer homem independente, inteligente e respeitável, que importância pode ter a decisão tomada pela convenção?

Não usufruiremos, de todo modo, do privilégio da sabedoria e da honestidade desse homem? Não podemos contar com alguns votos independentes? Não existem neste país muitos indivíduos que não participam de convenções? Mas não: descubro que o homem respeitável, ou assim chamado, abandonou prontamente sua posição e não espera mais nada de seu país, quando é o seu país que tem mais motivos para nada mais esperar dele. Ele mais que depressa adota um dos candidatos assim escolhidos como o único *disponível*, provando desse modo que ele próprio está *disponível* para todos os propósitos do demagogo. Seu voto não tem mais valor do que o de qualquer forasteiro sem princípios ou nativo mercenário, que pode muito bem ter sido comprado. Oh, mas um homem que é de fato um *homem*,

como diz meu vizinho, tem uma coluna dorsal que não se verga! Nossas estatísticas estão incorretas: gente demais foi computada. Quantos verdadeiros *homens* existem em cada quilômetro quadrado neste país? Quando muito, um. Será que a América não oferece atrativos para que os homens aqui se estabeleçam? O homem norte-americano foi definhando até virar um *Odd Fellow*<sup>14</sup> — alguém conhecido pela hipertrofia de seu caráter gregário, por uma manifesta falta de intelecto e de animada autoconfiança; alguém cuja principal preocupação, ao vir para este mundo, é saber se os abrigos de pobres estão em boas condições; e que, antes mesmo de vestir a túnica viril,<sup>15</sup> angaria donativos para o sustento de viúvas e órfãos; alguém, em suma, que só ousa viver com a ajuda da companhia de Auxílio Mútuo, que lhe prometeu um enterro decente.

Não é obrigação de um homem, evidentemente, dedicar-se à erradicação de um mal qualquer, nem mesmo do maior que exista; ele pode muito bem ter outras preocupações que o absorvam. Mas é seu dever, pelo menos, manter as mãos limpas e, mesmo sem pensar no assunto, recusar o apoio prático ao que é errado. Se eu me dedico a outros planos e atividades, devo antes de mais nada garantir, no mínimo, que para realizá-los não estarei pisando nos ombros de outro homem. Devo sair de cima dele para que também ele possa perseguir seus objetivos.

Vejam como uma incoerência das mais graves é tolerada. Ouvi alguns de meus conterrâneos dizerem: “Queria ver se me convocassem para ajudar a reprimir uma insurreição dos escravos ou para marchar contra o México: eu não iria de jeito nenhum”. No entanto, cada um desses mesmos homens, seja diretamente, com sua conivência, seja indiretamente, com seu dinheiro, propicia o envio de um substituto. O soldado que se recusa a lutar numa guerra injusta é aplaudido por aqueles que não se recusam a apoiar o governo injusto que faz a guerra; é aplaudido por aqueles cujos atos e cuja autoridade ele despreza; como se o Estado fosse penitente a ponto de contratar alguém para açoitá-lo enquanto ele peca, mas não a ponto de deixar de pecar por um instante sequer. Assim, em nome da Ordem e do Governo Civil, somos todos levados, em última instância, a prestar homenagem e apoio a nossa própria torpeza. Depois do

enrubescimento inicial de vergonha pelo pecado vem a indiferença; e de imoral, o pecado se torna, por assim dizer, amoral, e não totalmente desnecessário à vida que edificamos.

O erro mais amplo e frequente requer a virtude mais desinteressada para se sustentar. É o homem nobre o mais propenso a fazer as leves ressalvas a que geralmente está sujeita a virtude do patriotismo. Aqueles que, embora desaprovando o caráter e as medidas de um governo, empenham a ele sua obediência e seu apoio são sem dúvida seus defensores mais conscienciosos, e por conta disso, com muita frequência, os mais sérios opositores das reformas. Alguns estão reivindicando ao estado que dissolva a União, desprezando as determinações do presidente.<sup>16</sup> Por que eles próprios não dissolvem a união entre eles e o estado, recusando-se a pagar sua cota ao tesouro nacional? Acaso eles não mantêm uma relação com o estado semelhante àquela que este mantém com a União? E as razões que impedem o estado de resistir à União não são as mesmas que os impedem de resistir ao estado?

Como pode um homem se satisfazer em ter uma opinião e se deleitar com ela? Que deleite pode haver nisso, se sua opinião for a de que ele está sendo lesado? Se seu vizinho lhe subtrai por artimanhas um simples dólar, você não ficará satisfeito apenas em saber que foi ludibriado, ou em proclamar o fato, ou mesmo em reivindicar a ele que pague o que lhe é devido; imediatamente você tomará medidas efetivas para reaver a quantia completa e assegurar-se de que nunca mais seja tapeado. A ação baseada em princípios, a percepção e a prática do que é certo, isso muda as coisas e as relações; é algo necessariamente revolucionário, e não condiz de forma integral com qualquer coisa preexistente. Uma ação assim não divide apenas estados e igrejas, ela divide famílias; mais que isso, divide o *indivíduo*, separando o que há de diabólico nele do que há de divino.

Leis injustas existem: devemos nos contentar em obedecê-las? Ou nos empenhar em aperfeiçoá-las, obedecendo-as até obtermos êxito? Ou devemos transgredi-las imediatamente? Em geral, sob um governo como o nosso, os homens julgam que devem esperar até que tenham convencido a maioria a alterar as leis. Pensam que, se resistissem, o remédio seria pior que os males. Mas é culpa do próprio governo que

o remédio *seja de fato* pior que os males. É *ele*, o governo, que o torna pior. Por que ele não se mostra mais inclinado a se antecipar e a providenciar as reformas? Por que não valoriza suas minorias sensatas? Por que ele chora e resiste antes mesmo de ser ferido? Por que não encoraja seus cidadãos a estar alertas para apontar suas falhas, e assim melhorar sua atuação para com eles? Por que ele sempre crucifica Cristo, excomunga Copérnico e Lutero<sup>17</sup> e declara Washington e Franklin rebeldes?

Poder-se-ia pensar que a única transgressão nunca cogitada pelo governo é a da deliberada negação prática da sua autoridade; se assim não fosse, por que ele não teria determinado para ela uma penalidade definida, adequada e proporcional? Se um homem sem propriedades se recusa uma única vez a pagar nove xelins de tributo ao Estado, é colocado na prisão por um período não limitado por nenhuma lei conhecida, mas determinado unicamente pelo arbítrio daqueles que o puseram lá; mas se ele roubar noventa vezes a mesma quantia do Estado, logo terá permissão para ficar livre de novo.

Se a injustiça faz parte da necessária fricção da máquina de governo, deixe estar: talvez ela acabe por suavizar-se — certamente a máquina se desgastará. Se a injustiça tiver uma mola própria e exclusiva, ou uma polia, ou uma corda, ou uma manivela, talvez seja o caso de avaliar se o remédio não seria pior que o mal; mas se ela for do tipo que requer que *você* seja o agente da injustiça contra outra pessoa, então, eu digo: viole a lei. Deixe que sua vida seja uma contrafricção que pare a máquina. O que eu tenho a fazer é cuidar, de todo modo, para não participar das mazelas que condeno.

Quanto a adotar os métodos que o Estado propicia para remediar o mal, não sei nada sobre eles. Levam muito tempo, e a vida de um homem pode acabar antes de eles vingarem. Tenho outros afazeres aos quais me dedicar. Não vim a este mundo predominantemente para fazer dele um bom lugar, mas para viver nele, seja bom ou ruim. Um homem não tem obrigação de fazer tudo, mas alguma coisa; e o fato de não poder fazer *tudo* não o obriga a fazer *alguma coisa* errada. Não é minha tarefa reivindicar ao governador ou ao Legislativo, assim como não é tarefa deles me fazer reivindicações; e, se eles não ouvirem a minha reivindicação, o que devo fazer? Mas, neste caso, o Estado

não deixa saída: o mal está em sua própria constituição. Isto pode parecer demasiado duro, obstinado e intransigente; mas é para tratar com a mais extrema bondade e a mais extrema consideração os únicos espíritos capazes de apreciá-la e merecê-la. Assim é toda mudança para melhor, como o parto e a morte, que convulsionam o corpo.

Não hesito em dizer que aqueles que se autodenominam abolicionistas deveriam retirar imediatamente seu apoio, pessoal e material, ao governo de Massachusetts, em vez de esperar até constituir uma apertada maioria para fazer o bem prevalecer por meio dela. Penso que basta que tenham Deus ao seu lado, sem precisar esperar pelo voto que lhe dê maioria. Além do mais, qualquer homem mais direito que seus vizinhos constitui em si uma maioria de um.

Uma vez por ano, não mais, me avisto diretamente, cara a cara, com este governo norte-americano, ou com seu representante, o governo do estado, na pessoa de seu cobrador de impostos. É a única ocasião em que um homem da minha situação tem necessidade de se deparar com este governo; e é então que ele, o governo, diz claramente: Reconheça-me. E a maneira mais simples, mais efetiva e, na atual conjuntura, mais indispensável de tratar com ele, de expressar-lhe nosso escasso contentamento e apreço, é simplesmente negá-lo. Meu vizinho e concidadão, o cobrador de impostos,<sup>18</sup> é o mesmo homem com quem tenho de lidar — pois, afinal de contas, é com homens que eu discuto, não com papéis — e ele escolheu por vontade própria ser um agente do governo. De que modo ele saberá discernir o que é e o que faz como funcionário do governo, ou como homem, enquanto não for obrigado a avaliar se deve tratar a mim, seu vizinho, pelo qual tem respeito, como um vizinho e um homem de boa índole, ou como um maníaco perturbador da paz? Como saberá se pode superar esse obstáculo à sua sociabilidade sem um pensamento mais impetuoso ou uma palavra mais rude condizentes com sua atividade? De uma coisa estou certo: se mil homens, se cem homens, se dez homens que pudessem ser assim chamados — se apenas dez homens *honestos* — ah, se *um único* homem HONESTO, neste estado de Massachusetts, *deixasse de ter escravos*, abandonando assim sua coparticipação, e por isso fosse preso na cadeia local, isso seria a abolição da escravidão na América. Pois não importa quão pequeno possa parecer o ponto de

partida: o que é bem-feito é para sempre. Mas gostamos mais de falar sobre o assunto: dizemos ser essa a nossa missão. As reformas têm um grande número de jornais a seu serviço, mas nem sequer um único homem. Se, em vez de ser ameaçado de prisão na Carolina, meu estimado concidadão, o embaixador do estado de Massachusetts,<sup>19</sup> que dedica seus dias à resolução da questão dos direitos humanos na Câmara do Conselho, fosse prisioneiro de Massachusetts, o estado que é tão ansioso em imputar o pecado da escravidão ao estado irmão — embora, hoje, só possa apontar um ato de inospitalidade como causa de desavença com ele —, a Legislatura não deixaria inteiramente de lado o assunto no próximo inverno.

Em um governo que aprisiona qualquer um injustamente, o verdadeiro lugar para um homem justo é também a prisão. O local apropriado hoje, o único que Massachusetts propicia para seus espíritos mais livres e menos desesperançados, são as prisões, nas quais serão enfiados e excluídos do estado por ação deste, os mesmos homens que se retiraram a si mesmos por seus próprios princípios. É ali que deveriam encontrá-los o escravo fugitivo, o prisioneiro mexicano em liberdade condicional e o índio que protesta contra as injustiças sofridas por sua raça; naquele terreno recluso, porém mais livre e honrado, onde o Estado coloca os que não estão *com* ele, mas *contra* ele — a única casa num estado escravo na qual um homem livre pode viver honradamente. Se alguém julga que sua influência ali se perderá, que sua voz não atingirá mais os ouvidos do Estado, e que não será um inimigo efetivo dentro de suas muralhas, é porque não sabe o quanto a verdade é mais forte do que o erro, nem o quanto pode combater a injustiça com mais eloquência e eficácia quem experimentou um pouco dela em sua própria pessoa. Expresse seu voto por inteiro, não por meio de uma simples folha de papel, mas por toda a sua influência. Uma minoria é impotente enquanto se conforma à maioria; não chega nem a ser uma minoria, então; mas é irresistível quando intervém com todo o seu peso. Se a alternativa for entre colocar todos os homens justos na prisão ou desistir da guerra e da escravidão, o Estado não hesitará em sua escolha. Se mil homens deixassem de pagar seus impostos este ano, isso não seria uma atitude violenta e sangrenta; violento e sangrento seria pagá-los, capacitando

o Estado a cometer violência e derramar sangue inocente. Esta é, com efeito, a definição de uma revolução pacífica, se tal coisa é possível. Se o coletor de impostos, ou qualquer outro servidor público, perguntar-me, como já fez uma vez, “Mas então o que devo fazer?”, minha resposta será: “Se quer mesmo fazer alguma coisa, demita-se de seu cargo”. Quando o súdito recusa sua submissão e o funcionário se demite do cargo, a revolução se consuma. Mas suponhamos, até, que se chegue a derramar sangue. Já não há uma espécie de derramamento de sangue quando a consciência é ferida? Por esse ferimento escorrem a verdadeira hombridade e a imortalidade de um homem, e ele sangra até a morte definitiva. Vejo agora mesmo esse sangue correr.

Refleti sobre o encarceramento do infrator, e não sobre a apreensão de seus bens — embora ambos os atos sirvam ao mesmo propósito —, porque os que se batem pela mais pura justiça, e conseqüentemente são mais perigosos para um Estado corrupto, não costumam dedicar muito tempo a acumular propriedades. A esses o Estado presta comparativamente poucos serviços, e um pequeno imposto costuma ser considerado exorbitante, sobretudo se eles são obrigados a pagá-lo com dinheiro obtido com trabalho braçal. Se houvesse alguém que vivesse inteiramente sem o uso do dinheiro, o próprio Estado hesitaria em exigir-lhe algum. Mas o homem rico — sem querer fazer uma comparação invejosa — está sempre vendido à instituição que o torna rico. Falando em termos gerais, quanto mais dinheiro, menos virtude, pois o dinheiro se interpõe entre um homem e seus objetivos, e os alcança para ele, e certamente não há grande mérito em alcançá-los dessa maneira. Agindo assim, ele deixa de lado muitas questões que, de outro modo, seria obrigado a responder; ao passo que a única nova questão que ele se coloca é a difícil e supérflua de saber como gastar o dinheiro. Assim, seu terreno moral é tirado de sob seus pés. As oportunidades de viver diminuem na mesma proporção em que se acumulam os chamados “meios”. Quando fica rico, o melhor que um homem tem a fazer por sua cultura é tentar levar a cabo os planos que cogitava quando era pobre. Cristo respondeu aos súditos de Herodes de acordo com a situação deles. “Mostrai-me o dinheiro dos tributos”, disse; e um dos homens tirou do bolso uma moeda. Se vocês usam dinheiro com a imagem de César gravada, e que se tornou corrente e

válido, isto é, *se vocês são homens do Estado*, e com alegria usufruem as vantagens do governo de César, então restituam-lhe um pouco do que é dele quando ele o exige: “Dai pois a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus”,<sup>20</sup> disse, deixando-os sem saber mais do que antes sobre qual era qual, pois eles mesmos não queriam saber.

Quando converso com os mais livres dos meus concidadãos, percebo que, não importa o que eles possam dizer sobre a magnitude e a seriedade da questão, e qualquer que seja seu apreço pela tranquilidade pública, o fato é que eles não podem abrir mão da proteção do governo atual e temem as consequências da desobediência sobre suas propriedades e suas famílias. De minha parte, não gosto de pensar que um dia venha a depender da proteção do Estado. Mas, se eu nego sua autoridade quando ele impõe seus tributos, ele logo tomará e devastará todas as minhas propriedades, e importunará a mim e a meus filhos para sempre. Isso é duro. Isso torna impossível a um homem viver honestamente, e ao mesmo tempo com conforto, no que diz respeito ao aspecto exterior. Não valerá a pena acumular bens; com certeza seriam tomados de novo. O que se deve fazer é arrendar ou tomar posse de uma terra qualquer e não cultivar senão uma pequena lavoura, se alimentando logo de sua produção. Viver para a própria subsistência e não depender senão de si próprio, sempre com uma muda de roupa à mão e pronto para recomeçar, sem se prender a muitos negócios. Um homem pode ficar rico até mesmo na Turquia, se for, sob todos os aspectos, um bom súdito do governo turco. Confúcio disse: “Se um Estado é governado pelos princípios da razão, pobreza e desgraça são objetos de vergonha; se um Estado não é governado pelos princípios da razão, as riquezas e honrarias são objetos de vergonha”.<sup>21</sup> Não: até eu precisar que a proteção de Massachusetts me seja proporcionada em algum distante porto do Sul, onde minha liberdade esteja em perigo, ou até que eu me dedique exclusivamente a construir um patrimônio na minha terra por meio de um empreendimento pacífico, estou em condições de recusar minha lealdade a Massachusetts, e o direito deste estado sobre minha propriedade e minha vida. Custa-me menos, em todos os sentidos, sofrer as penas decorrentes da desobediência ao Estado do que me

custaria obedecê-lo. Neste caso, eu me sentiria diminuído em meu valor.

Há alguns anos, o Estado me procurou em nome da Igreja, e me intimou a pagar uma certa quantia para o sustento de um sacerdote a cuja pregação meu pai comparecia, mas à qual eu mesmo nunca assisti. “Pague”, eles me disseram, “ou será trancafiado na cadeia.” Recusei-me a pagar. Mas, infelizmente, outro homem achou conveniente pagar por mim. Eu não via por que o mestre-escola deveria pagar tributo para sustentar o sacerdote, e não o contrário; pois eu não era o mestre-escola do estado, mas me mantinha por meio de subscrição voluntária. Eu não via por que a escola não poderia apresentar sua conta de impostos e fazer com que o estado atendesse às suas demandas, assim como a Igreja. No entanto, a pedido dos conselheiros municipais, concordei em prestar a seguinte declaração por escrito: “Saibam todos, pela presente, que eu, Henry Thoreau, não desejo ser visto como membro de nenhuma sociedade constituída à qual não tenha me associado”. Entreguei essa declaração ao escrivão municipal, que a mantém com ele. O estado, sabendo deste modo que eu não desejava ser visto como membro daquela igreja, nunca voltou a me fazer uma exigência parecida; mas declarou que precisava se manter fiel a seus pressupostos originais. Se eu tivesse como nomeá-las, teria então me desligado minuciosamente de todas as sociedades às quais nunca me associara; mas eu não sabia onde encontrar uma lista completa delas.

Não pago há seis anos o imposto individual, pré-requisito para votar. Por causa disso, certa vez fui colocado na prisão, onde passei uma noite.<sup>22</sup> E, enquanto contemplava as paredes de rocha sólida, com dois ou três pés de espessura, a porta de madeira e ferro de um pé de espessura e a grade de ferro que filtrava a luz, não pude deixar de me espantar com a insensatez daquela instituição que me tratava como mero amontoado de carne, sangue e ossos a ser trancafiado. Fiquei pensando que ela decerto concluía por fim que aquele era o melhor uso que poderia me dar, e que jamais pensara em se valer dos meus serviços de alguma maneira. Percebi que, se havia uma parede de pedra entre mim e meus concidadãos, havia um muro ainda mais difícil de transpor ou atravessar para que eles fossem tão livres quanto

eu. Nem por um momento me senti confinado, e as paredes me pareciam um grande desperdício de pedras e argamassa. Sentia-me como se somente eu, entre meus concidadãos, tivesse pago meu imposto. Eles claramente não sabiam como me tratar, mas se comportavam como pessoas de pouca educação. Em cada ameaça e em cada cumprimento havia um erro grosseiro, pois eles pensavam que meu principal desejo era estar do outro lado daquela parede de pedra. Eu não podia deixar de sorrir ao constatar o modo laborioso como trancavam a porta às minhas reflexões, que no entanto os seguiam sem qualquer obstáculo ou dificuldade, sendo que eram *elas* tudo o que havia de perigoso. Como não podiam me alcançar, eles tinham resolvido punir meu corpo, como meninos que, por não ter como atingir alguém a quem odeiam, maltratam-lhe o cão. Percebi que o Estado era tolo, medroso como uma mulher solitária com seus talheres de prata, e que não sabia distinguir seus amigos de seus inimigos, e perdi todo o resto de respeito que ainda tinha por ele, passando a sentir somente pena.

Desse modo, o Estado nunca confronta intencionalmente a consciência, intelectual ou moral, de um homem, mas apenas seu corpo, seus sentidos. Não dispõe de inteligência ou honestidade superiores, mas só de força física maior. Não nasci para ser coagido. Respirarei à minha própria maneira. Vamos ver quem é mais forte. Que força tem uma multidão? Só podem me coagir aqueles que obedecem a uma lei mais elevada que a minha.<sup>23</sup> Eles me obrigam a ser como eles. Nunca ouvi falar de *homens* que tenham sido *obrigados* pelas massas a viver desta ou daquela maneira. Que espécie de vida seria essa? Quando me deparo com um governo que me diz “A bolsa ou a vida”, por que eu deveria me apressar em lhe dar meu dinheiro? Ele pode estar atravessando um grande aperto, e não saber como agir: nada posso fazer para ajudá-lo. Ele deve ajudar a si próprio; fazer como eu. Não vale a pena se lamuriar a respeito. Não sou responsável pelo bom funcionamento da máquina da sociedade. Não sou o filho do maquinista. Observo que, quando uma bolota de carvalho e uma castanha caem lado a lado, uma delas não fica inerte para dar espaço à outra, mas ambas obedecem a suas próprias leis, brotando, crescendo e florescendo o melhor que podem, até que uma, talvez, eclipse e

destrua a outra. Se uma planta não pode viver de acordo com sua natureza, ela morre. O mesmo ocorre com um homem.

A noite na prisão foi bastante inusitada e interessante. Quando entrei, os prisioneiros, em mangas de camisa, conversavam e desfrutavam o ar da noite perto da porta. Mas o carcereiro disse: “Vamos, rapazes, está na hora de trancar”; e então eles se dispersaram, e ouvi o som de seus passos retornando às celas vazias. Meu companheiro de cela me foi apresentado pelo carcereiro como “um camarada de primeira e um homem esperto”. Quando a porta foi trancada, ele me mostrou onde pendurar o chapéu e contou como lidava com as coisas por ali. As celas eram caiadas uma vez por mês, e pelo menos aquele em que estávamos era o aposento mais branco, de mobiliário mais simples e, provavelmente, o mais limpo da cidade. Ele naturalmente quis saber de onde eu vinha, e o que me trouxera até ali. E, depois de lhe contar, perguntei-lhe igualmente como ele fora parar ali, presumindo que fosse um homem honesto, evidentemente; e, pelo modo como anda o mundo, acho que de fato era. “Ora”, disse ele, “eles me acusam de incendiar um celeiro, mas nunca fiz isso.” Até onde pude perceber, ele provavelmente tinha ido dormir num celeiro quando estava bêbado, e fumara seu cachimbo ali, e assim o celeiro pegara fogo. Tinha a reputação de ser um homem inteligente, estava ali havia três meses à espera de seu julgamento, e teria de esperar outro tanto. Mas estava plenamente manso e satisfeito, já que tinha pouso e comida de graça, e julgava estar sendo bem tratado.

Ele ocupava uma janela e eu a outra. Percebi que, se alguém ficava muito tempo ali trancado, sua principal ocupação era olhar pela janela. Em pouco tempo eu havia lido todos os folhetos deixados ali, e examinado por onde antigos presos haviam fugido e onde uma grade havia sido serrada, e ouvido a história de vários ocupantes daquela cela. Descobri que mesmo ali havia histórias e rumores que nunca circulavam fora dos muros da prisão. Provavelmente aquela é a única residência na cidade em que versos são compostos e impressos em seguida em forma de circular, mas jamais publicados. Mostraram-me uma lista bem longa de versos compostos por alguns

jovens detidos numa tentativa de fuga, e que se vingavam cantando-os.

Extraí tudo o que pude do meu companheiro de cela, por receio de não voltar jamais a vê-lo; mas por fim ele me mostrou qual era minha cama e me deixou a tarefa de apagar a lamparina.

Passar uma noite ali foi como viajar por um país distante, que eu nunca houvesse cogitado visitar. Pareceu-me nunca ter ouvido antes o relógio da cidade dar as horas, nem os ruídos noturnos do povoado, pois dormimos com as janelas abertas, gradeadas por fora. Foi como enxergar minha aldeia natal à luz da Idade Média, e nosso Concord transformado num afluente do Reno,<sup>24</sup> e visões de cavaleiros e castelos desfilaram diante dos meus olhos. Eram as vozes dos antigos moradores dos burgos que eu ouvia nas ruas. Fui um involuntário espectador e ouvinte de tudo o que era feito e dito na cozinha da estalagem adjacente — uma experiência completamente nova e extraordinária para mim. Era uma visão mais detida de minha cidade natal. Eu estava bem no fundo dela. Nunca antes enxergara suas instituições. Aquela era uma de suas instituições peculiares, pois a cidade era sede do condado.<sup>25</sup> Comecei a compreender o que interessava a seus habitantes.

Pela manhã, nosso desjejum foi enfiado pela adentro por um buraco na porta, em pequenas vasilhas retangulares de lata, feitas sob medida para a fresta, que continham meio litro de chocolate, pão de centeio e uma colher de ferro. Quando pediram as vasilhas de volta, fui ingênuo o suficiente para devolver todo o pão que não havia comido, mas meu companheiro o apanhou e disse que eu deveria guardá-lo para o almoço ou o jantar. Logo depois, deixaram-no sair para trabalhar num campo de feno nas vizinhanças, para onde ele ia todos os dias, e não voltava antes do meio-dia. Então ele se despediu de mim, dizendo duvidar que ainda voltaria a me ver.

Quando saí da prisão — pois alguém interveio e pagou o imposto —, não percebi grandes mudanças nas coisas cotidianas, tais como as que observa alguém que entra ali jovem e sai já velho, grisalho e cambaleante. No entanto, apresentou-se diante dos meus olhos uma mudança no cenário — a cidade, o estado e o país —, uma mudança maior do que a que poderia ter produzido aquela passagem de

tempo tão exígua. Vi com nitidez ainda maior o estado em que vivia. Vi até que ponto poderia confiar, como concidadãos e amigos, nas pessoas entre as quais eu vivia. Constatei que sua amizade era só para os bons momentos; que eles não se dedicavam muito a praticar o bem; que eram uma raça tão distinta da minha, por seus preconceitos e superstições, quanto são os chineses e os malaios; que, em seus sacrifícios pela humanidade, não arriscavam coisa alguma, nem mesmo suas propriedades; que, afinal de contas, eles não eram nada nobres, pois tratavam o ladrão da mesma forma que este os tratara, e esperavam salvar suas almas ao cumprir certos ritos exteriores e proferir algumas orações, e ao trilhar de quando em quando um determinado caminho reto, embora inútil. Este talvez seja um julgamento demasiado severo de meus concidadãos, pois acredito que muitos deles não estejam cientes de que têm uma instituição como o cárcere em seu povoado.

Antigamente, quando um devedor pobre saía da prisão, era costume em nossa aldeia que seus conhecidos o cumprimentassem olhando através dos dedos, cruzados de maneira a representar as grades de uma cela, e dissessem “Como vai?”. Meus concidadãos não me saudavam dessa maneira, mas olhavam primeiro para mim, depois uns para os outros, como se eu houvesse retornado de uma longa viagem. Fui preso quando ia ao sapateiro buscar um sapato que estava no conserto. Quando fui solto, na manhã seguinte, resolvi completar minha pequena tarefa e, tendo calçado meu sapato consertado, fui me juntar a um grupo empenhado em colher mirtilos e que esperava impaciente que eu lhes servisse de guia. Em meia hora — pois o cavalo foi arreado prontamente — eu estava no centro de um campo de mirtilos, em uma das colinas mais altas, a quatro quilômetros de distância, e dali o Estado não podia ser visto em parte alguma.

Essa é toda a história das “Minhas prisões”.<sup>26</sup>

Nunca deixei de pagar o imposto das estradas, porque tenho tanto desejo de ser um bom concidadão quanto de ser um mau súdito; e no que diz respeito à sustentação das escolas, estou fazendo minha parte pela educação de meus compatriotas. Não é por nenhum item

particular da relação de impostos que me recuso a pagá-los. Eu simplesmente desejo recusar a sujeição ao Estado, afastar-me dele e ficar fora de seu alcance. Não me interessaria rastrear o percurso do meu dólar, mesmo que pudesse, para ver se ele compra um homem ou um mosquete para matar um — o dólar é inocente —, mas me preocupo em rastrear os efeitos de minha sujeição. Na verdade, declaro silenciosamente guerra ao Estado, à minha maneira, embora eu ainda siga fazendo uso dele e obtendo as vantagens que ele pode me dar, como é comum nesses casos.

Se outros, por solidariedade ao Estado, pagam o imposto que é exigido de mim, não fazem mais do que já fizeram em seus próprios casos, ou melhor, encorajam a injustiça num grau maior do que o requerido pelo Estado. Se eles pagam o imposto por conta de um interesse equivocado pelo indivíduo tributado, para salvar seu patrimônio ou evitar que ele vá para a cadeia, isso ocorre porque eles não avaliaram devidamente até que ponto deixam que seus sentimentos particulares interfiram no bem público.

Esta é, portanto, minha posição no momento. Mas não se pode ficar demasiado em guarda num caso assim, sob pena de que sua ação seja rotulada de teimosia, ou de excessiva preocupação com as opiniões alheias. Que cada um trate de fazer apenas o que lhe cabe, e no tempo certo.

Penso que às vezes, afinal, essas pessoas têm boas intenções, só que são ignorantes. Agiriam melhor se soubessem como fazê-lo: por que dar a meus semelhantes o trabalho de me tratar de um modo que foge à sua inclinação? Mas, pensando melhor, isso não é razão para que eu devesse fazer como eles fazem, ou permitir que outros sofram um tormento muito maior de outra espécie. E digo ainda algumas vezes a mim mesmo: quando milhões de homens, sem ardor, sem malevolência, sem qualquer tipo de ressentimento pessoal, exigem de você apenas alguns xelins, sem a possibilidade — pois assim é a constituição deles — de retirar ou alterar sua demanda atual, e você, por sua vez, não tem a possibilidade de apelar a outros milhões, por que se expor a essa esmagadora força bruta? Você não resiste com a mesma obstinação ao frio e à fome, aos ventos e marés, mas se submete pacificamente a mil injunções semelhantes. Você não mete a

cabeça na fogueira. Mas, na mesma medida em que não considero esta força inteiramente bruta, mas sim parcialmente humana, e mantenho relações com esses milhões de homens e com outros tantos milhões, e não simplesmente com coisas brutas ou inanimadas, vejo que lhes é possível apelar, primeiro e de imediato, ao seu Criador e, em segundo lugar, a eles mesmos. Mas, se eu coloco deliberadamente minha cabeça no fogo, não há apelo possível ao fogo ou ao Criador do fogo, e só posso culpar a mim mesmo. Se eu pudesse me convencer de que tenho algum direito a estar satisfeito com os homens tais como são, e a tratá-los de modo correspondente, e não de acordo com as minhas exigências e expectativas de como eles e eu, em alguns aspectos, deveríamos ser, então, como um bom muçulmano<sup>27</sup> e fatalista, eu teria de me empenhar para ficar satisfeito com as coisas tais como elas são, e dizer que assim é a vontade de Deus. E, acima de tudo, há uma diferença entre resistir a essa força e a outra puramente bruta ou natural, que é a que posso resistir com alguma eficácia, mas não posso ter a pretensão de, a exemplo de Orfeu,<sup>28</sup> mudar a natureza das rochas, árvores e animais.

Não desejo brigar com nenhum homem ou nação. Não desejo me perder em minúcias, fazer distinções sutis ou me colocar acima de meus semelhantes. Ao contrário, posso dizer que até procuro uma desculpa para acatar as leis do país. Estou mesmo muito disposto a acatá-las. De fato, tenho razões para desconfiar de mim mesmo quanto a este tópico; e a cada ano, quando o coletor de impostos aparece, eu me vejo resolvido a passar em revista os atos e posições dos governos geral e estadual, bem como o espírito do povo, a fim de descobrir um pretexto para a obediência.

Devemos ter afeto por nosso país como temos por

[nossos pais;

E se em algum momento deixarmos de honrá-lo  
Com o nosso amor ou com nossa dedicação,  
Devemos respeitar as aparências e ensinar à alma  
As coisas da consciência e da religião,  
E não o desejo de poder ou benefício.<sup>29</sup>

Acredito que o Estado logo será capaz de me tirar das mãos todo trabalho desse tipo, e então não serei mais patriota que o restante de meus patrícios. Contemplada de um ponto de vista menos elevado, a Constituição, com todas as suas falhas, é muito boa; a lei e os tribunais são muito respeitáveis; até mesmo este estado e este governo americano são, em vários aspectos, bastante admiráveis e extraordinários, e devemos ser gratos a eles, como muitos já disseram. Mas, de um ponto de vista um pouco superior, são como os descrevi; e vistos de mais acima ainda, do alto de tudo, quem poderia dizer o que são essas instituições, ou o quanto vale a pena examiná-las e refletir sobre elas?

No entanto, o governo não me preocupa muito, e dedicarei a ele a menor quantidade possível de pensamentos. Não são muitos os momentos da vida nos quais vivo sob um governo, mesmo neste mundo tal como ele é. Se um homem tem pensamento, fantasia e imaginação livres, de tal modo que o que *não é* jamais lhe pareça *ser* por muito tempo, governantes insensatos não podem interrompê-lo definitivamente.

Sei que a maioria dos homens pensa de modo diferente do meu, mas aqueles cujas vidas são, por ofício, dedicadas ao estudo de semelhantes assuntos satisfazem-me tão pouco quanto os demais. Estadistas e legisladores, estando tão completamente entranhados na instituição, nunca conseguem observá-la de modo distinto e franco. Falam da sociedade em movimento, mas não têm nenhum lugar de repouso fora dela. Podem ser homens de certo discernimento e experiência, e sem dúvida inventaram sistemas engenhosos e mesmo úteis, pelos quais lhes somos sinceramente gratos; mas toda a sua perspicácia e sua utilidade situam-se dentro de limites não muito amplos. Têm o hábito de esquecer que o mundo não é governado por diretrizes e conveniências. Webster<sup>30</sup> nunca chega aos bastidores do governo, e portanto não pode falar com autoridade a seu respeito. Suas palavras são sinônimo de sabedoria para os legisladores que não cogitam fazer nenhuma reforma essencial no governo vigente. Mas, para os pensadores, e para aqueles que legislam para todos os tempos, ele nem chega a vislumbrar o assunto. Sei de alguns cujas especulações serenas e sábias sobre o tema logo revelariam os limites do alcance e da

receptividade da mente dele. No entanto, comparadas com a atuação deles da maioria dos reformistas, e com a ainda mais reles sabedoria e eloquência dos políticos em geral, as palavras de Webster são quase as únicas sensíveis e valiosas, e damos graças aos céus por sua existência. Comparativamente, ele é sempre vigoroso, original e, acima de tudo, prático. Ainda assim, sua virtude não é a da sabedoria, mas a da prudência. A verdade de um advogado não é a Verdade, mas a coerência, ou uma conveniência coerente. A Verdade está sempre em harmonia consigo mesma, e não está preocupada primordialmente em revelar a justiça que possa porventura ser compatível com o mal. Webster bem merece ser chamado, como foi, de Defensor da Constituição. De fato, não há golpes que ele desfira que não sejam de defesa. Ele não é um líder, mas sim um seguidor. Seus líderes são os homens de 87.<sup>31</sup> “Nunca empreendi iniciativa alguma”, diz ele, “e nunca me propus a isso; nunca apoiei iniciativa alguma, nem pretendo, no sentido de perturbar o acordo original pelo qual os vários estados constituíram a União.” No entanto, pensando na chancela que a Constituição concede à escravidão, ele diz: “Por fazer parte do pacto original, que continue”. Não obstante sua notável argúcia e habilidade, ele é incapaz de separar um fato de seu contexto meramente político e de contemplá-lo de modo absoluto, tal como se apresenta ao intelecto — por exemplo, o que cabe a um homem fazer, na América atual, no tocante à escravidão. Porém, se aventura a fazer (ou é levado a isso) afirmações desesperadas como as que se seguem, embora admitindo estar falando em termos absolutos, e como homem particular; que novo e singular código de deveres sociais pode ser inferido disso? “O modo como”, diz ele, “os governos dos estados onde existe a escravidão devem regulamentá-la é de seu próprio arbítrio, levando em consideração sua responsabilidade perante seus eleitores, perante as leis gerais da propriedade, humanidade e justiça, e perante Deus. Associações formadas alhures, nascidas de um sentimento humanitário, ou de outra causa qualquer, nada têm a ver com isso. Elas nunca receberam qualquer encorajamento de minha parte, e nunca receberão.”<sup>a</sup>

Aqueles que não conhecem fontes mais puras da verdade, que não foram mais longe correnteza acima, apegam-se, prudentemente, à

Bíblia e à Constituição, e delas bebem com reverência e humildade. Mas aqueles que avistam de onde ela vem para desaguar neste lago ou naquela lagoa, aprumam o corpo mais uma vez e continuam sua peregrinação até a nascente.

Nenhum homem dotado de gênio para legislar apareceu até hoje na América. Eles são raros na história do mundo. Há oradores, políticos e homens eloquentes aos milhares, no entanto ainda não tomou a palavra o orador capaz de esclarecer as questões mais controversas do momento. Amamos a eloquência pela eloquência, e não por alguma verdade que ela possa expressar, ou algum heroísmo que possa inspirar. Nossos legisladores ainda não aprenderam o valor comparativo que têm, para uma nação, o livre-mercado e a liberdade, a união e a retidão. Eles não têm gênio ou talento sequer para questões relativamente modestas de tributação e finança, comércio, manufatura e agricultura. Se contássemos apenas com a verborrágica esperteza dos legisladores do Congresso para nos guiar, sem que ela fosse corrigida pela devida experiência e pelas queixas válidas do povo, a América deixaria de ocupar sua posição entre as nações. Há 1800 anos, embora talvez eu não tenha o direito de dizê-lo, foi escrito o Novo Testamento; no entanto, onde está o legislador com suficiente sabedoria e talento prático para se valer da luz que essas escrituras lançam sobre a ciência da legislação?

A autoridade do governo, mesmo aquela a que estou disposto a me submeter — pois obedecerei satisfeito àqueles que sabem mais e fazem melhor do que eu, e em muitos casos mesmo àqueles que nem sabem tanto e nem fazem tão bem —, é ainda uma autoridade impura: para ser rigorosamente justa, ela deve ter a aprovação e o consentimento dos governados. Ele não pode ter sobre minha pessoa e meu patrimônio senão o direito que eu lhe concedo. O progresso de uma monarquia absoluta para uma monarquia limitada, de uma monarquia limitada para uma democracia, é um progresso em direção a um verdadeiro respeito pelo indivíduo. Mesmo o filósofo chinês era sábio o bastante para ver no indivíduo a base do Império.<sup>32</sup> Será a democracia, tal como a conhecemos, o último aperfeiçoamento possível em matéria de governo? Não será possível dar um passo adiante em direção ao reconhecimento e à organização dos direitos do

homem? Jamais um Estado será verdadeiramente livre e esclarecido se não reconhecer o indivíduo como um poder mais elevado e independente, do qual deriva todo o seu próprio poder e autoridade, e não o tratar de modo apropriado. Agrada-me imaginar um Estado que enfim possa se permitir ser justo com todos os homens, e tratar o indivíduo respeitosamente como semelhante; que nem mesmo considere uma ameaça à sua própria tranquilidade o fato de alguns indivíduos se apartarem dele, deixando de imiscuir-se nele ou de ser por ele abarcados, desde que cumpram todos os seus deveres de cidadãos e seres humanos. Um Estado que gerasse esse tipo de fruto, e o deixasse cair tão logo amadurecesse, prepararia o caminho para um Estado ainda mais perfeito e glorioso, que também já imaginei, mas ainda não avistei em nenhuma parte.

#### Notas dos editores

- 1 Este ensaio foi publicado pela primeira vez nos *Aesthetic Papers* (Boston, 1849) de Elizabeth Peabody, sob o título “Resistance to Civil Government” [Resistência ao Governo Civil]. A segunda edição apareceu quatro anos depois da morte de Thoreau em *A Yankee in Canada, with Anti-Slavery and Reform Papers* [Um ianque no Canadá, com escritos reformistas e antiescravidão] (Boston, 1866), com “Civil Disobedience” como título. As opiniões se dividem quanto ao título pretendido realmente por Thoreau. Para uma discussão detalhada das questões ligadas à escolha do texto de 1849 ou de 1866, ver Thomas Woodson, “The Title and Text of Thoreau’s *Civil Disobedience*”, *Bulletin of Research in the Humanities*, 81 (1978), pp. 103-12; e Wendell Glick, “Scholarly Editing and Dealing with Uncertainties: Thoreau’s *Resistance to Civil Government*”, *Analytical & Enumerative Bibliography*, 2 (1978), pp. 103-15.
- 2 Uma versão bem parecida dessa divisa aparece como cabeçalho da *United States Magazine and Democratic Review* e no ensaio de Emerson, “Política”.
- 3 Os Estados Unidos e o México estiveram em guerra entre 1846 e 1848. Antes da publicação deste ensaio, Thoreau o apresentou como conferência em 26 de janeiro de 1848, cerca de uma semana antes do fim da guerra. Uma das questões importantes vinculadas ao conflito era a extensão dos territórios que mantinham escravos.
- 4 Na edição de 1849 de *Aesthetic Papers*, a palavra “povo” é seguida por um ponto e vírgula e pelo período “e, se um dia os indivíduos o usarem uns contra os

outros como arma de verdade, certamente ele se espatifará”.

- 5 Em tradução livre. De “Burial of Sir John Moore at Corunna” [Enterro de Sir John Moore em Corunna], de Charles Wolfe (1791-1823). Eis a estrofe original: “*Not a drum was heard, not a funeral note, / As his corse to the rampart we hurried; / Not a soldier discharged his farewell shot / O’er the grave where our hero we buried*”.
- 6 “Membros de destacamentos”: no original em inglês, *posse comitatus*, pessoas convocadas para preservar a paz, grupo armado de um xerife de condado.
- 7 Em tradução livre. Shakespeare, *Hamlet*, v, II, 236-37.
- 8 Em tradução livre. Shakespeare, *King John*, v, II, 78-82.
- 9 A Batalha de Lexington e Concord, que deu início à Revolução Americana, foi travada em 19 de abril de 1775.
- 10 William Paley (1743-1805), filósofo inglês; a citação é de *The Principles of Moral and Political Philosophy*.
- 11 Ver Mateus, 10:39.
- 12 Em tradução livre. Cyril Tourneur (1575?-1626), *The Revenger’s Tragedy*, IV, IV, 71-2.
- 13 Ver 1 Coríntios, 5:6.
- 14 The Independent Order of the Odd Fellows [Ordem Independente dos Camaradas Singulares] era uma organização fraterna secreta.
- 15 Vestimenta usada pelos meninos romanos a partir dos catorze anos.
- 16 Abolicionistas radicais como William Lloyd Garrison pleiteavam que não houvesse “união alguma com proprietários de escravos”.
- 17 Nicolau Copérnico (1473-1543), astrônomo polonês que introduziu visões revolucionárias do sistema solar; Martinho Lutero (1483-1546), teólogo alemão e líder da Reforma Protestante.
- 18 Sam Staples, que ocasionalmente ajudou Thoreau com seu levantamento de dados.
- 19 Samuel Hoar (1778-1856), advogado e congressista de Concord, enviado pelo estado de Massachusetts a Charleston, Carolina do Sul, para protestar contra a detenção de marinheiros negros de Massachusetts; o Legislativo da Carolina do Sul obrigou-o a deixar o estado.
- 20 Ver Mateus 22:15-22.
- 21 Ver *Analectos*, VIII, XIII.
- 22 Thoreau descreve brevemente esse episódio no parágrafo final de “A aldeia”, capítulo de *Walden*.
- 23 A “lei mais elevada” era espiritual — a consciência do sujeito — e não o direito civil.
- 24 Rio da Europa Central.
- 25 Concord era a sede administrativa do condado de Middlesex.

- 26 Referência irônica a *Le mie prigioni* (1832), do poeta italiano Silvio Pellico (1788-1854); essas memórias do cárcere foram populares nos anos 1840.
- 27 Um maometano.
- 28 Na mitologia grega, Orfeu era o filho da musa Calíope; a música de sua lira tinha poderes mágicos sobre o mundo natural.
- 29 De George Peele, *The Battle of Alcazar* (1594). Esses versos não apareceram na versão de 1849 do ensaio nos *Aesthetic Papers*; apareceram pela primeira vez na versão de 1866, em *A Yankee in Canada, with Anti-Slavery and Reform Papers*.
- 30 Daniel Webster (1782-1852), um destacado senador de Massachusetts.
- 31 A Convenção Constitucional foi realizada na Filadélfia em 1787.
- 32 Esta frase não aparece na versão dos *Aesthetic Papers*.
- 

a- Esses excertos foram inseridos depois que a palestra foi lida. (N. A.)

## Onde vivi, e para quê

[Segundo capítulo de *Walden*, 1854]

A certa altura da vida nos habituamos a considerar cada lugar como a possível localização de uma casa. Por conta disso, vasculhei por todos os lados, num raio de 120 quilômetros, a região onde moro. Na minha imaginação, comprei todas as fazendas em sequência, pois todas estavam à venda, e eu sabia o preço de cada uma. Caminhei pelas terras de cada proprietário, provei suas maçãs silvestres, conversei sobre agricultura, comprei sua fazenda pelo preço estabelecido, por qualquer preço, hipotecando-a mentalmente; cheguei a elevar o seu preço — fiquei com tudo, menos a escritura —; a palavra do dono valeu pela escritura, pois gosto demais de conversar — cultivei as terras, e até certo ponto cultivei a ele também, acredito, e retirei-me depois de ter desfrutado o bastante da propriedade, deixando-a a seu encargo. Essa experiência me credenciou a ser visto como uma espécie de corretor imobiliário por meus amigos. Onde quer que eu me sentasse, era ali que poderia viver, e a paisagem, por isso mesmo, irradiava a partir de mim. O que é uma casa senão uma *sedes*, um assento? — melhor ainda se for um assento no campo. Descobri muitos locais para uma casa sem grandes possibilidades de aproveitamento a curto prazo, alguns dos quais talvez considerados distantes demais do vilarejo, mas a meus olhos o vilarejo é que era distante demais deles. Bem, ali eu poderia viver, dizia a mim mesmo; e ali vivia de fato, por uma hora, todo um verão e um inverno, imaginava como poderia deixar os anos escoarem, atravessar o inverno, ver a primavera chegar. Os futuros habitantes desta região,

onde quer que instalem suas casas, podem estar certos de que tiveram um precursor. Uma tarde era suficiente para converter a terra em pomar, bosque e pasto, e decidir que belos carvalhos ou pinheiros ficariam diante da porta, e de que ângulo cada árvore ressequida seria vista melhor, e então eu deixava tudo do jeito que estava, sem cultivar talvez, pois a riqueza do homem é proporcional à quantidade de coisas de que pode abrir mão.

Minha imaginação me levou tão longe que cheguei a ver várias fazendas serem recusadas a mim — a recusa era tudo o que eu queria —, mas nunca arqueei com o ônus da posse verdadeira. O mais perto que cheguei disso foi quando comprei o sítio de Hollowell, e comecei a selecionar minhas sementes e juntei material para fazer um carrinho de mão que as transportasse de um lado para outro. Mas antes que o proprietário me passasse a escritura, sua esposa — todo homem tem uma esposa assim — mudou de ideia e quis manter a propriedade, e então ele me ofereceu dez dólares para desistir do negócio. Bem, para falar a verdade, eu não tinha mais que dez centavos neste mundo, e ultrapassava meu domínio da aritmética dizer se eu era aquele homem que tinha dez centavos, ou o que tinha uma fazenda, ou dez dólares, ou tudo isso junto. No entanto, deixei que ele ficasse com os dez dólares e a fazenda também, pois eu já havia ido longe o bastante; ou antes, para ser generoso, vendi-lhe a fazenda exatamente pelo que dei por ela, e como ele não era um homem rico, presenteei-o com dez dólares, e ainda fiquei com meus dez centavos, minhas sementes e o material para um carrinho de mão. Descobri assim que tinha sido um homem rico sem prejuízo algum à minha pobreza. Mas retive a paisagem, e desde então carrego sem carrinho de mão o que ela produz. A propósito de paisagens,

Sou o monarca de tudo o que *observo*,  
Meu direito quanto a isso é incontestável.<sup>1</sup>

Vi com frequência um poeta se retirar de uma fazenda depois de ter usufruído o que ela continha de mais valioso, enquanto o rústico fazendeiro julgava que ele houvesse colhido apenas um punhado de maçãs silvestres. Ora, o proprietário passa muitos anos sem saber que

o poeta colocou sua fazenda em poemas (a espécie mais admirável de cerca invisível), que a cingiu, ordenhou, decantou e ficou com toda a nata, deixando ao fazendeiro apenas o leite desnatado.

As verdadeiras atrações da fazenda de Hollowell, para mim, eram: seu completo isolamento, a uns quatro quilômetros do vilarejo e separada da estrada por cerca de um quilômetro de campo aberto; sua proximidade com o rio, que o proprietário dizia que na primavera o protegia, com suas brumas, da geada, embora isso nada significasse para mim; a cor cinzenta e o estado periclitante da casa e do celeiro, e as cercas deterioradas, que abriam um espaço enorme entre mim e o último ocupante; as macieiras ocas e cobertas de líquen, roídas por coelhos, mostrando o tipo de vizinhos que eu teria; mas, acima de tudo, a recordação que eu guardara de minhas primeiras viagens rio acima, quando a casa estava escondida por trás de um denso bosque de bordos, através do qual eu ouvia os latidos do cão de guarda. Estava com pressa de comprá-la antes que o proprietário acabasse de se livrar de algumas pedras, de derrubar as macieiras ocas e de arrancar algumas bétulas que tinham brotado no pasto, em suma, antes que ele fizesse qualquer outro de seus melhoramentos. Para desfrutar todas essas vantagens eu estava disposto a ir em frente, a carregar como Atlas<sup>2</sup> o mundo sobre meus ombros — eu nunca soube que recompensa ele teve por isso — e a fazer todas aquelas coisas que não tinham outra razão ou desculpa senão o fato de eu poder pagar pela propriedade e não ser molestado por sua posse; pois eu soube o tempo todo que ela produziria a mais abundante colheita do tipo que eu desejasse, desde que eu me permitisse simplesmente deixá-la em paz. Mas aconteceu como eu disse.

Tudo o que posso dizer, portanto, com respeito ao cultivo em larga escala (sempre cultivei um jardim), é que eu tinha minhas sementes prontas. Muitos julgam que as sementes melhoram com o tempo. Não tenho dúvidas de que o tempo separa as boas das ruins, e quando eu finalmente plantar, terei menos probabilidade de me decepcionar. Mas eu diria a meus camaradas, de uma vez por todas: Enquanto for possível, vivam livres e sem compromissos. Não faz muita diferença se você está preso a uma fazenda ou à cadeia do município.

O velho Catão,<sup>3</sup> cujo *De Re Rustica* é o meu “arado”,<sup>a</sup> diz o seguinte (e a única tradução que conheço deixa totalmente sem sentido a passagem): “Quando pensares em adquirir uma fazenda, revolve a ideia na cabeça, para não comprares com avidez; não poupes o trabalho de examiná-la, e não julgues suficiente percorrê-la só uma vez. Quanto mais amiúde fores lá, mais ela te agradará, se for boa”. Penso que não comprarei com avidez, mas darei voltas e mais voltas ao seu redor até o fim da vida, e lá serei enterrado antes que ela possa, finalmente, me agradar ainda mais.

Meu experimento seguinte, dessa mesma espécie, foi o atual, que pretendo descrever mais detidamente, condensando, por conveniência, a experiência de dois anos em um só. Como já disse, não me proponho a escrever uma ode ao desânimo, mas me gabar com o vigor de um galo cantando ao amanhecer, de pé em seu poleiro, nem que seja só para acordar meus vizinhos.<sup>4</sup>

Quando estabeleci residência pela primeira vez nos bosques, isto é, quando comecei a passar tanto minhas noites como meus dias ali — o que ocorreu, por acaso, no dia da Independência, 4 de julho de 1845 —, minha casa não estava pronta para o inverno. Não passava de um mero abrigo contra a chuva, sem emboço e sem chaminé, com paredes de tábuas ásperas castigadas pelas intempéries e cheias de rachaduras, que deixavam o interior frio à noite. Os caibros verticais brancos e lisos e as esquadrias recém-aplainadas das portas e janelas davam-lhe um aspecto limpo e arejado, especialmente pela manhã, quando o madeiramento estava encharcado de orvalho, de tal maneira que eu fantasiava que por volta do meio-dia brotaria da madeira alguma resina doce. Na minha imaginação ela retinha ao longo do dia um tanto desse caráter auroreal, fazendo-me lembrar de uma certa casa na montanha que eu visitara no ano anterior. Esta última era uma cabana fresca e sem reboco, adequada para hospedar um deus viajante, e na qual uma deusa poderia arrastar seus vestidos. Os ventos que passavam sobre minha morada eram dos que varrem as cristas das montanhas, trazendo as melodias interrompidas, ou apenas as partes celestiais, de música terrena. O vento matinal sopra eternamente, o poema da criação é ininterrupto; mas poucos são os ouvidos que o

escutam. O Olimpo<sup>5</sup> não é senão o que está sobre a terra, em toda parte.

A única casa de que fui proprietário antes, se excetuarmos um barco, foi uma tenda, que eu usava ocasionalmente quando fazia excursões no verão e que ainda está enrolada no meu sótão. Mas o barco, depois de passar de mão em mão, perdeu-se na correnteza do tempo. Com aquele abrigo mais substancial à minha volta, eu tinha feito algum progresso no sentido de me assentar no mundo. Aquele arcabouço, tão levemente revestido, era uma espécie de cristalização ao meu redor, e influía sobre o construtor. Era até certo ponto sugestivo como um quadro em esboço. Eu não precisava sair porta afora para tomar ar, pois a atmosfera interior não tinha perdido nada do seu frescor. Não era bem dentro de casa que eu me sentava, mas atrás de uma porta, mesmo no clima mais chuvoso. O *Harivansa*<sup>5</sup> diz: “Uma morada sem pássaros é como uma carne sem tempero”. Não era o caso da minha, pois eu me vi subitamente vizinho dos pássaros, não por ter aprisionado um, mas por ter engaiolado a mim mesmo perto deles. Eu estava não apenas mais próximo daqueles que geralmente frequentam o jardim e o pomar, como também dos mais selvagens e penetrantes cantores da floresta, que nunca, ou raramente, fazem serenata para um aldeão — o tordo, o sabiá norte-americano, o sanhaço escarlate, o pardal do campo, o bacurau e muitos outros.

Eu estava instalado às margens de um pequeno lago, cerca de três quilômetros ao sul do vilarejo de Concord, e um pouco acima dele, no meio de um extenso bosque entre aquela cidade e Lincoln, e uns quatro quilômetros ao sul do único de nossos campos que obteve fama, o Campo de Batalha de Concord.<sup>6</sup> Mas eu estava tão baixo em relação ao bosque que a margem oposta do lago, a um quilômetro de distância, coberta de árvores como todo o resto, era meu horizonte mais distante. Durante a primeira semana, toda vez que olhava para o lago, ele me impressionava como se fosse uma lagoa no flanco de uma montanha, com seu fundo muito acima da superfície de outros lagos, e, à medida que o sol se elevava, eu o via ir se despindo de sua cobertura noturna de névoa, e aqui e ali, aos poucos, revelavam-se suas suaves ondinhas ou sua superfície lisa como um espelho, enquanto as brumas, como fantasmas, retiravam-se furtivamente em todas as direções,

metendo-se nos bosques, como no encerramento de uma secreta reunião noturna. O próprio orvalho parecia pender das árvores por mais tempo do que o normal ao longo do dia, como nas encostas das montanhas.

Aquele pequeno lago era o mais valioso dos vizinhos nos intervalos de uma pequena tempestade em agosto, quando, estando o ar e a água perfeitamente imóveis, mas o céu carregado de nuvens, o meio da tarde tinha toda a serenidade da noite, e o tordo soltava seu canto, ouvido de uma margem à outra. Um lago como aquele nunca fica tão plácido como num momento assim, com a clara porção de ar acima dele tornando-se baixa e escurecida pelas nuvens; a água, cheia de luz e reflexos, converte-se ela própria num céu tanto mais imponente. Do alto de uma colina próxima, onde as árvores tinham sido cortadas recentemente, descortinava-se uma vista aprazível em direção ao sul, sobre o lago, através do denteado dos morros que formam a margem do outro lado, onde as encostas que se inclinam uma contra a outra sugerem um rio fluindo naquela direção por um vale arborizado. Mas não havia rio algum. Desse modo eu olhava por entre e por sobre as verdes colinas próximas para contemplar as mais distantes e maiores, no horizonte, tingidas de azul. Com efeito, ficando na ponta dos pés eu podia vislumbrar os cumes de algumas cordilheiras ainda mais distantes e mais azuis a noroeste, aquelas moedas legítimas cunhadas pelo próprio céu, e também um pedaço do vilarejo. Mas em outras direções, mesmo a partir daquele ponto, eu não conseguia ver além dos bosques que me rodeavam. É bom ter alguma água nas proximidades, para dar leveza de espírito e irrigar a terra. Um valor que mesmo o menor dos poços possui é que, quando a pessoa o contempla, vê que a terra não é continental, mas insular. A água é tão importante por isso quanto por manter fresca a manteiga. Quando, daquele topo, eu olhava por cima do lago em direção aos prados de Sudbury — que na época das cheias me pareciam suspensos, talvez por uma miragem, sobre seu vale fervilhante, como uma moeda numa poça — toda a terra do outro lado do lago parecia uma fina crosta isolada flutuando naquele pequeno lençol de água interposta, e isso me fazia lembrar que o lugar onde eu morava não passava de *terra firme*.

Embora a vista a partir da minha porta fosse bem mais restrita, eu não me sentia nem um pouco espremido ou confinado. Havia pasto suficiente para minha imaginação. O platô coberto de arbustos de carvalho que se erguia na outra margem estendia-se rumo às pradarias do oeste e às estepes da Tartária, concedendo amplo espaço para todas as famílias de homens errantes. “Não há seres felizes no mundo senão aqueles que desfrutam livremente um vasto horizonte”, disse Damodara,<sup>7</sup> quando seus rebanhos demandaram novas e mais amplas pastagens.

Tanto o lugar como o tempo se modificaram, e eu morava mais perto das partes do universo e das eras da história que mais me haviam atraído. O lugar onde eu vivia era tão longínquo quanto muitas regiões observadas à noite pelos astrônomos. Temos o hábito de imaginar lugares raros e aprazíveis em algum canto remoto e mais celestial do cosmo, atrás da constelação Cassiopeia, longe do alarido e da perturbação. Descobri que minha casa tinha de fato sua localização numa parte assim do universo, retirada, mas eternamente nova e nunca profanada. Se valia a pena se estabelecer naqueles recantos perto das Plêiades ou das Híades, de Aldebarã ou Altair,<sup>8</sup> então era ali que eu estava de verdade, ou num ponto igualmente distante da vida que eu deixara para trás, de tal modo encolhido que tremeluzia como uma pequena centelha aos olhos de meu vizinho mais próximo, e só era visto por ele nas noites sem luar. Assim era o pedaço do universo que eu tinha ocupado:

Existiu um pastor que vivia  
Com o pensamento tão elevado  
Quanto os montes onde seus rebanhos  
Alimentavam-no de hora em hora.<sup>9</sup>

O que pensaríamos da vida do pastor se seus rebanhos sempre escapassem para pastos mais elevados que seus pensamentos?

Cada manhã era um alegre convite para que eu conferisse à minha vida a mesma simplicidade, diria até inocência, da própria Natureza. Tenho sido um adorador da Aurora tão sincero quanto os gregos. Levantava-me cedo e banhava-me no lago; era um exercício religioso,

e uma das melhores coisas que eu fazia. Dizem que na banheira do rei Tching-Thang<sup>10</sup> estavam gravados caracteres que diziam: “Renova-te completamente a cada dia, e de novo e de novo, para sempre de novo”. Sou capaz de entender isso. A manhã traz de volta as eras heroicas. O leve zumbido de um mosquito fazendo sua excursão invisível e inimaginável pelo meu aposento ao romper da alvorada, quando eu estava sentado diante da porta e das janelas abertas, me atingia tanto quanto qualquer trombeta proclamando a glória. Era o réquiem de Homero; uma verdadeira *Ilíada* e *Odisseia* pelo ar, bradando sua fúria e seus delírios. Havia algo de cósmico naquilo, um anúncio permanente, enquanto não o proibissem, do perpétuo vigor e fertilidade do mundo. A manhã, o mais memorável período do dia, é a hora do despertar. É quando existe menos sonolência em nós, e por uma hora, pelo menos, fica desperta uma parte de nós que cochila durante o resto do dia e da noite. Muito pouco se pode esperar do dia, se é que se pode chamar de dia aquele em que não somos acordados por nosso Espírito, mas pelos cutucões mecânicos de um criado, em que não somos despertados por nossa própria força recém-adquirida e por aspirações vindas de dentro, acompanhadas pelas vibrações da música celestial, em vez dos alarmes das fábricas, e por uma fragrância que preenche o ar, para uma vida mais elevada do que aquela que deixamos ao cair no sono, e assim a escuridão gera seu fruto e se mostra tão boa quanto a luz. O homem que não crê que cada dia contém uma hora anterior, mais sagrada e inaugural do que as que ele já profanou, perdeu a esperança na vida e está trilhando um caminho escuro e declinante. Depois de uma interrupção temporária de sua vida sensorial, a alma do homem, ou antes seus órgãos, revigoram-se a cada dia, e seu Espírito volta a buscar a vida mais nobre a seu alcance. Todos os eventos memoráveis, eu diria, transpiram no período da manhã, em sua atmosfera. Os *Vedas*<sup>11</sup> dizem: “Todas as inteligências despertam com a manhã”. A poesia e a arte, bem como todas as mais belas e memoráveis ações humanas, datam de uma hora matinal. Todos os poetas e heróis são, como Mêmnon, filhos da Aurora, e emitem sua música ao alvorecer. Para aqueles cujo pensamento elástico e vigoroso acompanha o passo do sol, o dia é uma perpétua manhã. Não importa o que dizem o relógio ou as atitudes e labutas

dos homens. A manhã é quando estou desperto e existe uma alvorada em mim. A reforma moral é o esforço para se livrar do sono. Por que os homens lidam tão mal com seu dia quando não desfrutam o seu sono? Não que eles sejam tão ruins de cálculo. Se não tivessem sido subjugados pelo torpor, teriam realizado alguma coisa. Os milhões estão despertos o bastante para o trabalho físico; mas apenas um em 1 milhão está desperto o bastante para o esforço intelectual efetivo; apenas um em 100 milhões está desperto para uma vida poética ou divina. Ainda não conheci um homem que estivesse plenamente desperto. Como eu poderia encará-lo frente a frente?

Temos que aprender a redespertar e a nos manter acordados, não com ajuda mecânica, mas por uma infinita expectativa da alvorada, que não nos abandona sequer em nosso sono mais profundo. Não conheço fato mais animador do que a inquestionável faculdade humana de elevar sua existência por meio de um empenho consciente. Ser capaz de pintar um quadro específico, ou esculpir uma estátua, e assim tornar belos alguns objetos, tem sua importância; mas é muito mais glorioso esculpir e pintar a própria atmosfera e o modo como observamos as coisas, e isso é algo que moralmente podemos fazer. Influir sobre a qualidade do dia, eis a mais sublime das artes. Todo homem está incumbido de tornar sua vida, mesmo nos menores detalhes, digna de ser contemplada em sua hora mais elevada e crítica. Se recusássemos, ou antes se esgotássemos, as informações tão irrisórias que recebemos, os oráculos nos informariam claramente como isso poderia ser feito.

Fui para os bosques porque desejava viver deliberadamente, encarar apenas os fatos essenciais da vida, e ver se não seria capaz de aprender o que ela tinha a me ensinar, para que, quando eu viesse a morrer, não descobrisse que tinha deixado de viver. Eu não queria viver o que não era vida, pois viver é tão precioso; tampouco queria me resignar, a menos que fosse totalmente necessário. Queria viver profundamente e sugar toda a polpa da vida, viver de modo tão vigoroso e espartano a ponto de desbaratar tudo o que não fosse vida, abrindo e limpando uma larga clareira, para encurralar a vida num canto e reduzi-la aos termos mais básicos, e se ela se mostrasse vil, ora, então eu enfrentaria toda a sua genuína vileza, e a denunciaria ao mundo. Ou, se ela fosse

sublime, eu o saberia por experiência própria e seria capaz de fazer um relato verdadeiro disso em minha próxima dissertação. Pois, ao que me parece, os homens em sua maioria sentem uma estranha incerteza quanto à vida, se ela é obra do diabo ou de Deus, e concluem *de modo um tanto afoito* que o principal objetivo do homem aqui é “glorificar a Deus e desfrutá-lo para todo o sempre”.<sup>12</sup>

Entretanto vivemos mediocrementemente, como formigas, embora a fábula nos diga que há muito tempo fomos transformados em homens;<sup>13</sup> como pigmeus, lutamos com gruas; é erro atrás de erro, remendo sobre remendo, e nossa melhor virtude tem como causa uma infelicidade supérflua e evitável. Nossa vida se dissipa em ninharias. Um homem honesto não precisa contar além dos dez dedos das mãos; em casos extremos, pode recorrer também aos dos pés, e que se dane o resto. Simplicidade, simplicidade, simplicidade! Eu digo: reduza suas atividades a duas ou três, e não a cem ou mil; em vez de 1 milhão, conte meia dúzia, e registre sua contabilidade na unha do polegar. Em meio ao mar agitado da vida civilizada, são tantas e tamanhas as nuvens, tormentas, areias movediças e os mil e um contratempos a levar em conta que, se não quiser naufragar e ir ao fundo sem chegar a porto algum, o homem tem que agir de acordo com sua bússola e ser um grande calculista para ter êxito. Simplifique, simplifique. Em vez de três refeições por dia, se for necessário faça uma só; em vez de cem pratos, cinco; e reduza as outras coisas na mesma proporção. Nossa vida é como uma Confederação Germânica,<sup>14</sup> feita de pequenos estados, com suas fronteiras sempre flutuantes, de tal maneira que nem mesmo um alemão sabe dizer onde estão traçadas em cada momento. A nação em si, com todos os seus assim chamados melhoramentos internos — que, diga-se de passagem, são todos externos e superficiais —, não passa de uma instituição desajeitada e desmedida, atulhada de mobília e tropeçando em suas próprias armadilhas, arruinada pelo luxo e pelas despesas imprudentes, pela ausência de previsão e de um objetivo meritório, como os milhões de lares país afora. E a única cura para isso tudo é uma economia rígida, uma austera e mais que espartana simplicidade de vida e elevação de propósitos. Vive-se com demasiada pressa. Os homens julgam que é essencial que a *Nação* tenha comércio, e exporte gelo, e se comunique pelo telégrafo, e se

locomova a sessenta quilômetros por hora, pouco importando se *eles próprios* o fazem; mas quanto a vivermos como babuínos ou como homens, ainda resta alguma dúvida. Se não providenciarmos os dormentes,<sup>15</sup> se não forjarmos os trilhos, se não dedicarmos dias e noites ao trabalho, cuidando em vez disso de remendar nossas *vidas* com o intuito de *aprimorá-las*, quem irá construir as ferrovias? E se as ferrovias não forem construídas, como haveremos de chegar em tempo ao paraíso? Mas, se ficarmos em casa cuidando dos nossos assuntos, quem vai querer ferrovias? Não andamos sobre a ferrovia; é ela que anda sobre nós. Você alguma vez já pensou no que são aqueles dormentes sobre os quais repousam os trilhos? Cada um deles é um homem, um irlandês ou um ianque. Os trilhos assentam sobre eles, e eles se cobrem de areia, e os vagões deslizam suavemente em cima deles. São dormentes profundos, posso lhe garantir. E a cada poucos anos um novo lote é assentado e sobre ele passam novos trens, de tal modo que, se alguns têm o prazer de viajar sobre trilhos, outros têm o infortúnio de servir-lhes de suporte. E quando acontece de atropelarem um homem sonâmbulo, um dormente avulso na posição errada, e de o acordarem, eles subitamente freiam os carros e fazem um grande alvoroço em torno disso, como se fosse uma exceção. Fico contente em saber que é preciso uma equipe de homens a cada cinco milhas para manter os dormentes assentados em seus leitos, por assim dizer, pois isso é um sinal de que eles em algum momento poderão levantar de novo.

Por que teríamos de viver com tanta pressa e desperdício de vida? Parecemos decididos a morrer de fome antes mesmo de ter apetite. Os homens dizem que um ponto de costura dado em tempo economiza outros nove, então eles dão mil pontos hoje para economizar nove amanhã. Quanto ao *trabalho*, não temos nenhum que produza resultado. Sofremos da dança de São Vito,<sup>16</sup> e não conseguimos manter a cabeça imóvel. Se eu simplesmente desse alguns puxões na corda do sino da paróquia, como ocorre em casos de incêndio, isto é, sem chegar a fazer o sino repenicar festivamente, dificilmente um homem em sua fazenda nos arredores de Concord, não obstante as pressões de compromissos e afazeres que ele pudesse usar como desculpa nesta manhã, tampouco um menino, ou uma mulher, deixaria

de abandonar tudo e seguir aquele som, não tanto para salvar das chamas alguma propriedade, mas, vamos confessar, muito mais para vê-la queimar, já que vai queimar de qualquer jeito (e não fomos nós, é bom que se diga, que ateamos fogo) ou então para ver o incêndio ser extinto, e dar nossa contribuição, se for conveniente. Sim, mesmo que se tratasse da própria igreja da paróquia. É raro o homem que, depois de dormir sua sesta de meia hora após a refeição, não levante a cabeça e pergunte ao acordar: “Quais são as novidades?”, como se o resto da humanidade tivesse se mantido em vigília, feito suas sentinelas. Alguns, com o mesmo intuito, dão instruções para serem acordados a cada meia hora; e então, à guisa de retribuição, contam o que sonharam. Depois de uma noite de sono as notícias são tão indispensáveis quanto o café da manhã. “Por favor, diga-me qualquer novidade acontecida a um homem em qualquer parte do globo” — e enquanto toma seu café e come seu pãozinho, ele lê que um homem teve os olhos arrancados nesta manhã no Rio Wachito.<sup>17</sup> Sem sequer sonhar que, enquanto isso, ele vive na escura, imensa e insondável caverna deste mundo, e não tem, ele próprio, mais do que um rudimento de olho.

De minha parte, eu poderia passar facilmente sem o correio. Penso que são muito poucas as comunicações importantes feitas por meio dele. Falando honestamente, não recebi em toda a vida mais do que uma ou duas cartas — escrevi isto alguns anos atrás — dignas de serem postadas. O serviço postal pago é, em geral, uma instituição mediante a qual você oferece seriamente a um homem, por seus pensamentos, um tostão que, com muita frequência, é oferecido de brincadeira. E estou certo de nunca ter lido nenhuma notícia memorável num jornal. Se lemos uma vez que um homem foi roubado, ou assassinado, ou morreu num acidente, ou que uma casa pegou fogo, ou que um navio naufragou, um barco a vapor explodiu ou uma vaca foi atropelada por um trem da Western Railroad, ou que um cachorro louco foi sacrificado, ou que o inverno trouxe uma praga de gafanhotos — não precisamos voltar a ler uma notícia parecida. Uma só basta. Se você está familiarizado com o princípio, o que importa a miríade de exemplos e casos? Para um filósofo, todas as *notícias*, como são chamadas, não passam de mexerico, e aqueles que

as editam e as leem não são mais que mulheres tagarelando em torno de seu chá. No entanto, não são poucos os que buscam avidamente esses mexericos. Houve um dia desses, pelo que me contam, um tamanho afluxo de gente a uma agência para saber das notícias estrangeiras de última hora que várias vidraças pertencentes ao estabelecimento foram estilhaçadas pela pressão — notícias que julgo seriamente que um espírito inteligente seria capaz de escrever de modo bastante preciso com doze meses ou doze anos de antecedência. Quanto à Espanha, por exemplo, se você souber inserir de tempos em tempos, e na proporção certa, os nomes de Don Carlos e da Infanta, Don Pedro e Sevilha e Granada — os nomes podem ter mudado um pouco desde a última vez que li os jornais —, e recorrer a uma tourada na falta de outras distrações, a notícia será fiel ao pé da letra e nos dará uma ideia tão boa do ruinoso estado de coisas na Espanha quanto os relatos mais sucintos e lúcidos encontráveis sob essa manchete nos jornais; quanto à Inglaterra, quase se pode dizer que a última novidade daquele pedaço do mundo foi a revolução de 1649; e se você se informou sobre a safra daquele país num ano mediano, nunca mais precisa dar atenção ao assunto, a menos que suas especulações sejam de caráter meramente pecuniário. Se alguém que raramente lê os jornais pode emitir seu julgamento, nada de novo acontece em terras estrangeiras, e uma revolução francesa não é exceção.

Novidades! É tão mais importante saber aquilo que nunca fica velho!

Kieou-he-yu (grande dignitário do estado de Wei) mandou um homem a Khoung-tseu para saber notícias deste. Khoung-tseu fez o mensageiro sentar perto de si e interrogou-o nos seguintes termos: O que o seu senhor tem feito? O mensageiro respondeu respeitosamente: Meu senhor deseja diminuir a quantidade de seus defeitos, mas não consegue dar fim a eles. Depois que o mensageiro se foi, o filósofo observou: Que mensageiro precioso! Que mensageiro precioso!<sup>18</sup>

O sacerdote, em vez de fustigar com mais um sermão desmazelado os ouvidos de lavradores sonolentos em seu dia de descanso ao final

da semana — pois o domingo é a justa conclusão de uma semana mal aproveitada, e não o fresco e viçoso início de uma nova —, deveria bradar com voz de trovão: “Parem! Façam uma pausa! Por que essa aparência de rapidez, se sua lentidão é mortal?”.

Embustes e tapeações são tomados por verdades profundas, enquanto a realidade é vista como fictícia. Se os homens observassem permanentemente apenas o que é real, e não se permitissem ser iludidos, a vida, para fazer uma comparação com coisas que conhecemos, seria como um conto de fadas ou como os relatos de *As mil e uma noites*. Se respeitássemos apenas o que é inevitável e tem o direito de existir, a música e a poesia ressoariam pelas ruas. Quando pensamos com sensatez e sem pressa, percebemos que apenas as coisas grandes e valiosas têm existência permanente e absoluta — que pequenos medos e pequenos prazeres não são mais do que sombras da realidade. Esta é sempre exultante e sublime. Ao fechar os olhos e dormir, e ao consentir ser iludidos pelas aparências, os homens estabelecem e confirmam por toda parte sua vida cotidiana de rotina e hábito, ainda que ela seja construída sobre bases puramente ilusórias. As crianças, que brincam de viver, discernem as verdadeiras leis e relações da vida mais claramente que os adultos, que são incapazes de vivê-la dignamente, mas julgam-se mais sábios devido à experiência, isto é, ao fracasso. Li num livro hindu que

houve uma vez o filho de um rei que, tendo sido expulso na infância de sua cidade natal, foi criado por um silvícola, e, chegando à maturidade nesse estado selvagem, imaginou que pertencia à raça bárbara com a qual vivia. Descoberto por um dos ministros de seu pai, ouviu a revelação de quem de fato era; o engano sobre sua identidade foi dirimido e ele soube que era um príncipe. Do mesmo modo a alma”, prossegue o filósofo hindu, “de acordo com as circunstâncias em que é colocada, engana-se quanto a seu próprio caráter, até que a verdade lhe seja revelada por algum mestre sagrado, e ela então venha a saber que é *Brahma*.<sup>19</sup>

Percebo que nós, habitantes da Nova Inglaterra, vivemos esta nossa vida mesquinha porque nossa visão não penetra além da superfície das

coisas. Tomamos pelo que é aquilo que *parece* ser. Se um homem caminhasse por esta cidade e visse apenas a realidade, onde iria parar, eu pergunto, o Mill-dam?<sup>20</sup> Se ele pudesse nos dar um relato das realidades que observou ali, não reconheceríamos o lugar em sua descrição. Olhem para um templo, ou um tribunal, uma cadeia, uma loja, uma residência, e digam o que é o lugar em questão sob o escrutínio de um verdadeiro olhar; todos eles vão se despedaçar no relato que vocês fizerem deles. Os homens consideram remota a verdade, às margens do sistema, atrás da estrela mais distante, anterior a Adão e posterior ao último homem. Na eternidade há de fato algo de verdadeiro e sublime. Mas todos esses tempos, lugares e ocasiões estão aqui e agora. O próprio Deus culmina no momento presente, e nunca será mais divino no decorrer de todas as eras. E estamos habilitados a apreender tudo o que é sublime e nobre simplesmente ao nos deixar instilar e encharcar pela realidade que nos cerca. O universo responde de modo constante e obediente a nossas concepções; quer viajemos depressa ou devagar, a estrada está aberta para nós. Sendo assim, passemos a vida imaginando. O poeta e o artista nunca conceberam um projeto tão belo e tão nobre que pelo menos alguns de seus pósteros não pudessem realizar.

Passemos um dia de modo tão esmerado quanto a Natureza, e não saíamos da estrada a cada noz ou asa de mosquito que caia nos trilhos. Vamos levantar cedo e jejuar, ou tomar o café da manhã suavemente e sem inquietação; que os companheiros venham e partam, que os sinos toquem e as crianças gritem — estejamos decididos a viver plenamente o dia. Por que deveríamos sucumbir e ser levados pela corrente? Não nos deixemos derrubar e submergir no terrível redemoinho chamado almoço, situado nos baixios do meio-dia. Atravesse esse perigo e você estará salvo, pois o restante do dia é morro abaixo. Com nervos despertos e vigor matinal, passe por ele, olhando para outro lado, amarrado ao mastro como Ulisses.<sup>21</sup> Se a locomotiva apitar, que apite até ficar rouca de tanto esforço. Se o sino tocar, por que deveríamos sair correndo? Vamos avaliar com que tipo de música esses sons se parecem. Vamos nos assentar, e trabalhar e forçar nosso caminho em meio à lama e ao lodo das opiniões, do preconceito, da tradição, das ilusões e aparências, desse aluvião que

cobre o globo, atravessando Paris e Londres, atravessando Nova York e Boston e Concord, atravessando igrejas e estados, atravessando a poesia, a filosofia, a religião, até chegarmos a um fundo sólido de pedra, que possamos chamar de *realidade*, e dizer: É isto, não existe erro; e então começar, tendo um *point d'appui*<sup>22</sup> debaixo da enchente, da geada e do incêndio, um lugar onde você possa instaurar um muro ou um estado, ou fincar com segurança um poste de iluminação, ou quem sabe um medidor, não um nilômetro,<sup>23</sup> mas um realômetro, para que as gerações futuras possam saber quão profundas chegaram a ser, de tempos em tempos, as enchentes de lama e aparências. Se você se postar frente a frente com um fato, verá o sol reluzir em ambos os seus lados, como se fosse uma cimitarra, e sentirá seu suave gume dividindo você ao meio até a medula, e assim concluirá alegremente sua carreira mortal. Quer se trate de vida ou de morte, ansiamos apenas pela realidade. Se estivermos morrendo de fato, que ouçamos os estertores na garganta e sintamos frio nas extremidades; se estivermos vivos, cuidemos dos nossos afazeres.

O tempo não é senão o rio em que vou pescar. Bebo sua água; mas enquanto bebo vejo o fundo arenoso e constato o quanto ele é raso. Sua rala corrente escoia para longe, mas a eternidade permanece. Eu beberia mais fundo, pescaria no céu, em cujo fundo as pedras são estrelas. Não consigo contar sequer uma. Não conheço a primeira letra do alfabeto. Sempre lamentei não ser tão sábio quanto no dia em que nasci. O intelecto é um cutelo; ele escolhe e rasga seu caminho rumo ao segredo das coisas. Não desejo ocupar minhas mãos mais do que o necessário. Minha cabeça é mãos e pés. Sinto todas as minhas melhores capacidades concentradas nela. Meu instinto me diz que minha cabeça é um órgão usado para cavar, como outras espécies usam o focinho ou as patas dianteiras, e com ela eu escavo e abro meu caminho através destes montes. Acredito que o veio mais rico esteja em algum lugar aqui por perto; assim avalio por meio da vara de prospecção e dos tênues vapores que se elevam, e aqui começo a cavar.

- 1 William Cowper (1731-1800), “Verses supposed to be written by Alexander Selkirk”.
- 2 Na mitologia grega, Atlas foi obrigado a sustentar os céus sobre a cabeça e os ombros.
- 3 Marcus Porcius Cato, ou Catão, o Velho (234-149 a.C.).
- 4 Thoreau usou esta frase na página de rosto da primeira edição de *Walden*.
- 5 Morada dos deuses na mitologia grega.
- 6 Poema épico hindu escrito no século v.
- 7 Palco da batalha inaugural da Revolução Americana, em 19 de abril de 1775.
- 8 Outro nome hindu para Krishna; essa frase foi traduzida do *Harivansa*.
- 9 Nomes de constelações e de estrelas.
- 10 Poema anônimo musicado em *O jardim das musas* (1610).
- 11 Confúcio.
- 12 Escrituras hindus.
- 13 Do Catecismo Resumido da *New England Primer* [Cartilha da Nova Inglaterra].
- 14 Na mitologia grega, Zeus transformou formigas em homens para restaurar uma população reduzida.
- 15 Antes de a Alemanha ser unificada sob o comando do príncipe Otto von Bismarck, era um agrupamento de sempre cambiantes estados competitivos.
- 16 Há no original um trocadilho com o vocábulo *sleeper*, que [assim como a palavra “dormente” em português] tem o duplo sentido de “aquele que dorme” e de barra transversal sobre a qual se assentam os trilhos de uma estrada de ferro.
- 17 Transtorno nervoso caracterizado por movimentos espasmódicos. É uma manifestação clínica da febre reumática.
- 18 Hoje grafado rio Ouachita; vai do Arkansas à Louisiana.
- 19 Confúcio, *Analectos*, XIV.
- 20 A essência do ser espiritual no pensamento hindu.
- 21 Mill-dam (Represa do Moinho): o centro de Concord, onde as pessoas circulam e realizam suas atividades comerciais.
- 22 Ulisses (o nome romano de Odisseu) fez-se amarrar no mastro de seu barco com o intuito de resistir à sedução fatal do canto das sereias.
- 23 Um ponto de apoio, uma base sólida (em francês, no original).
- 24 Aparelho usado para medir as cheias e vazantes do rio Nilo no antigo Egito.

---

a- No original, a palavra *cultivator* (arado, cultivador) chama a atenção para o duplo sentido do verbo “cultivar”: o de lavrar (a terra) e o de educar (pessoas). (N. T.) [A partir deste ponto, as notas indicadas com asterisco são do tradutor.]

## A escravidão em Massachusetts

[Discurso pronunciado no  
Ato Antiescravidão em Framingham,  
4 de julho de 1854]

Compareci recentemente a um encontro dos cidadãos de Concord, na expectativa de, como um entre tantos, falar sobre o tema da escravidão em Massachusetts; mas fiquei surpreso e desapontado ao descobrir que o que havia atraído meus concidadãos àquele encontro era o destino de Nebraska, e não de Massachusetts, e que o que eu tinha a dizer soaria totalmente fora de lugar. Eu julgara que era a casa que estava pegando fogo, não a campina; mas, embora vários dos cidadãos de Massachusetts estejam neste momento na prisão por tentar salvar um escravo das garras do Estado, nenhum dos oradores daquele encontro expressou um lamento por isso, tampouco se referiu ao assunto. Era só o destino de algumas terras bravias a mais de 2 mil quilômetros de distância que parecia preocupá-los. Os habitantes de Concord não estão preparados para defender uma de suas próprias pontes, mas só falam em ocupar posições nas terras altas do outro lado do rio Yellowstone. Nossos Buttricks, Davises e Hosmers estão se refugiando naquelas bandas, e temo que não venham a ter nenhum pedaço de terra de Lexington entre eles e o inimigo. Não há um único escravo em Nebraska; há talvez 1 milhão de escravos em Massachusetts.

Aqueles que foram formados na escola da política fracassam agora e sempre ao encarar os fatos. Suas medidas são meramente meias-medidas paliativas. Elas adiam indefinidamente o dia do acerto de contas, e enquanto isso a dívida se acumula. Embora a Lei do Escravo Fugitivo não tenha sido objeto de discussão naquela ocasião, ela foi por fim vagamente analisada por meus concidadãos, numa reunião interrompida no meio, segundo me dizem, na qual o Compromisso de 1820<sup>a</sup> foi repudiado por um dos partidos e decidiu-se que “portanto... a Lei do Escravo Fugitivo deve ser repelida”. Mas não é essa a razão pela qual uma lei iníqua deva ser repelida. O fato que o político

confronta é meramente que há menos honra entre ladrões do que se supunha, e não o fato de se tratar de ladrões.

Já que não tive oportunidade de expressar minhas ideias naquele encontro, os senhores permitem que eu o faça aqui?

Acontece mais uma vez que o Tribunal de Boston está cheio de homens armados, mantendo prisioneiro e submetendo a julgamento um **HOMEM**, para descobrir se ele é ou não um **ESCRAVO**. Alguém acredita que a Justiça, ou Deus, está à espera do veredicto do sr. Loring? Ele simplesmente passa ridículo sentado ali, deliberando, quando a questão já está decidida desde sempre e para sempre, e o próprio escravo iletrado, bem como a multidão em volta, já ouviu há muito tempo a decisão e submeteu-se a ela. Somos tentados a perguntar de quem ele recebeu essa incumbência, e quem é ele para exercê-la; a que estatutos inauditos ele obedece, e em que precedentes baseia sua autoridade. A própria existência de tal árbitro é uma impertinência. Não lhe pedimos para fazer um julgamento, mas para fazer as malas e ir embora.

Apuro os ouvidos para escutar a voz de um governador, o comandante-chefe das forças de Massachusetts. Ouço apenas o estrilar dos grilos e o zumbido dos insetos que agora infestam o ar do verão. O grande feito do governador é passar a tropa em revista nos dias de inspeção. Já o vi a cavalo, sem chapéu, ouvindo as preces de um capelão. Talvez tenha sido só isso que vi um governador fazer. Creio que poderia passar muito bem sem um. Se *ele* não tem serventia alguma para me impedir de ser sequestrado, eu pergunto: que utilidade importante ele poderia ter para mim? Quando a liberdade está mais ameaçada, ele se deixa ficar na mais profunda obscuridade. Um clérigo muito ilustre me contou que escolheu a carreira eclesiástica porque lhe permitia o máximo de tempo livre para cultivar seus interesses literários. Eu lhe recomendaria a profissão de governador.

Três anos atrás, também, quando se desenrolou a tragédia de Simms,<sup>b</sup> eu disse a mim mesmo: existe um funcionário, para não dizer um homem, no cargo de governador de Massachusetts — o que ele esteve fazendo nos últimos quinze dias? Será que ele fez o possível para ficar em cima do muro durante aquele terremoto moral? Parece-me que não poderia haver sátira mais mordaz a esse homem, nem

insulto mais incisivo, do que simplesmente o que aconteceu: a ausência de qualquer consulta ou indagação a ele durante a crise. O máximo que posso dizer sobre ele é que não aproveitou aquela oportunidade para se fazer conhecido e digno de mérito. Ele poderia pelo menos ter se *resignado* à fama. Ficou a impressão de que a própria existência de um homem assim, de um cargo assim, tinha caído no esquecimento. No entanto, não resta dúvida de que ele estava se empenhando o tempo todo para manter ocupada a cadeira governamental. Mas não era meu governador. A mim ele não governava.

Mas pelo menos, no caso atual, ouviu-se a fala do governador. Depois que ele e o governo dos Estados Unidos tiveram pleno êxito em roubar de um pobre negro inocente sua liberdade de viver e, tanto quanto lhes foi possível, sua semelhança de sentimentos com o Criador, o governador fez um discurso a seus cúmplices, num banquete de felicitações!

Li uma lei recente deste estado que torna punível “todo funcionário da Comunidade”<sup>c</sup> que “detenha, ou colabore para a... detenção”, em qualquer lugar dentro de suas fronteiras, “de qualquer pessoa, por motivo de ser considerada um escravo fugitivo”. Além disso, ganhou notoriedade o fato de que um mandado que retirava o fugitivo da custódia do delegado federal não pôde ser cumprido, por ausência de forças suficientes para implementá-lo.

Eu julgava até então que o governador era, em certo sentido, o funcionário executivo do estado; que era seu papel, como governador, fazer com que as leis desse estado fossem executadas; desde que, como homem, tomasse cuidado para que, ao agir assim, não violasse as leis da humanidade; mas quando surge uma utilidade importante para ele, o governador é inútil, ou pior que inútil, e permite que as leis permaneçam sem execução. Talvez eu não saiba quais são os deveres de um governador; mas se ser governador exige submeter-se a tanta ignomínia sem remédio, se significa pôr um freio à própria hombridade, jamais desejarei ser governador de Massachusetts. Não li em profundidade os estatutos desta Comunidade de estados. Não vale a pena sua leitura. Eles nem sempre dizem a verdade; e nem sempre querem dizer o que dizem. O que me preocupa é saber que a influência e a autoridade desse homem ficaram do lado do proprietário de

escravos, e não do lado do escravo — do culpado, não do inocente — da injustiça, não da justiça. Nunca vi a pessoa de quem falo; de fato, nem sabia que ele era governador até esse evento ocorrer. Ouvi falar dele e de Anthony Burns<sup>d</sup> ao mesmo tempo, e será assim, sem dúvida, que a maioria se lembrará dele. Eu não poderia estar mais distante de ser governado por ele. Não quero dizer que o desabone o fato de eu não ter ouvido falar dele, apenas que eu ouvi o que ouvi. O mínimo que posso dizer é que ele não se mostrou nem um pouco melhor do que a maioria de seus eleitores provavelmente se mostraria. Em minha opinião, não estive à altura da ocasião.

Toda a força militar do estado está a serviço de um tal sr. Suttle, um proprietário de escravos da Virgínia, para permitir-lhe capturar um homem que ele chama de sua propriedade; mas nem um único soldado é oferecido para salvar um cidadão de Massachusetts de ser sequestrado! É para isso que servem todos esses soldados, foi para isso que serviu todo o seu *treinamento* nos últimos 79 anos? Foram treinados meramente para usurpar o México e trazer escravos fugidos de volta a seus senhores?

Nas últimas noites ouvi rufar de tambores em nossas ruas. Havia homens *treinando* ainda; e para quê? Eu poderia perdoar sem esforço os galos de Concord por ainda estarem cantando, pois talvez eles tivessem perdido a hora pela manhã; mas não pude perdoar aquele batuque dos “treinadores”. O escravo foi levado de volta por gente como aquela, isto é, pelo soldado, de quem o melhor que se pode dizer a esse propósito é que se trata de um idiota tornado notável pela farda colorida.

Três anos atrás, também, apenas uma semana depois de as autoridades de Boston se unirem para levar de volta à escravidão um homem inocente — e que eles sabiam ser inocente —, os habitantes de Concord fizeram os sinos repicarem e os canhões serem disparados para comemorar sua liberdade — e a coragem e o amor à liberdade de seus antepassados que lutaram na ponte.<sup>e</sup> Como se *aqueles* 3 milhões tivessem lutado pelo direito de serem, eles próprios, livres, mas mantendo na escravidão outros 3 milhões. Hoje em dia os homens vestem um barrete de bufão e o chamam de barrete da liberdade. Não sei não, mas penso que há alguns que, se fossem amarrados num

pelourinho e só tivessem uma das mãos livre, usá-la-iam para tocar os sinos e disparar os canhões, para celebrar a liberdade *deles*. Assim, alguns de meus concidadãos tomaram a liberdade de tocar sinos e disparar canhões. Era essa a medida da sua liberdade, e quando o som dos sinos desapareceu, também desapareceu sua liberdade; quando a pólvora se dissipou, sua liberdade virou fumaça.

A piada não seria mais direta se os prisioneiros das cadeias se juntassem para comprar toda a pólvora usada nessas salvas, e contratassem os carcereiros para disparar os tiros e tocar os sinos por eles, enquanto eles assistiriam ao espetáculo através das grades.

Foi isso o que eu pensei dos meus concidadãos.

Cada habitante humano e inteligente de Concord, ao ouvir aqueles sinos e canhões, não sentiu orgulho pelos eventos de 19 de abril de 1775, mas sim vergonha nos de 12 de abril de 1851. Mas agora enterramos em parte aquela velha vergonha sob uma nova.

O estado de Massachusetts esperou sentado pela decisão do sr. Loring, como se esta de algum modo pudesse afetar sua própria culpabilidade. O crime do estado, o mais proeminente e fatal de todos, foi o de permitir que o sr. Loring fosse o juiz de tal caso. Tratava-se, na verdade, do julgamento de Massachusetts. A cada instante em que o estado hesitou em libertar aquele homem — a cada instante em que agora hesita em expiar esse seu crime, ele se condena mais. O encarregado de seu caso é Deus; não um João da Silva Deus, mas simplesmente Deus.

Gostaria que meus compatriotas levassem em consideração que, qualquer que seja a lei humana, não há um indivíduo sequer, ou uma nação sobre a Terra, que possa cometer o mais mínimo ato de injustiça contra o mais obscuro dos indivíduos sem sofrer um castigo por isso. Um governo que deliberadamente pratica a injustiça, e nela persiste, acabará por se tornar alvo do sarcasmo do mundo.

Muito já se falou acerca da escravidão norte-americana, mas penso que ainda nem sequer nos demos conta do que vem a ser a escravidão. Se eu propusesse seriamente ao Congresso a transformação da humanidade em salsichas, não tenho dúvida de que a maioria dos parlamentares riria da minha proposta, e se porventura algum deles acreditasse que eu estava falando sério, pensaria que a minha proposta

era pior do que qualquer coisa que o Congresso já tivesse feito. Mas se um deles me dissesse que transformar um homem em salsicha seria muito pior, ou mesmo só um pouco pior, do que convertê-lo em escravo, e do que adotar a Lei do Escravo Fugitivo, eu o acusaria de estupidez, de incapacidade intelectual, por distinguir duas coisas que não têm diferença alguma. Uma proposta é tão razoável quanto a outra.

Ouçõ muitos falarem sobre pisotear essa lei. Ora, não é preciso muito esforço para isso. Essa lei não está à altura da cabeça ou da razão; seu habitat é a lama. Ela nasceu, cresceu e passa sua vida no pó e no barro, ao nível dos pés, e aquele que anda livremente e não evita, com misericórdia hindu, pisar nos mais reles répteis peçonhentos, inevitavelmente passará por cima dela, portanto a pisoteará — e junto com ela pisoteará também Webster,<sup>f</sup> seu criador, como se fossem o verme e a sujeira grudada nele.

Eventos recentes são valiosos como crítica à administração da justiça em nosso meio, ou, antes, como exposição dos verdadeiros recursos da justiça em uma comunidade qualquer. Chegamos a um ponto em que os amigos da liberdade, os amigos dos escravos, estremeceram ao compreender que a decisão sobre seu destino estava nas mãos dos tribunais legais do país. Homens livres não têm confiança alguma de que a justiça prevalecerá num caso assim; o juiz pode decidir desta ou daquela maneira; é uma espécie de acaso, na melhor das hipóteses. É evidente que ele não é uma autoridade competente num caso tão importante. Não é hora, então, de julgar de acordo com os precedentes, mas de estabelecer um precedente para o futuro. Prefiro antes confiar no sentimento do povo. Em seus votos encontraremos pelo menos alguma coisa de certo valor, ainda que pequeno; caso contrário, ficamos restritos apenas ao julgamento limitado de um indivíduo, sem significado algum.

É até certo ponto fatal para os tribunais quando as pessoas são compelidas a deixá-los para trás. Não quero crer que os tribunais tenham sido feitos apenas para tempos tranquilos e para causas triviais — mas imagine deixar a cargo de qualquer tribunal do mundo decidir se mais de 3 milhões de pessoas, no caso a sexta parte de uma nação, têm ou não o direito de ser homens livres! Entretanto, a

questão foi entregue aos assim chamados tribunais de *justiça* — à Suprema Corte do país — e, como os senhores todos sabem, sem reconhecer autoridade alguma que não a da Constituição, foi decidido que os 3 milhões são, e devem continuar sendo, escravos. Juizes como esses são meramente os inspetores das ferramentas de um ladrão e assassino, empenhados em lhe dizer se elas estão em boas condições de funcionamento ou não, e julgam que aí termina sua responsabilidade. Havia nos autos um caso anterior, que eles, como juizes designados por Deus, não tinham o direito de omitir, e que, se tivesse sido decidido com justeza, tê-los-ia poupado desta humilhação. Era o caso do próprio assassino.

A lei nunca tornará livres os homens; são os homens que precisam tornar livre a lei. São amantes da lei e da ordem os que as observam quando o governo as viola.

Entre seres humanos, o juiz cujas palavras selam o destino de um homem pela eternidade afora não é somente aquele que pronuncia o veredicto da lei, mas também aquele, seja ele quem for, que por amor à verdade e isento de preconceitos ditados pelos costumes ou decretos dos homens, emite uma opinião verdadeira ou uma *sentença* a seu respeito. É ele que o *sentencia*. Quem quer que tenha discernido a verdade recebeu sua autoridade de uma fonte mais elevada do que a mais elevada justiça terrena, que só é capaz de discernir a lei. Ele se vê constituído em juiz do juiz. O estranho é que seja necessário afirmar verdades tão simples.

Estou cada vez mais convencido de que, com referência a qualquer questão pública, é mais importante saber o que o campo pensa dela do que o que pensa a cidade. A cidade não *pensa* muito. Em qualquer questão moral, mais me vale ouvir a opinião de Boxboro<sup>8</sup> do que as de Boston e Nova York juntas. Quando é aquele vilarejo que fala, sinto que alguém *falou de fato*, como se ainda existisse uma *humanidade*, e que um ser razoável afirmou seus direitos — como se alguns homens isentos de preconceitos em meio às montanhas do interior tivessem enfim voltado sua atenção para o tema, e mediante umas poucas palavras sensatas redimissem a reputação de sua raça. Quando, em alguma obscura cidade do interior, os lavradores se reúnem num encontro especial de cidadãos para expressar sua opinião acerca de

algum tema que aflige o país, isso, acho eu, é o verdadeiro Congresso, o mais respeitável que já se reuniu nos Estados Unidos.

É evidente que existem, pelo menos nos estados desta Comunidade, dois partidos, cada vez mais distintos — o partido da cidade e o partido do campo. Sei que o campo é bastante medíocre, mas acredito firmemente que haja uma ligeira diferença a seu favor. Porém, até agora ele dispõe de poucos órgãos, ou quase nenhum, através dos quais se possa expressar. Os editoriais que ele lê, assim como as notícias, vêm do litoral. É preciso que nós, habitantes do campo, cultivemos o autorrespeito. Não vamos encomendar à cidade grande nada mais que tecidos finos e mantimentos; se for para ler as opiniões da metrópole, pelo menos que tenhamos também nossas próprias opiniões.

Entre as medidas a serem adotadas, sugiro uma ofensiva séria e vigorosa contra a imprensa, tal como já foi empreendida, com bastante efeito, contra a Igreja. A Igreja progrediu muito em poucos anos; mas a imprensa é, quase sem exceção, corrupta. Acredito que, neste país, a imprensa exerce uma influência maior e mais perniciosa do que a exercida pela Igreja em seu pior período. Não somos um povo religioso, mas uma nação de políticos. Não damos importância à Bíblia, mas sim ao jornal. Em qualquer reunião de políticos — como a que ocorreu em Concord outra noite, por exemplo —, como soaria impertinente citar a Bíblia! E como soa pertinente citar um jornal ou a Constituição! O jornal é uma Bíblia que lemos a cada manhã e a cada tarde, de pé ou sentados, caminhando ou a cavalo. É uma Bíblia que cada homem carrega no bolso, que repousa em cada mesa e balcão, e que o correio, e milhares de missionários, estão entregando continuamente. É, em suma, o único livro que a América imprimiu, e o único que a América lê. Sua influência é vastíssima. O editor é um sacerdote que as pessoas sustentam voluntariamente. O dízimo, em geral, é de um centavo por dia, e não é preciso pagar pelo aluguel do banco da igreja. Mas quantos desses sacerdotes pregam a verdade? Repito o testemunho de muitos estrangeiros inteligentes, bem como minhas próprias convicções, quando digo que provavelmente país algum jamais foi governado por uma classe tão vil de tiranos como são, com poucas e nobres exceções, os editores da imprensa periódica

*deste* país. E como eles vivem e reinam de acordo apenas com seu servilismo, e apelando para o que há de pior, e não de melhor, na natureza humana, as pessoas que os leem estão na condição do cão que volta a comer o que acabou de vomitar.

O *Liberator* e o *Commonwealth* foram, até onde eu sei, os únicos jornais de Boston que manifestaram sua condenação à covardia e à vileza exibidas pelas autoridades daquela cidade em 1851. Os outros jornais, quase sem exceção, por sua maneira de se referir à Lei do Escravo Fugitivo e à recaptura do escravo Simms, insultaram o bom senso do país, para dizer o mínimo. E, em sua maior parte, fizeram isso, poder-se-ia dizer, porque julgaram conseguir assim a aprovação de seus patronos, sem se dar conta de que um sentimento mais profundo predominava no coração da Comunidade. Contam-me que alguns deles melhoraram nos últimos tempos; mas eles são ainda essencialmente oportunistas. Essa é a reputação que conquistaram.

Mas, por sorte, esse sacerdote pode ser atingido mais facilmente pelas armas do reformador do que o sacerdote infiel. Para matar de uma vez só uma porção deles, os homens livres da Nova Inglaterra só precisam abster-se de comprar e ler esses jornais, negando-lhes seus centavos. Alguém que eu respeito me contou que comprou no trem o *Citizen*, de Mitchell, e o jogou pela janela. Mas será que o seu desprezo não teria sido expresso de maneira mais incisiva se ele simplesmente não o tivesse comprado?

Serão americanos? Serão naturais da Nova Inglaterra? Serão habitantes de Lexington, de Concord, de Framingham, os que leem e sustentam o *Boston Post*, o *Mail*, o *Journal*, o *Advertiser*, o *Courier* e o *Times*? Serão essas as bandeiras da nossa União? Não sou um leitor de jornais, e posso estar omitindo os nomes dos piores deles.

Nem mesmo a escravidão sugere, talvez, um servilismo mais completo do que o exibido por alguns desses jornais. Existe imundície que a conduta deles não lamba, e que não torne ainda mais imunda com sua saliva? Não sei se o *Herald* de Boston ainda existe, mas me lembro de tê-lo visto nas ruas quando Simms estava sendo levado de volta a seu dono. O jornal não cumpriu bem seu papel? Não serviu fielmente a seu amo? Como poderia ter rastejado mais? Como pode um homem se rebaixar mais do que sua própria baixeza? Fazer mais

do que baixar a cabeça ao nível dos pés, fazer da cabeça sua extremidade mais baixa? Ao erguer aquele jornal com as duas mãos, eu ouvia o gorgolejo do esgoto atravessando cada coluna. Sentia que estava segurando um papel tirado dos bueiros da cidade, uma folha arrancada do evangelho da casa de jogo, da taverna e do bordel, em harmonia com o evangelho da bolsa de mercadorias.

Em sua maioria, os homens do Norte, do Sul, do Leste e do Oeste não são homens de princípios. Quando votam, eles não mandam representantes ao Congresso para cumprir missões humanitárias; enquanto seus irmãos e irmãs são açoitados e enforcados por amar a liberdade — e aqui eu poderia inserir tudo o que a escravidão implica e representa —, é com a má gestão da madeira, do ferro e do ouro que eles estão preocupados. Faça o que quiser, ó Governo, com minha esposa e meus filhos, minha mãe e meu irmão, meu pai e minha irmã, obedecerei aos seus mandamentos ao pé da letra. Claro que me afligirei se você os ferir, se os entregar aos capatazes, para ser caçados pelos cães ou açoitados até a morte; mas mesmo assim seguirei pacificamente a profissão que escolhi nesta bela terra, até que um dia, quem sabe, quando tiver pranteado a morte deles, eu possa convencê-lo a se abrandar. Tal é a atitude, tais são as palavras de Massachusetts.

Em vez de fazer isso, nem preciso dizer que fósforo eu acenderia, que sistema eu tentaria explodir — mas, por amar a minha vida, ficaria do lado da luz e deixaria a terra escura rolar sob meus pés, chamando minha mãe e meu irmão a me seguirem.

Eu lembraria a meus compatriotas que eles devem ser antes de tudo homens, e só depois, no momento adequado, americanos. Não importa quão valiosa possa ser a lei para proteger sua propriedade, ou mesmo para garantir a integridade de seu corpo e sua alma, se ela não mantiver a pessoa unida à humanidade.

Lamento dizer que duvido que exista um juiz em Massachusetts disposto a renunciar ao cargo, e a ganhar a vida inocentemente, toda vez que se exija dele emitir uma sentença com base numa lei que é simplesmente contrária à lei de Deus. Sou obrigado a constatar que eles se colocam — ou antes, são assim mesmo, por sua própria natureza — exatamente no mesmo plano do fuzileiro naval que dispara seu mosquete na direção que lhe ordenarem. São mais

instrumentos do que propriamente homens. Com certeza não merecem mais respeito pelo fato de seu amo escravizar seu entendimento e sua consciência, e não o seu corpo.

Os juizes e advogados — apenas como tais, quero dizer — e todos os espertalhões julgam um caso desses com base em padrões muito baixos e incompetentes. Eles não avaliam se a Lei do Escravo Fugitivo é justa, mas se é o que eles chamam de *constitucional*. Constitucional é a virtude ou o vício? A equidade ou a iniquidade? Em questões morais e vitais como esta, perguntar se uma lei é ou não constitucional é tão fora de propósito quanto perguntar se ela é ou não lucrativa. Eles insistem em ser os servidores dos piores entre os homens, e não os servidores da humanidade. A questão não é saber se o nosso avô, setenta anos atrás, fez um acordo para servir o diabo, e se esse serviço está ou não sendo cumprido devidamente; a questão é saber se nós agora, finalmente, serviremos a Deus — a despeito de nossa covardia pregressa, ou da covardia do nosso antepassado —, obedecendo à única CONSTITUIÇÃO eterna e justa, que Ele, e não Jefferson ou Adams, escreveu em nosso ser.

O resultado disso é que, se a maioria decidir pelo voto que o diabo passa a ser Deus, a minoria se resignará a viver e comportar-se de acordo com isso, confiando que em algum momento, por obra do voto em um grande Orador, talvez se possa recolocar Deus em seu lugar. Este é o princípio mais elevado que posso inferir ou inventar para meus concidadãos. Esses homens agem como se acreditassem poder deslizar seguramente morro abaixo por um pequeno trecho — ou uma grande distância — e chegar ilesos a um lugar de onde poderão, depois, começar a deslizar de volta morro acima. É a lei do menor esforço, a escolha do caminho que oferece os menores obstáculos para os pés, isto é, o caminho morro abaixo. Mas não se pode realizar uma reforma íntegra e honrada mediante o uso do “menor esforço”. Não há como deslizar morro acima. No campo da moral, os únicos esquis que existem deslizam para trás.<sup>h</sup>

Desse modo adoramos a riqueza material, bem como a escola, o Estado e a Igreja, e no sétimo dia blasfemamos contra Deus com um grande rebuliço de uma ponta a outra da União.

Será que a humanidade nunca vai entender que estratégia não é moralidade — que ela nunca assegura qualquer direito moral, mas se limita a levar em conta apenas o que é conveniente? Que ela escolhe o candidato à mão, que é invariavelmente o diabo? Ora, que direito têm seus eleitores de ficar surpresos quando o diabo não se comporta como um anjo de luz? O que faz falta são homens constituídos não de astúcia, mas de probidade, que reconheçam uma lei mais elevada que a Constituição ou que a decisão da maioria. O destino do país não depende de como votamos nas eleições — nesse jogo o pior dos homens se equipara ao melhor —, não depende do tipo de papel que colocamos na urna uma vez por ano, mas do tipo de homem que cada um de nós coloca na rua ao sair de casa a cada manhã.

O que deveria preocupar Massachusetts não é a Lei de Nebraska, nem a Lei do Escravo Fugitivo, mas sua própria escravatura e servilismo. Que o estado dissolva sua união com os proprietários de escravos. Ele pode oscilar e hesitar, pode pedir licença para ler mais uma vez a Constituição; mas não pode encontrar nenhuma lei ou precedente respeitável que endosse sequer por um instante a continuação de semelhante união.

Que cada habitante do estado dissolva sua união com ele enquanto ele postergar o cumprimento de seu dever.

Os eventos do último mês me ensinam a desconfiar da Fama. Percebo que, em vez de discernir cuidadosamente, ela prefere a aclamação vulgar. Não leva em consideração o heroísmo de uma ação em si, mas apenas sua conexão com as consequências aparentes. Fica rouca de tanto louvar a proeza fácil do Boston Tea Party,<sup>i</sup> mas em comparação silencia a respeito do ataque mais corajoso e desinteressadamente heroico ao Tribunal de Justiça de Boston, simplesmente porque não teve êxito!

Coberto de vergonha, o Estado ficou sentado calmamente enquanto eram decididos no tribunal o destino e as liberdades dos homens que tentaram realizar por ele aquilo que era seu dever. E chamam a isso de *justiça*! Aqueles que demonstraram comportar-se especialmente bem poderão, quem sabe, ser presos *por bom comportamento*. Aqueles a quem a verdade exige no momento que se declarem culpados são, entre todos os habitantes do estado, os mais notoriamente inocentes.

Enquanto o governador, o prefeito e incontáveis autoridades da Comunidade de estados estão soltos, os defensores da liberdade estão na prisão.

Os únicos isentos de culpa são os que cometem o crime de desprezar um tribunal assim. Cabe a todo homem cuidar para que sua influência esteja do lado da justiça, e os tribunais que tomem suas decisões. Minhas simpatias neste caso estão inteiramente com os acusados, e inteiramente contra os acusadores e juizes. A justiça é doce e musical; a injustiça é desarmônica e dissonante. O juiz ainda senta diante do seu órgão e aciona a manivela, mas não produz música alguma, e só o que ouvimos é o som produzido pela manivela. Ele crê que toda música reside na manivela, e a multidão atira-lhe suas moedas como antes.

Os senhores supõem que o estado de Massachusetts, que agora está fazendo essas coisas — hesita em honrar esses acusados, cujos advogados e talvez até juizes podem ser levados a refugiar-se em picuinhas para não ultrajar completamente seu senso instintivo de justiça —, os senhores supõem que esse estado é algo mais do que abjeto e servil? Que ele é o paladino da liberdade?

Mostrem-me um estado livre, e um tribunal que seja realmente de justiça, e eu lutarei por eles, se for necessário; mas mostrem-me Massachusetts e eu lhe recusarei minha submissão e expressarei desprezo por seus tribunais.

O resultado de um bom governo é tornar a vida mais valiosa — o de um mau governo é torná-la menos valiosa. Podemos suportar que as ferrovias, e todos os outros bens meramente materiais, percam um pouco de seu valor, pois isso só nos obrigará a viver de modo mais simples e econômico; mas suponham que o valor da própria vida tivesse que ser diminuído! Como querer menos do homem e da natureza, como viver de modo mais econômico do que fazemos no que diz respeito à virtude e às qualidades nobres? De um mês para cá tenho vivido — e creio que todo homem de Massachusetts capaz do sentimento de patriotismo deve vivenciar uma experiência semelhante — com a sensação de ter sofrido uma perda enorme e indefinida. Não identifiquei de início o que me afligia. Ocorreu-me, por fim, que o que eu perdi foi um país. Nunca respeitei o governo sob o qual eu vivia,

mas pensei toalmente que pudesse viver aqui, ocupado com meus assuntos pessoais, e esquecê-lo. De minha parte, minhas velhas e mais valiosas atividades perderam não sei dizer quanto de seu atrativo, e sinto que meu investimento na vida aqui vale muitos pontos percentuais a menos desde a última vez que Massachusetts mandou deliberadamente de volta à escravidão um homem inocente, Anthony Burns. Antes disso eu vivia, talvez, na ilusão de que minha vida se passava em algum lugar *entre* o céu e o inferno, mas agora não posso me convencer de que não vivo *completamente dentro* do inferno. O território dessa organização política chamada Massachusetts está, para mim, coberto moralmente de cinzas e lava vulcânica, tal como Milton descreve as regiões infernais. Se existe um inferno mais desprovido de princípios que os nossos governantes, e que nós, os governados, sinto curiosidade em conhecê-lo. Se a vida vale menos, todas as coisas que fazem parte dela, ou que para ela concorrem, também perdem valor. Suponhamos que o senhor tenha uma pequena biblioteca, com quadros para adornar as paredes e um jardim ao redor, e que tenha aspirações literárias, científicas etc., e que descubra de repente que sua propriedade, com tudo o que há nela, está localizada no inferno, e que o juiz de paz tem o casco fendido e um rabo bifurcado — essas coisas todas não perderiam subitamente seu valor a seus olhos?

Sinto que, até certo ponto, o Estado tem interferido fatalmente em minhas atividades legítimas. Ele não apenas barrou minha passagem pela rua do Tribunal, a caminho das compras, mas interrompeu também o meu caminho e o de todo homem que quisesse andar para um lado ou para outro e se afastar da rua do Tribunal. Com que direito o Estado me faz lembrar da rua do Tribunal? Descobri que era oco aquilo que eu mesmo julgara ser sólido.

Fico surpreso ao ver homens cuidando de seus afazeres como se nada tivesse acontecido. Digo a mim mesmo: Infelizes! Não ouviram as notícias. Surpreende-me que o homem que acabei de ver montado sobre o seu cavalo empenhe-se tão seriamente em arrebanhar suas vacas desgarradas, já que toda propriedade é insegura e, mesmo que não se desgarrarem, elas podem ser tiradas dele a qualquer momento. Tolo! Não sabe, por acaso, que suas sementes de milho estão valendo

menos este ano? Não sabe que todas as boas colheitas malogram à medida que a pessoa se aproxima do império do Mal? Nenhum homem prudente construirá um depósito sob tais circunstâncias, ou se empenhará em um empreendimento pacífico que demande um longo tempo para vingar. A arte é duradoura como sempre foi, mas a vida está mais truncada e menos disponível para as atividades respeitáveis de um homem. Esta não é uma época de tranquilidade. Já esgotamos toda a liberdade que herdamos. Se quisermos salvar nossas vidas, devemos lutar por elas.

Caminho em direção a um de nossos lagos, mas o que significa a beleza da natureza quando os homens são ignóbeis? Vamos até os lagos para ver nossa serenidade refletida neles; quando não estamos serenos, não vamos até eles. Quem pode estar sereno num país em que governantes e governados são desprovidos de princípios? A lembrança de meu país estraga minha caminhada. Meus pensamentos são de assassinar o Estado, e involuntariamente tramam contra ele.

Mas aconteceu outro dia de eu me deparar com um lírio do pântano. A estação que eu esperava chegou. É o emblema da pureza. Nasce tão puro e belo aos nossos olhos, e de aroma tão suave, como para nos mostrar que a pureza e a doçura residem no lodo da terra, e dele podem ser extraídas. Acho que colhi o primeiro que brotou num raio de dois quilômetros. Que confirmação de nossas esperanças está contida na fragrância dessa flor! Graças a ela não perderei tão cedo a esperança no mundo, apesar da escravidão, da covardia e da falta de princípios dos homens do Norte. Ela sugere o tipo de lei que prevaleceu por mais tempo e mais amplamente, e ainda prevalece, e chegará o dia em que os atos dos homens venham a ter um perfume doce assim. Tal é o aroma que a planta emite. Se a Natureza ainda é capaz de produzir essa fragrância a cada ano, devo considerar que ela continua jovem e cheia de vigor, com sua integridade e seu espírito intactos, e que existe virtude até mesmo no homem, que tem condições de percebê-la e amá-la. A flor me faz lembrar que a Natureza não compactuou com nenhum Compromisso do Missouri.<sup>j</sup> Não sinto o cheiro de nenhum compromisso na fragrância do lírio do pântano. Ele não é uma *Nimphaea douglassii*. Nele, aquilo que é doce, puro e inocente é completamente apartado do que é obscuro e maligno. Não

sinto nele o cheiro da indecisão oportunista de um governador de Massachusetts ou de um prefeito de Boston. Sendo assim, ajam de modo a fazer com que o aroma de suas ações realce a doçura geral da atmosfera, para que, ao sentir a fragrância de uma flor, não sejamos forçados a lembrar o quanto suas ações são incongruentes com ela; pois todo odor não é senão uma forma de anunciar uma qualidade moral, e se não tivessem sido realizadas boas ações, o lírio não teria um aroma doce. O lodo malcheiroso representa a indolência e a depravação do homem, a deterioração da humanidade; a flor aromática que brota dele representa a pureza e a coragem, que são imortais.

A cada ano, a escravidão e o servilismo não produzem nenhuma flor de aroma doce, para encantar os sentidos dos homens, pois não têm uma verdadeira vida: são meramente decomposição e morte, repulsivas a qualquer narina saudável. Não protestamos contra o fato de *existirem*, mas sim de não terem sido *enterrados*. Que os vivos os enterrem; até mesmo eles servem como adubo.

---

a- Também chamado de Compromisso do Missouri. Ver nota à p. 79.

b- A “Tragédia de Simms” foi uma causa célebre do abolicionismo norte-americano. Refere-se ao caso do escravo Thomas Simms, que fugiu de uma plantação na Georgia e viveu um tempo em Boston, Massachusetts. Preso com base na Lei do Escravo Fugitivo em abril de 1851, foi devolvido a seu proprietário, depois de um julgamento rumoroso e sob protestos dos abolicionistas. Vendido a outro dono no Mississippi, fugiu de novo e voltou para Boston em 1863, portanto depois da presente palestra de Thoreau.

c- No original, *Commonwealth*, isto é, a união de quatro estados norte-americanos: Massachusetts, Kentucky, Pensilvânia e Virgínia.

d- Anthony Burns (1834-62) foi um escravo nascido em Stafford, na Virgínia. Tornou-se sacerdote batista na juventude e fugiu de seu proprietário. Com a aprovação, em 1850, da Lei do Escravo Fugitivo, que permitia a captura de escravos nos estados do norte que já haviam abolido a escravidão, Burns foi preso e julgado em Boston, num caso que gerou muita polêmica e agitação abolicionista, incluindo

um ataque contra o Tribunal de Justiça e o delegado federal. Tropas federais garantiram o embarque de Burns num barco para voltar à Virgínia. Teve depois sua liberdade comprada por simpatizantes de Boston e foi servir como pastor batista no Canadá.

e- Referência à North Bridge, ponte sobre o rio Concord, em Concord, Massachusetts, um dos locais onde se travou em 1875 a histórica Batalha de Concord, no início da Guerra de Independência dos Estados Unidos.

f- Daniel Webster (1782-1852): como senador por Massachusetts e, posteriormente, secretário de Estado dos Estados Unidos, Webster foi um dos artífices da Lei do Escravo Fugitivo, de 1850.

g- Corruptela de Boxborough, cidadezinha do condado de Middlesex, em Massachusetts.

h- Há no original um jogo de palavras intraduzível, pois Thoreau usa o vocábulo *backslider*, que significa “apóstata” (aquele que renega uma fé), mas que, no contexto, dá também a ideia de algo ou alguém que desliza para trás.

i- Boston Tea Party: ação levada a cabo em Boston por colonizadores de Massachusetts contra o governo britânico e seu monopólio sobre a importação de chá para as colônias. Em 16 de dezembro de 1773, eles invadiram barcos carregados de chá e jogaram a carga no estuário de Boston.

j- O Compromisso do Missouri foi um acordo firmado em 1820 entre facções favoráveis e contrárias à escravidão nos Estados Unidos, referente à regulação do trabalho escravo nos territórios do Oeste.

## Caminhar

[1862]

Quero dizer uma palavra em favor da Natureza, da liberdade absoluta e do estado selvagem, em contraste com uma liberdade e uma cultura meramente civis — tomando o homem como um habitante, uma parte, um quinhão da Natureza, mais do que como um membro da sociedade. Desejo fazer uma declaração extremada, se possível enfática, pois já há paladinos da civilização suficientes: o sacerdote, o comissário escolar e cada um dos senhores se encarregam disso.

Ao longo da vida não conheci mais do que uma ou duas pessoas que tivessem compreendido a arte de Caminhar, isto é, de fazer caminhadas — que tivessem o espírito, por assim dizer, da *perambulação*, cuja bela palavra em inglês, *sauntering*, deriva lindamente “das pessoas ociosas que vagavam pelo interior, na Idade Média, e pediam esmolas a pretexto de se dirigirem *à la Sainte Terre*”, à Terra Santa, até que as crianças começaram a exclamar: “Lá vai um *Sainte-Terrer*”, um *saunterer*. Aqueles que nunca vão à Terra Santa em suas caminhadas, mesmo que finjam fazê-lo, são de fato meros desocupados e vagabundos; mas aqueles que vão em direção a ela são os *saunterers* no bom sentido que dou à palavra. Há, no entanto, quem sustente que a palavra deriva de *sans terre*, sem terra ou sem lar, o que, portanto, no bom sentido, significará o que não tem um lar específico, mas se sente em casa em toda parte. Pois esse é o sucesso da perambulação bem-sucedida. Aquele que fica sentado em casa o tempo todo pode ser o maior dos errantes; mas o *saunterer*, no bom sentido, não é mais errante do que o rio sinuoso, que entretanto está sempre buscando laboriosamente o caminho mais curto para o mar. Mas eu prefiro a primeira etimologia da palavra, que é, de fato, a mais provável. Pois cada caminhada é uma espécie de cruzada, proclamada por algum Pedro o Eremita dentro de nós, para reconquistar esta Terra Santa das mãos dos infieis.

É verdade que não passamos de cruzados medrosos, mesmo os andarilhos, que hoje em dia não abraçam mais nenhuma missão perseverante e sem fim. Nossas expedições não são mais do que

passeios, que terminam à noitinha de volta às imediações do velho lar de onde partimos. Metade da caminhada se resume ao retorno pela mesma trilha. Deveríamos aproveitar, quem sabe, até mesmo a mais curta das caminhadas, no espírito da aventura infinita, para nunca mais voltar — preparados para mandar de volta a nossos desolados reinos apenas nossos corações embalsamados, na qualidade de relíquias. Se você está pronto para abandonar pai e mãe, irmão e irmã, esposa, filhos, amigos, e jamais tornar a vê-los — se pagou suas dívidas, redigiu seu testamento, pôs seus assuntos em ordem e é um homem livre, então está pronto para uma caminhada.

Para ficar na minha própria experiência, meu companheiro de caminhada e eu — pois às vezes tenho um companheiro — deleitamo-nos em imaginar que somos membros de uma nova, ou antes de uma velha ordem — não de cavaleiros equestres, nem fidalgos, apenas andarilhos, uma classe ainda mais antiga e honorável, creio. O espírito heroico e cavalheiresco que outrora pertenceu ao cavaleiro equestre agora parece residir — ou antes subsistir — no andarilho. Não o Cavaleiro, mas o Andarilho Errante. Ele é uma espécie de quarto estado, ao lado da Igreja, do Estado e do Povo.

Temos a impressão de que somos quase os únicos nas redondezas a praticar essa nobre arte; apesar de que, a bem da verdade, pelo menos se levarmos em conta o que diz a maioria de nossos concidadãos, eles caminhariam de bom grado, como eu, só que não podem. Não há riqueza capaz de comprar o tempo livre, a liberdade e a independência necessários, que são o cabedal nessa profissão. Eles vêm apenas pela graça de Deus. Tornar-se um andarilho requer uma decisão direta dos Céus. É preciso ter nascido na família dos Andarilhos. *Ambulator nascitur, non fit.* É verdade que alguns de meus concidadãos são capazes de lembrar e descrever para mim algumas caminhadas que fizeram dez anos atrás, nas quais tiveram a bênção de se perder por meia hora nos bosques; mas sei muito bem que desde então eles se restringiram à estrada principal, malgrado as pretensões que possam ter de pertencer a essa seleta classe. Eles sem dúvida sentiram-se enlevados por um momento pela reminiscência de um nível anterior da existência, no qual chegaram a ser mateiros e proscritos.

Quando ele chegou à floresta verde,  
Numa alegre manhã,  
Ouvii as singelas notas  
De pássaros a cantar alegremente.  
“Faz muito tempo”, disse Robyn,  
“Que estive aqui pela última vez;  
Quero ficar mais um pouco  
Para atirar na corça marrom”.<sup>a</sup>

Penso que não sou capaz de preservar minha saúde e minha disposição se não passar pelo menos quatro horas por dia — e geralmente mais do que isso — perambulando pelos bosques, morros e campos, absolutamente livre de compromissos mundanos. Pode-se dizer com segurança: um tostão por seus pensamentos, ou mil libras. Quando às vezes lembro que os mecânicos e lojistas ficam em seus estabelecimentos não apenas toda a manhã, mas também a tarde inteira, muitos deles sentados de pernas cruzadas — como se as pernas tivessem sido feitas para que sentemos sobre elas, e não para caminharmos com elas —, penso que eles merecem algum crédito por não terem se suicidado há muito tempo.

Eu, que não posso ficar em meu quarto sequer por um dia sem enferrujar um pouco, e que me sinto como se tivesse cometido um pecado quando acabo saindo furtivamente para uma caminhada às quatro da tarde, ou seja, tarde demais para redimir o dia, quando as sombras da noite já começam a se misturar com a luz diurna, confesso que fico espantado com o poder de resignação, para não dizer de insensibilidade moral, de meus concidadãos que ficam confinados em suas lojas e escritórios o dia inteiro por semanas, meses, e até por anos a fio. Não sei de que matéria eles são feitos — sentados lá agora, às três da tarde, como se fossem três da madrugada. Bonaparte pode falar da coragem das três da madrugada, mas fazer uma guarnição a quem se está ligado por profundos laços de solidariedade romper o cerco do inimigo para não morrer de fome não é nada, comparado à coragem de quem permanece sentado alegremente às três da tarde diante da mesma pessoa que passou a manhã toda ali. O que me admira é que nessa hora, ou digamos entre as quatro e as cinco da

tarde, quando é tarde demais para os jornais matinais e cedo demais para os vespertinos, não se ouça uma explosão geral nas ruas, que espalhe aos quatro ventos, arejando-as, uma porção de antiquadas concepções e fantasias caseiras — de modo que o mal cure a si mesmo.

Não sei como as mulheres, confinadas à casa ainda mais do que os homens, aguentam; mas tenho motivos para suspeitar que a maioria delas não se *aguenta de pé*.<sup>b</sup> Quando, num início de tarde de verão, caminhamos pela cidade sacudindo a poeira do vilarejo da barra de nossas roupas e passamos depressa por aquelas casas com fachadas puramente dóricas ou góticas, que encerram uma atmosfera de repouso, meu companheiro me sussurra que àquela hora provavelmente todos os seus ocupantes foram para a cama. É então que aprecio a beleza e a glória da arquitetura, que nunca se recolhe, mas se expõe sempre ereta, velando o sono dos moradores.

Sem dúvida o temperamento, e sobretudo a idade, têm um bocado a ver com isso. À medida que um homem envelhece, aumenta sua capacidade de ficar sentado e desenvolver atividades sedentárias. Ele se torna vespertino em seus hábitos à medida que o crepúsculo da vida se aproxima, até que finalmente só sai de casa pouco antes do pôr do sol, e faz toda a caminhada de que necessita em meia hora.

Mas o caminhar de que falo não tem nada a ver com o que se chama de fazer exercício, como quem levanta halteres ou cadeiras, a exemplo do doente que toma seus remédios em horas determinadas; ele é em si o empreendimento e a aventura do dia. Se quer se exercitar, saia em busca das fontes da vida. Pense num homem que levanta pesos para ter saúde, quando essas fontes todas estão borbulhando em pastos distantes que ele nem procura!

Além disso, você deve andar como um camelo, que segundo consta é o único animal que ruma enquanto caminha. Quando um viajante pediu a uma criada de Wordsworth que lhe mostrasse o escritório de trabalho de seu patrão, ela respondeu: “Aqui é a biblioteca dele, mas seu escritório é ao ar livre”.

Viver muito ao ar livre, ao sol e ao vento sem dúvida produzirá uma certa aspereza de caráter — fará com que uma pele mais grossa cubra algumas das qualidades mais refinadas de nossa natureza, como ocorre

no rosto e nas mãos, ou como o duro trabalho manual rouba dos dedos um pouco de sua delicadeza de toque. Assim, a permanência em casa, por sua vez, pode produzir uma brandura e uma maciez, para não dizer fineza, de pele, acompanhada por uma sensibilidade aguçada a certas impressões. Talvez fôssemos mais suscetíveis a algumas influências importantes para o nosso crescimento intelectual e moral se sobre nós o sol e o vento tivessem batido um pouco menos; e sem dúvida é uma questão importante dosar com equilíbrio a pele fina e a pele grossa. Mas penso que haverá oportunamente uma descamação — que o remédio natural deve ser encontrado na proporção que a noite mantém com o dia, o inverno com o verão, o pensamento com a experiência. Haverá então tanto mais ar e luz do sol em nossos pensamentos. As palmas calejadas das mãos do operário entendem-se melhor com os finos tecidos do autorrespeito e do heroísmo, cujo toque comove o coração, do que os dedos lânguidos dos indolentes. Não passa de sentimentalismo o que faz alguém ficar deitado o dia inteiro e se julgar imaculado, longe dos calos e da pele curtida da experiência.

Quando caminhamos, naturalmente vamos aos campos e bosques: que seria de nós se só caminhássemos num jardim ou numa alameda urbana? Mesmo algumas seitas de filósofos sentiram a necessidade de trazer as árvores para perto deles, já que eles próprios não iam até os bosques. “Eles plantavam pomares e aleias de plátanos”, onde empreendiam *subdiales ambulationes* através de pórticos ao ar livre. Claro que não adianta direcionar nossos passos para o bosque, se eles próprios não nos levarem para lá. Fico alarmado quando percebo que meu corpo andou um quilômetro bosque adentro sem que meu espírito o acompanhasse. Em minha caminhada da tarde eu esqueço de bom grado minhas ocupações matinais e minhas obrigações para com a sociedade. Mas às vezes acontece de eu não conseguir me livrar facilmente do vilarejo. O pensamento sobre algum trabalho passa pela minha cabeça, e isso basta para que eu não esteja onde está meu corpo — fico fora de mim. Em minhas caminhadas gosto de voltar a mim. De que vale ir até o bosque se eu ficar pensando em algo que não está no bosque? Suspeito de mim mesmo, e não consigo deixar de

estremecer, inclusive quando me pego meditando no que se costuma chamar de boas ações — pois isso de vez em quando pode acontecer.

Minhas redondezas oferecem inúmeras boas caminhadas; e por mais que durante muitos anos eu tenha caminhado quase todos os dias, e às vezes por vários dias seguidos, ainda não exauri suas possibilidades. Uma vista inteiramente nova é uma grande felicidade, e ainda posso me deparar com uma numa tarde qualquer. Duas ou três horas de caminhada levam-me a um país tão estranho quanto o que sempre desejo ver. Uma simples casa de fazenda que nunca vi antes pode às vezes valer tanto quanto os domínios do Rei do Daomé. Há na verdade uma espécie de harmonia passível de ser descoberta entre as possibilidades de uma paisagem num raio de vinte quilômetros, ou entre os limites de uma caminhada vespertina, e os setenta anos de uma vida humana. Nenhum deles se tornará totalmente familiar a nós.

Hoje em dia quase todos os assim chamados melhoramentos, como a construção de casas e a derrubada de florestas e de todas as grandes árvores, simplesmente deformam a paisagem, tornando-a cada vez mais domesticada e reles. Ah, um povo que começasse por queimar as cercas e deixar a floresta em pé! Vi certa vez as cercas meio destruídas, com as pontas perdidas na campina, e um avarento vulgar procurando seus limites em companhia de um agrimensor. Enquanto os céus o rodeavam, ele não enxergava os anjos voando em volta, pois só tinha olhos para procurar um buraco de mourão no meio do paraíso. Olhei de novo e o vi em pé no meio de um charco sombrio, cercado de demônios, e ele sem dúvida encontrara a divisa de sua propriedade, três pequenas rochas, onde uma estaca tinha sido fincada, e olhando mais de perto vi que seu agrimensor era o Príncipe das Trevas.

Posso caminhar facilmente vinte, trinta, quarenta quilômetros e até mais, partindo da minha porta, sem passar por casa alguma, sem atravessar estrada alguma, exceto as trilhas feitas pela raposa e pela marta: primeiro ao longo do rio, depois à beira do riacho e por fim pela pradaria e pelo bosque. Há nas minhas redondezas quilômetros quadrados sem nenhum habitante. Do alto de muitos morros posso ver a civilização e as moradias dos homens à distância. Os fazendeiros e seus labores não são muito mais visíveis do que as marmotas e suas tocas. Os homens e suas ocupações, a Igreja, o Estado, a escola, o

comércio, a manufatura e a lavoura, até mesmo a política, que é o mais alarmante de tudo isso: fico contente em ver o espaço mínimo que essas coisas ocupam na paisagem. A política não passa de um campo estreito, e aquela estrada ali, ainda mais estreita, é que leva até ela. Às vezes direciono o viajante para lá. Se você quer chegar ao mundo da política, siga a estrada principal — siga aquele negociante ali, tomando no rosto a poeira que ele levanta, e você chegará lá; pois a política também tem meramente o seu lugar próprio, não ocupa todo o espaço. Passo por ela como quem passa por um campo de feijões para penetrar na floresta, e a esqueço em seguida. Em questão de meia hora posso andar até uma porção da superfície da Terra onde nenhum homem pisa durante o ano todo, e ali, por conseguinte, a política não está, porque ela não é mais do que a fumaça do charuto de um homem.

O vilarejo é o local para onde convergem os caminhos, uma espécie de estuário da estrada, como um lago formado por um rio. Ele é o corpo do qual as estradas são os braços e pernas — um trívio ou quadrívio, passagem e hospedaria dos viajantes. A palavra vem do latim, *villa*, que, assim como *via* (caminho) ou, mais remotamente, *ved* e *vella*, Varrão<sup>c</sup> deriva de *veho*, carregar, porque a *villa* é o lugar de onde e para onde as coisas são carregadas. Aqueles que ganhavam a vida transportando as mercadorias eram chamados *vellaturam facere*. Daí vem também, ao que parece, a palavra latina *vilis* e o nosso *vil*, bem como *vilão*. Isso sugere o tipo de degeneração a que os habitantes da vila estão propensos. Exauridos por tantas viagens que passam por eles, eles próprios não viajam.

Alguns não caminham nem um pouco; outros caminham nas estradas; só uns poucos atravessam terrenos. As estradas são feitas para cavalos e homens de negócios. Não trafego muito por elas, comparativamente, pois não tenho pressa de chegar a nenhuma taverna, quitanda, estábulo ou armazém. Sou um bom cavalo para viajar, mas não sou muito estradeiro. O pintor de paisagens usa figuras de homens para marcar uma estrada. Ele não usaria a minha figura para esse fim. Caminho para dentro de uma natureza semelhante àquela onde penetravam os velhos profetas e poetas, Manu, Moisés, Homero, Chaucer. Podem chamá-la de América, mas não é de fato a

América: nem Américo Vespúcio, nem Colombo, nem os outros foram seus descobridores. Encontra-se na mitologia uma descrição mais verdadeira dela do que em qualquer assim chamada história da América que eu tenha visto.

No entanto, há algumas poucas velhas estradas que podem ser trilhadas com proveito, como se levassem a algum lugar agora que estão quase fora de uso. Há, por exemplo, a Velha Estrada de Marlborough, que hoje em dia não vai até Marlborough, ao que me parece, a não ser que seja Marlborough esse lugar imaginário a que ela me leva. O que me dá ousadia para falar dela aqui é presumir que existam uma ou duas estradas como esta em cada cidade.

### A velha estrada de Marlborough

Onde outrora escavaram em busca de riqueza,  
Mas não encontraram nenhuma;  
Onde às vezes Martial Miles  
Marcha sozinho,  
E Elijah Wood também,  
Creio que sem proveito:  
E nenhum outro homem,  
Exceto Elisha Dugan, —  
Oh, homem de hábitos rústicos,  
De perdizes e coelhos,  
Cuja única preocupação  
É montar armadilhas,  
Que vive totalmente só,  
Junto ao cerne das coisas,  
E onde a vida é mais doce,  
Está sempre a comer.

Quando a primavera me agita o sangue  
Com o instinto de viajar,  
Sou capaz de percorrer muito cascalho  
Na Estrada Velha de Marlborough.  
Ninguém a conserta,  
Pois ninguém a usa;

É um caminho vivo,  
Como dizem os cristãos.  
Não há muitos  
Que a perfazem até o fim.  
Apenas os hóspedes  
Do irlandês Quin.  
O que é ela, afinal,  
Senão um rumo,  
E a simples possibilidade  
De ir a alguma parte?  
Grandes placas de pedra com indicações,  
Mas nenhum viajante;  
Cenotáfios das cidades  
Cujos nomes os encimam.  
Vale a pena ler nelas  
Onde a gente *poderia* estar.  
Que rei  
Fez aquilo,  
É algo que me pergunto;  
Fundada como ou quando,  
Por quais representantes municipais,  
Gourgas ou Lee,  
Clark ou Darby?  
São um grande esforço  
De durar para sempre,  
Aqueles placas vazias de pedra,  
Sobre as quais um viajante pode se debruçar  
E gravar em palavras  
Tudo o que há para saber;  
Que outra pessoa talvez leia,  
Em sua extrema necessidade.  
Sei de uma ou duas frases  
Que poderiam servir,  
Literatura que talvez durasse  
Espalhada sobre a terra,  
Que um homem pudesse lembrar

Até o próximo dezembro,  
E ler de novo na primavera,  
Depois do degelo.  
Se, com a fantasia desfraldada,  
Você deixa a sua morada,  
Pode dar a volta ao mundo  
Pela velha Estrada de Marlborough.

Atualmente, nestas minhas redondezas, a melhor parte das terras não consiste em propriedade privada; a paisagem não tem dono, e o caminhante desfruta de relativa liberdade. Mas é possível que chegue o dia em que çnas quais apenas uns poucos usufruirão de um lazer estreito e exclusivo — nesse dia, as cercas se multiplicarão, bem como armadilhas pega-ladrão e outras engenhocas concebidas para confinar os homens à estrada *pública*; nesse dia, caminhar sobre a superfície da terra de Deus será interpretado como a invasão da propriedade de algum cavaleiro. Desfrutar de uma coisa com exclusividade significa geralmente negar a si próprio o verdadeiro desfrute. Vamos melhorar as nossas chances, então, antes que venham os dias ruins.

O que torna às vezes tão difícil decidir para onde caminhar? Existe na Natureza, segundo creio, um magnetismo sutil que, se nos submetemos inconscientemente a ele, há de nos conduzir com segurança. Não nos é indiferente o caminho que tomamos. Existe uma trilha certa; mas somos propensos, por descuido e estupidez, a escolher a errada. Tomaríamos com gosto o caminho jamais trilhado por nós neste mundo real, mas que é perfeitamente simbólico da senda que amamos percorrer no mundo interior e ideal. E às vezes, sem dúvida, achamos difícil escolher nossa direção porque ela ainda não existe com nitidez em nossa mente.

Quando saio de casa para uma caminhada, ainda indeciso quanto à direção dos meus passos, e submeto-me aos meus instintos para que decidam por mim, descubro, por mais estranho e extravagante que possa parecer, que inevitavelmente acabo me dirigindo para o sudoeste, rumo a algum bosque, prado, pastagem deserta ou colina

naquela direção. A agulha de minha bússola demora a sossegar — oscila alguns graus, e nem sempre aponta exatamente para o sudoeste, é verdade, e tem bons motivos para essa oscilação, mas acaba sempre se estabilizando entre o oeste e o sul-sudoeste. O futuro, para mim, se estende naquela direção, e a terra parece menos exaurida e mais rica daquele lado. A linha que descrevesse minhas caminhadas não seria uma circunferência, mas uma parábola, ou antes uma daquelas órbitas de cometas que eram julgadas curvas sem retorno, neste caso abrindo em direção ao oeste, com minha casa ocupando o lugar do sol. Às vezes fico dando voltas, indeciso, por até um quarto de hora, até definir, pela milésima vez, que caminharei rumo ao sudoeste ou ao oeste. Para leste eu só vou por obrigação; mas para oeste eu avanço por livre vontade. Nenhuma ocupação me atrai para lá. Para mim, é difícil acreditar que encontrarei belas paisagens ou suficientemente selvagens atrás dos horizontes do leste. Não me empolgo com a perspectiva de uma caminhada naquela direção; mas creio que a floresta que vejo no horizonte ocidental estende-se ininterrupta até o sol poente, e que não há vilas ou cidades notáveis o bastante para me perturbar. Deixem-me viver onde eu quero, de um lado está a cidade, de outro a natureza bravia, e estou sempre me afastando cada vez mais da cidade, natureza adentro. Eu não enfatizaria tanto esse fato se não acreditasse que algo desse tipo é a tendência predominante de meus compatriotas. Preciso andar em direção ao Oregon, e não à Europa. E é nesse sentido que a nação se move, e devo dizer que a humanidade progride do leste para o oeste. Em poucos anos testemunhamos o fenômeno de uma migração rumo ao sudeste, na colonização da Austrália; mas isso nos parece um movimento retrógrado e, a julgar pelo caráter moral e físico da primeira geração de australianos, ainda não se mostrou um experimento bem-sucedido. Os tártaros do Leste julgam que não há nada a oeste do Tibete. “O mundo termina ali”, dizem eles, “mais além não há nada, exceto um mar sem margens.” Onde eles vivem é um Leste absoluto.

Vamos para o Leste para compreender a história e estudar as obras de arte e literatura, rastreando os passos da raça; vamos para o Oeste como quem penetra no futuro, com um espírito de empreendimento e aventura. O Atlântico é um Letes<sup>d</sup> cuja travessia nos dá a

oportunidade de esquecer o Velho Mundo e suas instituições. Se não conseguirmos desta vez, pode ser que reste mais uma chance para a raça antes que ela chegue às margens do Estige; e ela reside no Letes do Pacífico, que é três vezes mais largo.

Não sei o quanto é significativo, ou o quanto evidencia sua singularidade, o fato de um indivíduo aderir com sua pequena caminhada ao movimento geral da raça; mas sei que afeta tanto as nações quanto os indivíduos, seja perenemente ou de tempos em tempos, algo similar ao instinto migratório das aves e dos quadrúpedes — que, como é sabido, atingiu em alguns casos a espécie dos esquilos, impelindo-os a um deslocamento geral e misterioso, no qual eles foram vistos, segundo dizem alguns, atravessando os mais largos dos rios, cada um no seu pedaço de tronco, com a cauda levantada como se fosse uma vela, e usando seus próprios mortos como pontes para cruzar os córregos menores —, algo semelhante ao *furor* que atinge o gado doméstico na primavera, atribuído a um verme em seu rabo. Não passa uma revoada de gansos selvagens grassando sobre nossa cidade sem que isso perturbe em alguma medida os valores dos imóveis aqui, e eu, se fosse um corretor, levaria em conta essa perturbação.

Então deseja o povo sair em peregrinação,  
E os peregrinos buscam paragens estrangeiras.<sup>e</sup>

Cada crepúsculo que eu testemunho me inspira o desejo de ir para um Oeste tão distante e belo como este em que o sol se põe. O sol parece migrar para o oeste diariamente, e nos incita a segui-lo. É o Grande Pioneiro do Oeste que a nação segue. Sonhamos a noite toda com aquelas cristas de montanhas no horizonte, embora talvez não passem de miragens douradas pelos últimos raios solares. A ilha de Atlântida e as ilhas e jardins das Hespérides,<sup>f</sup> uma espécie de paraíso terrestre, parecem ter sido o Grande Oeste dos antigos, envolvido em mistério e poesia. Quem, contemplando o céu do crepúsculo, não viu em imaginação os jardins das Hespérides, e a base de todas aquelas fábulas?

Colombo sentiu a atração para o oeste com mais força do que qualquer um antes dele. Obedeceu-a, e encontrou um Novo Mundo para Castela e Leão. Naqueles dias o rebanho humano farejava de longe as novas pastagens.

E agora o sol se estendera sobre todas as montanhas,  
E agora mergulhava na baía ocidental;  
Finalmente *ele* se ergueu, e repuxou seu manto azul;  
Amanhã, novos bosques e pastos virgens.<sup>8</sup>

Em que lugar do globo se pode achar uma área de extensão comparável à ocupada por nossos Estados Unidos, tão fértil, rica e variada em suas produções, e ao mesmo tempo tão habitável pelos europeus como esta? Michaux, que só conhecia uma parte destas terras, diz que “as espécies de grandes árvores são muito mais numerosas na América do Norte do que na Europa; nos Estados Unidos há mais de 140 espécies que ultrapassam os dez metros de altura; na França não passam de trinta as que chegam a esse tamanho”. Botânicos posteriores confirmam com ênfase as observações de Michaux. Humboldt veio para a América para realizar seus sonhos de juventude de uma vegetação tropical e ele a contemplou em sua máxima perfeição nas florestas primitivas da Amazônia, a mais extensa área selvagem da terra, descrita por ele de modo tão eloquente. O geógrafo Guyot, ele próprio um europeu, vai mais longe — mais longe até do que estou disposto a acompanhá-lo; mas concordo com ele quando diz:

Assim como a planta é feita para o animal, assim como o mundo vegetal é feito para o mundo animal, a América é feita para o homem do Velho Mundo... O homem do Velho Mundo desloca-se sem parar. Deixando as terras altas da Ásia, ele desce etapa por etapa em direção à Europa. Cada um de seus passos é marcado por uma nova civilização superior à precedente, por uma força maior de desenvolvimento. Tendo chegado ao Atlântico, detém-se à margem desse oceano desconhecido, cujos limites ele ignora, e retorna por um instante aos caminhos já trilhados.

Depois de exaurir o rico solo da Europa e revigorar a si próprio, “então ele retoma seu intrépido avanço para o oeste, como nas eras mais antigas”. Por aí vai Guyot.

Desse contato entre o impulso para o ocidente e a barreira do Atlântico brotaram o comércio e o espírito empreendedor do mundo moderno. O Michaux mais jovem,<sup>h</sup> em suas “Viagens a oeste dos montes Alleghanies em 1802”, diz que a indagação usual no Oeste recém-colonizado era: “De que parte do mundo você vem?”, como se aquelas regiões vastas e férteis fossem o local natural de encontro e país comum de todos os habitantes do globo”.

Para usar uma palavra latina obsoleta, eu poderia dizer: *Ex Oriente lux; ex Occidente FRUX*. Do Oriente, a luz; do Ocidente, a fruta.

Sir Francis Head, viajante inglês e governador-geral do Canadá, conta-nos que

tanto no hemisfério norte como no hemisfério sul do Novo Mundo, a Natureza não apenas delineou suas obras numa escala mais ampla, mas também pintou todo o cenário com cores mais radiantes e suntuosas do que as que usara para desenhar e embelezar o Velho Mundo. [...] O firmamento da América parece infinitamente mais elevado, o céu é mais azul, o ar, mais fresco, o frio, mais intenso, a lua parece maior, as estrelas brilham mais, o trovão é mais estrondoso, o relâmpago, mais vívido, o vento, mais intenso, a chuva, mais torrencial, as montanhas, mais altas, os rios, mais longos, as florestas, mais frondosas, as planícies, mais extensas.

Essa declaração servirá no mínimo para se contrapor à descrição de Buffon desta parte do mundo e de suas produções.

Lineu disse, muito tempo atrás: “*Nescio quae facies laeta, glabra plantis Americanis*: Não conheço nada que tenha o viço e a maciez das plantas americanas”; e penso que, neste país não existem, ou existem pouquíssimas, *Africanæ bestiae*, feras africanas, como os romanos as chamavam, e que também neste aspecto ele é especialmente adequado para a presença humana. Fui informado de que, num raio de três milhas a partir do centro da cidade de Cingapura, no leste da Índia, todos os anos alguns habitantes são mortos por tigres. Mas o viajante

pode se deitar nas matas à noite em quase toda parte da América do Norte sem temer animais selvagens.

São depoimentos estimulantes. Se a lua parece maior aqui do que na Europa, provavelmente o sol também parece. Se os céus da América parecem infinitamente mais elevados, e as estrelas, mais brilhantes, confio que estes fatos sejam simbólicos das alturas a que a filosofia, a poesia e a religião de seus habitantes podem um dia ascender. Com o tempo, talvez, o céu imaterial parecerá muito mais elevado ao espírito americano, e muito mais brilhantes as estrelas que ele anuncia. Pois acredito que o clima age desse modo sobre o homem — assim como há algo no ar da montanha que alimenta o espírito e inspira. Será que o homem não alcançará uma perfeição maior tanto intelectual como física sob essas influências? Ou não tem importância a quantidade de dias nebulosos que há nesta vida? Confio que havemos de ser mais imaginativos, que nossos pensamentos serão mais claros, frescos e etéreos, como nosso céu; nosso entendimento, mais amplo e abrangente, como nossas planícies; nosso intelecto em geral atingirá uma escala maior, como nossos trovões e raios, nossos rios, montanhas e florestas; e nossos corações haverão de corresponder em profundidade, largura e esplendor aos nossos grandes lagos. Quem sabe em nossos próprios rostos surja, aos olhos do viajante, algo que ele não sabe o que é, de *laeta* e *glabra*, de jubiloso e sereno. Não fosse assim, com que finalidade o mundo seguiria girando para o oeste, e por que a América teria sido descoberta?

Aos americanos eu nem preciso dizer: “Para o oeste ruma a estrela do império”.<sup>i</sup>

Como verdadeiro patriota, eu deveria me envergonhar de pensar que Adão, no paraíso, estava em situação mais favorável, como um todo, do que o homem do campo deste país.

Nossas afinidades, em Massachusetts, não se restringem à Nova Inglaterra; embora possamos nos indispor com o Sul, simpatizamos com o Oeste. Ali é o lar dos filhos mais novos; assim como, entre os escandinavos, era no mar que buscavam seu legado. É tarde demais para começar a estudar hebraico; mais importante é compreender até mesmo a gíria de hoje.

Alguns meses atrás fui ver um panorama<sup>1</sup> do Reno. Foi como um sonho da Idade Média. Naveguei por sua corrente histórica em algo mais do que a imaginação, sob pontes construídas pelos romanos e reformadas por heróis posteriores; passei por cidades e castelos cujos meros nomes eram música para meus ouvidos, e cada um deles era tema de uma lenda. Lá estavam Ehrenbreitstein e Rolandseck e Coblentz, que eu só conhecia dos livros de história. Eram ruínas o que mais me interessava. Parecia subir de suas águas e de suas encostas e vales cobertos de vinhas uma música silenciosa de cruzados partindo para a Terra Santa. Segui navegando sob um encantamento, como se tivesse sido transportado para uma idade heroica e respirasse uma atmosfera de nobreza e cavalaria.

Pouco depois, fui ver um panorama do Mississipi, e à medida que seguia meu caminho rio acima, à luz dos dias de hoje, vendo os barcos a vapor a queimar sua lenha; contando as cidades nascentes; contemplando as ruínas recentes de Nauvoo; vendo os índios que atravessavam as águas rumo ao oeste e buscando avistar o Ohio e o Missouri como antes tentara identificar o Mosela; e ouvindo as lendas de Dubuque e do despenhadeiro de Wenona — ainda pensando mais no futuro do que no passado ou no presente —, constatei que aquele era um Reno de tipo diferente; que os alicerces de castelos ainda estavam por ser instaurados, e as pontes famosas ainda por ser estendidas sobre o rio; e senti que *esta era a própria idade heroica*, embora não saibamos, pois o herói é geralmente o mais simples e obscuro dos homens.

O Oeste de que falo não é senão outro nome para o Bravio, o inexplorado; e o que venho me preparando para dizer é que no Bravio está a preservação do mundo. Cada árvore envia suas fibras adiante em busca do Bravio. As cidades pagam qualquer preço por ele. Homens lavram e navegam em busca dele. Da floresta e do agreste vêm o tônico e o córtex que mantêm de pé a humanidade. Nossos ancestrais eram selvagens. A história de Rômulo e Remo sendo amamentados por uma loba não é uma fábula desprovida de sentido. Os fundadores de cada Estado que ascendeu a uma posição de

proeminência extraíram seu alimento e vigor de uma fonte similarmemente selvagem. Foi por não terem sido amamentados pela loba que os filhos do Império foram vencidos e destituídos pelos filhos das florestas do norte, que, estes sim, nutriram-se do leite dela.

Acredito na floresta e na campina, e na noite, durante a qual o milho cresce. Requeremos em nosso chá uma infusão de cicuta oriental ou de árvore da vida. Há uma diferença entre comer e beber para ganhar força ou por mera glotonaria. Os hotentotes devoram vorazmente o tutano cru do kudu e de outros antílopes, como fato corriqueiro. Alguns de nossos índios do Norte comem cru o tutano da rena do Ártico, bem como várias outras partes, incluindo as pontas das galhadas, desde que sejam macias. E nisso, talvez, eles passaram a perna nos cozinheiros de Paris. Eles comem o que geralmente é usado para alimentar o fogo. Isso provavelmente é melhor, para formar um homem, do que carne de boi gordo e de porco de matadouro. Quero uma natureza selvagem cuja visão nenhuma civilização seja capaz de suportar — como se nos alimentássemos de tutano de antílope devorado cru.

Há certas margens de rios próximas ao canto melodioso do tordo para onde eu migraria de bom grado — terras agrestes das quais nenhum colonizador se apossou; às quais imagino estar aclimatado.

O caçador africano Cummings nos conta que o couro do elã, assim como o da maioria dos outros antílopes recém-abatidos, emite o mais delicioso perfume de árvores e relva. Gostaria que cada homem fosse tão semelhante a um antílope selvagem, tão entranhadamente parte da Natureza, que sua própria pessoa anunciasse docemente sua presença aos nossos sentidos, e nos fizesse lembrar daquelas partes da Natureza que ele mais frequenta. Não sinto disposição alguma para ser satírico quando o casaco do caçador que usa armadilhas exala o odor do rato almiscarado; é para mim um aroma mais agradável do que o que geralmente emana dos trajes do comerciante ou do professor. Quando examino os guarda-roupas destes últimos e manuseio suas vestimentas, nada me faz lembrar planícies relvadas ou campinas floridas que eles tenham frequentado, e sim, em vez disso, empoeirados balcões de comércio e bibliotecas.

Uma pele bronzeada é às vezes mais do que respeitável, e talvez a cor de azeitona seja mais adequada a um homem do que o branco — um forasteiro nas florestas. “O pálido homem branco!” Não me admira que o africano se compadecesse dele. Darwin, o naturalista, diz: “Um homem branco, banhando-se lado a lado a um taitiano, era como uma planta branqueada mediante as técnicas do jardineiro, comparada com uma planta viçosa e verdejante, que brota vigorosamente nos campos abertos”.

Ben Jonson<sup>k</sup> exclama: “Como está perto do Bem aquilo que é belo!”.

Eu, de minha parte, diria: “Como está perto do Bem aquilo que é *selvagem!*”.

A vida é coerente com a condição agreste. O que há de mais vivo é o que há de mais selvagem. Ainda não subjugada pelo homem, sua presença o renova. Alguém que tivesse forçado seu caminho para frente sem cessar e nunca descansasse de suas labutas, que se desenvolvesse rápido e fizesse infinitas exigências à vida, ver-se-ia sempre num novo país ou em território bravio, cercado pela matéria bruta da vida. Estaria sempre saltando por cima dos troncos tombados de árvores das florestas primitivas.

A esperança e o futuro não estão, a meu ver, nos gramados bem cuidados e nos campos cultivados, nas cidades e metrópoles, mas nos pântanos impenetráveis e movediços. Quando, em outras ocasiões, analisei minha inclinação por uma fazenda que cogitei comprar, percebi várias vezes que só o que me atraía eram alguns poucos metros quadrados de brejo insondável e refratário — uma fossa natural a um canto da propriedade. Essa era a joia que me deslumbrava. Extraio uma parte maior da minha subsistência dos pântanos que circundam minha cidade natal do que dos jardins cultivados do vilarejo. Não há jardim ornamental mais exuberante aos meus olhos do que os canteiros de andrômedas anãs (*Cassandra calyculata*) que cobrem estes tenros pontos da superfície da terra. A botânica não pode fazer mais do que me dizer os nomes dos arbustos que crescem ali — o mirtilo azul, a andrômeda paniculada, o louro venenoso, a azálea e o rododendro —, todos crescendo no esfagno movediço. Muitas vezes penso que seria bom ter minha casa diante dessa massa de grosseiros arbustos avermelhados, omitindo canteiros e

bordaduras de outras flores, abetos vermelhos transplantados e buxos bem podados, até mesmo os caminhos de cascalho —, para ter esse torrão fértil bem debaixo das minhas janelas, em vez de um punhado de terra trazida de outro local em carrinhos de mão para cobrir a areia jogada para fora ao se cavar o porão. Por que não situar a minha casa, minha sala de estar, bem atrás desse terreno inculto, em vez de atrás deste precário ajuntamento de curiosidades, deste pobre arremedo de Natureza e Arte que chamo de meu jardim da frente? Ele foi feito num esforço de limpar e criar uma aparência decente depois que o pedreiro e o carpinteiro terminaram seu serviço, embora essa aparência se preste muito mais aos passantes do que ao morador. A mais formosa cerca de um jardim nunca foi para mim um objeto agradável de estudo; os mais elaborados ornamentos, os mourões torneados e tudo o mais são coisas que logo me causam fastio. Que a soleira da porta venha então para a própria beira do pântano (embora possa não ser o melhor lugar para um porão seco), de modo que não haja acesso, desse lado, para os cidadãos. Jardins de frente não são feitos para se andar neles, mas, no máximo, para ser atravessados, e pode-se entrar em casa pelos fundos.

Sim, embora os senhores possam me julgar perverso, se me fosse proposta a escolha entre viver nas proximidades do mais lindo jardim que o engenho humano já produziu ou perto de um pântano sombrio, eu certamente decidiria pelo pântano. Como têm sido inúteis para mim, portanto, todos os seus trabalhos, cidadãos!

Minha disposição infalivelmente se eleva quanto mais agreste é o meu entorno. Deem-me o oceano, o deserto, ou a natureza bravia! No deserto, o ar puro e a solidão compensam a falta de umidade e de fertilidade. O viajante Burton diz a propósito: “Sua disposição de espírito melhora; você se torna franco e cordial, hospitaleiro e decidido. [...] No deserto, bebidas alcoólicas só provocam mal-estar. Há o vívido prazer de uma existência meramente animal”. Aqueles que viajaram muito tempo pelas estepes da Tartária dizem: “Ao reingressar em terras cultivadas, a agitação, a perplexidade e a turbulência da civilização nos oprimiam; o ar parecia nos faltar, e a cada momento nos sentíamos como se estivéssemos à beira da morte por asfixia”. Quando quero me renovar, procuro o bosque mais

escuro, o pântano mais denso, interminável e, aos olhos do cidadão urbano, mais lúgubre. Entro num pântano como quem entra num lugar sagrado — um *sancto sanctorum*. Ali está a força, o âmago da natureza. A mata selvagem cobre o humo virgem, e o mesmo solo é bom para os homens e para as árvores. Do mesmo modo que a saúde de um homem requer certa extensão de campinas à sua vista, sua fazenda precisa de uma grande quantidade de adubo natural. É aí que reside o alimento que o nutre e fortifica. Uma cidade é salva tanto por seus homens íntegros como pelas matas e pântanos que a cercam. Um município em que uma floresta primitiva floresce por sobre outra floresta primitiva em decomposição — uma cidade assim tem condições de produzir não apenas milho e batatas, mas também poetas e filósofos para as eras vindouras. De semelhante solo nasceram Homero, Confúcio e os outros, e de uma natureza assim agreste surge o Reformador que se alimenta de gafanhotos e mel selvagem.

Preservar animais selvagens geralmente implica a criação de uma floresta na qual eles possam morar ou se refugiar. O mesmo ocorre com o homem. Cem anos atrás vendiam-se nas ruas de nossas cidades cascas de árvores extraídas de nossas próprias florestas. No próprio aspecto daquelas árvores primitivas e ásperas havia, penso eu, uma propriedade de curtimento que robustecia e consolidava as fibras dos pensamentos dos homens. Ah! Estremeço diante destes dias atuais, comparativamente degradados, do meu vilarejo natal, em que não se pode mais juntar uma porção de cascas de árvore de boa espessura — e em que não mais produzimos alcatrão e terebintina.

As nações civilizadas — Grécia, Roma, Inglaterra — eram sustentadas pelas florestas primitivas que se tinham decomposto no solo onde elas se elevaram. Elas sobrevivem enquanto o solo não se exaure. Pobre cultura humana! Pouco se pode esperar de uma nação quando o humo está esgotado e ela é compelida a usar como adubo os ossos dos ancestrais. Nela o poeta se alimenta meramente de sua própria gordura supérflua, e o filósofo míngua até os ossos.

Dizem que a tarefa do americano é “lavar o solo virgem” e que “a agricultura aqui já assume proporções desconhecidas em qualquer outro lugar”. Penso que o fazendeiro toma o lugar do índio porque salva o pântano, e assim se faz mais forte e, em alguns aspectos, mais

natural. Eu estava outro dia fazendo para um homem o levantamento topográfico de uma linha reta de uns setecentos metros de comprimento, pântano adentro, em cuja entrada deveriam estar escritas as palavras que Dante leu acima da porta do inferno — “Deixai toda esperança, vós que entrais” —, isto é, a esperança de conseguir sair; foi ali que vi meu empregador afundado literalmente até o pescoço em sua propriedade e nadando para salvar a vida, embora ainda estivéssemos no inverno. Ele possuía outro pântano semelhante que não pude nem começar a examinar, porque estava completamente embaixo d’água, e não obstante, com respeito a um terceiro pântano, que *examinei* de longe, ele comentou comigo, com espírito franco, que não se desfaria dele por motivo algum, devido à lama que continha. E esse homem pretende cavar um fosso em torno do conjunto de pântanos num prazo de quarenta meses, e assim salvá-los pela mágica de sua pá. Falo dele como exemplo de uma classe de homens.

As armas com que conquistamos nossas mais importantes vitórias, que deveriam passar de pai para filho como herança preciosa, não são a espada e a lança, mas o facão de cortar mato, a foice, a pá e a enxada, enferrujados pelo sangue de tantos pântanos e encardidos pela poeira de tantos campos de trato difícil. Os próprios ventos sopravam o milharal do índio pântano adentro, e apontavam o caminho que ele não tinha capacidade para seguir. Ele não dispunha de um implemento melhor do que a concha de marisco para se enfrentar com a terra. Mas o fazendeiro está armado com o arado e a pá.

Na literatura, só nos atrai o que é selvagem. Enfado é só um outro nome para o que é domesticado. O que nos deleita é o pensamento incivilizado, livre e indomado em *Hamlet* e na *Iliada*, em todas as escrituras e mitologias, e não o que é aprendido nas escolas. Assim como o pato selvagem é mais belo e vivaz que o doméstico, o mesmo ocorre com o pensamento selvagem, que com suas asas abre caminho através do orvalho e sobrevoa os brejos. Um livro verdadeiramente bom é algo tão natural, e tão inesperadamente belo e perfeito, como uma flor silvestre descoberta nas campinas do Oeste ou nas selvas do Oriente. O gênio é uma luz que torna visível a escuridão, como o clarão do relâmpago, que abala talvez o próprio templo do

conhecimento — e não um círio aceso junto à lareira da raça humana, que empalidece diante da luz de um dia comum.

A literatura inglesa, desde os tempos dos trovadores até os Lake Poets<sup>1</sup> — Chaucer, Spenser, Milton e até mesmo Shakespeare incluídos — não exala uma disposição muito vigorosa e, nesse sentido, selvagem. É uma literatura essencialmente mansa e civilizada, refletindo a Grécia e Roma. Sua natureza bravia é uma floresta frondosa, seu homem selvagem é um Robin Hood. Existe abundante amor cordial à Natureza, mas muito pouco da própria Natureza. Sua história natural nos informa quando se extinguiram nela os animais selvagens, mas não o homem selvagem.

A ciência de Humboldt é uma coisa, a poesia é outra. O poeta de hoje, não obstante todas as descobertas da ciência e o saber acumulado da humanidade, não leva vantagem alguma sobre Homero.

Onde está a literatura que dá expressão à Natureza? Seria um poeta aquele que conseguisse imprimir em seu trabalho os ventos e os rios, fazer com que falassem por ele; aquele que cravasse as palavras em seus sentidos primitivos, como os fazendeiros fincam de novo na primavera as estacas que se soltaram no inverno por causa da geada; aquele que buscasse a origem das palavras com a mesma frequência com que as usa — transplantando-as para suas páginas ainda com terra grudada em suas raízes; aquele cujas palavras fossem tão verdadeiras, vigorosas e naturais que parecessem expandir-se como flores desabrochadas com a chegada da primavera, ainda que jazessem meio abafadas entre duas folhas mofadas numa biblioteca — para florir e frutificar ali anualmente, como é o feitio de sua espécie, para um leitor de fé, em sintonia com a Natureza circundante.

Não sou capaz de citar nenhuma poesia que expresse adequadamente esse anseio pelo Selvagem. Abordada por este ângulo, mesmo a melhor poesia é domesticada. Não sei onde encontrar em qualquer literatura, antiga ou moderna, uma descrição que me satisfaça daquela Natureza com a qual até eu estou familiarizado. Percebe-se que anseio por algo que nenhuma era elisabetana ou de Augusto, que nenhuma *cultura*, em suma, pode dar. A mitologia chega mais perto do que qualquer outra coisa. É tão mais fértil a Natureza em que a mitologia grega está enraizada do que a da literatura inglesa!

A mitologia é a safra que o Velho Mundo produziu antes que seu solo se exaurisse, antes que a fantasia e a imaginação fossem afetadas pela ferrugem; e segue produzindo, onde quer que seu vigor primitivo continue intacto. Todas as outras literaturas não perduram mais do que os olmos que sombreiam nossas casas; já a mitologia é como o grande dragoeiro das ilhas ocidentais, tão antigo quanto a humanidade e que vai durar tanto ou mais que esta; pois a decomposição das outras literaturas fertiliza o solo onde ela floresce.

O Ocidente está se preparando para somar suas fábulas àquelas que vêm do Oriente. Tendo já os vales do Ganges, do Nilo e do Reno produzido suas safras, resta ver o que os vales do Amazonas, do Prata, do Orinoco, do St. Lawrence e do Missouri ainda vão produzir. Quando, no decurso das eras, a liberdade americana tiver se tornado uma ficção do passado — assim como é, em certa medida, uma ficção do presente —, os poetas do mundo se inspirarão, quem sabe, na mitologia americana.

Mesmo os sonhos mais selvagens de homens selvagens não deixam de ser verdadeiros, embora possam não ser atraentes ao senso mais comum que prevalece entre os ingleses e americanos de hoje em dia. Nem toda verdade é bem vista pelo senso comum. Na Natureza há lugar tanto para a clematite brava como para o repolho. Algumas expressões da verdade são evocativas — outras, meramente *sensitivas*, por assim dizer — e outras são proféticas. Mesmo algumas formas de doença podem profetizar formas de saúde. Os geólogos descobriram que as figuras de serpentes, grifos, dragões voadores e outros ornamentos fantasiosos da heráldica têm seus protótipos nas formas de fósseis de espécies extintas antes da criação do homem, e portanto “indicam um vago e nebuloso conhecimento de um estado prévio da existência orgânica”. Os hindus fantasiavam que a terra repousava sobre um elefante, e o elefante sobre uma tartaruga, e a tartaruga sobre uma serpente; e, ainda que possa ser uma coincidência desimportante, não será descabido afirmar aqui que foi recentemente descoberto na Ásia um fóssil de tartaruga grande o bastante para sustentar um elefante. Devo confessar que tenho afeição por essas indômitas especulações, que transcendem a ordem do tempo e da evolução. São a mais sublime ocupação do intelecto. A perdiz gosta de

ervilhas, mas não daquelas que vão junto com ela para dentro da panela.

Em suma, todas as coisas boas são indomadas e livres. Há algo numa frase musical, seja ela produzida por um instrumento ou pela voz humana — por exemplo, o som de um clarim numa noite de verão —, que, por sua natureza selvagem, para falar sem intenção de sátira, lembra-me os sons emitidos pelas feras soltas em suas florestas nativas. É só isso que sou capaz de entender de sua selvageria. Quero ter como amigos e vizinhos homens selvagens, não domesticados. O caráter indomado do selvagem não é senão um vago símbolo da tremenda ferocidade com que se relacionam os bons homens e os amantes.

Gosto até mesmo de ver os animais domésticos reafirmarem seus direitos naturais — de qualquer evidência de que não perderam completamente seu vigor e seus hábitos selvagens originais; como quando a vaca do meu vizinho foge do pasto no início da primavera e nada ousadamente no rio, uma corrente fria e cinzenta, de uns 120 metros de largura, avolumada pela neve derretida. Lembra o bisão atravessando o Mississippi. Esse feito confere alguma dignidade ao rebanho ante meus olhos — já dignificados. Como sementes nas entranhas da terra, as sementes do instinto ficam preservadas sob o couro grosso de bois e cavalos por um período indefinido.

Qualquer tendência ao divertimento entre os bovinos é inesperada. Vi um dia um rebanho de uma dúzia de novilhos correndo e cabriolando de um lado para outro numa brincadeira desajeitada, como enormes ratos, ou mesmo como gatinhos gigantes. Abanavam a cabeça, levantavam o rabo, subiam e desciam correndo um morro, e percebi por seus chifres, bem como por seus movimentos, o seu parentesco com a tribo dos cervos. Mas, infelizmente, um súbito grito de “Ôôa!” teria abatido de imediato seu ardor, rebaixando-os de cervídeos a gado de corte e retesando suas ancas e seus nervos, como uma locomotiva que freia. Quem senão o Maligno gritou “Ôôa!” para a humanidade? De fato, a vida de gado, como a de tantos homens, não é senão uma espécie de atividade mecânica; eles movem um quadril de cada vez, e o homem, mediante seu mecanismo, encontra-se no meio do caminho com o cavalo e o boi. Toda parte que foi tocada pelo

relho tornou-se paralítica desde então. Quem sequer pensaria em associar as ancas de qualquer representante da flexível tribo dos felinos com o que chamamos de *lombo* de boi?

Alegra-me que cavalos e novilhos tenham que ser domados antes de se tornarem escravos do homem, e que o próprio homem tenha ainda alguns impulsos selvagens a ser amansados antes de se tornar um membro submisso da sociedade. Não há dúvida de que os homens não estão todos igualmente aptos para submeter-se à civilização; e o fato de a maioria, como cães e carneiros, estar domesticada por uma disposição herdada não é razão para que os outros devam ter sua natureza subjugada de modo a ser rebaixados ao mesmo nível. Os homens, no que há de mais importante, são semelhantes, mas foram feitos de modo diferente para que possam ser diversificados. Para uma tarefa modesta, um homem serve tanto quanto qualquer outro; para uma tarefa elevada, deve-se levar em conta a excelência individual. Qualquer homem pode tapar um buraco para se proteger do vento, mas nenhum outro poderia cumprir uma tarefa tão singular quanto a do autor desse exemplo. Confúcio diz: “O couro do tigre e do leopardo, quando curtido, é como o couro curtido do cão e da ovelha”. Mas não faz parte de uma verdadeira cultura domesticar tigres, nem tampouco tornar ovelhas ferozes; e curtir seu couro para fazer sapatos não é o melhor uso que se pode fazer deles.

Quando passo os olhos por uma lista de nomes de homens numa língua estrangeira, por exemplo de oficiais militares, ou de autores que escreveram sobre determinado assunto, sou lembrado mais uma vez de que nada há num nome. O nome Minschikoff, por exemplo, não é nem um pouco mais humano aos meus ouvidos do que um bigode, e este pode pertencer a um rato. Assim como os nomes de poloneses e russos são para nós, os nossos são para eles. É como se seus nomes saíssem de um balbúcio de bebê. Vejo na imaginação uma manada de criaturas selvagens fervilhando sobre a terra toda, e a cada uma delas o pastor pespegou um som bárbaro em seu próprio dialeto. Os nomes dos homens são, evidentemente, tão reles e sem sentido como Totó ou Lulu, nomes de cachorros.

Penso que seria de alguma vantagem para a filosofia se os homens recebessem seus nomes apenas no atacado, como são conhecidos. Seria necessário conhecer apenas o gênero, e talvez a raça ou variedade, para conhecer o indivíduo. Não estamos dispostos a acreditar que cada soldado particular num exército romano tinha um nome só seu — porque não supúnhamos que ele tivesse uma personalidade só sua. No presente, nossos únicos nomes verdadeiros são os apelidos. Conheço um garoto que, por sua energia singular, era chamado de “Demolidor” pelos companheiros de brincadeiras, e esse apelido suplantou seu nome de batismo. Alguns viajantes nos contam que um índio não recebia um nome ao nascer, mas tinha que conquistar um que correspondesse a suas ações, pelo qual passava a ser conhecido. Em algumas tribos o índio adquiria um novo nome a cada nova proeza. É triste que um homem carregue um nome meramente de conveniência, não tendo conquistado nem o nome nem a reputação que lhe corresponde.

Não vou permitir que meros nomes façam diferença para mim, mas continuarei a ver os homens como membros de um rebanho. Um nome familiar não pode tornar um homem menos estranho para mim. Ele pode ter sido dado a um selvagem que guarda em segredo seu próprio título selvagem conquistado nas matas. Temos um bárbaro selvagem dentro de cada um de nós, e um nome bárbaro talvez esteja registrado como nosso em algum lugar. Vejo que meu vizinho, que ostenta o epíteto familiar de William, ou Edwin, despe-o junto com seu paletó. O nome não adere a ele enquanto está dormindo, ou quando tem um acesso de fúria ou está tomado por alguma paixão ou inspiração. Num momento assim, tenho a impressão de ouvir, pronunciado por alguém de sua família ou círculo de amigos, seu nome selvagem original, em alguma língua árida ou melodiosa.

Eis aqui esta vasta, bárbara e uivante mãe de todos nós, a Natureza, espalhando-se à nossa volta, com tanta beleza, tanto afeto por seus filhos como a mãe leopardo; e no entanto somos tão cedo desmamados do seu seio e lançados à sociedade, àquela cultura que é exclusivamente uma interação de homens com homens — uma espécie

de criação endogâmica, que produz quando muito uma nobreza meramente inglesa, uma civilização destinada a ter um limite estreito.

Em sociedade, nas melhores instituições humanas, é fácil detectar uma certa precocidade. Quando ainda deveríamos ser crianças em desenvolvimento, somos já pequenos homens. Quero uma cultura que traga muito estrume dos prados para adensar seu solo — não uma que se fie apenas em fertilizantes, implementos avançados e técnicas de cultivo.

Tive conhecimento de muitos pobres estudantes com olheiras que se desenvolveriam mais rápido, tanto intelectual como fisicamente, se, em vez de ficar acordados até tão tarde, permitissem a si mesmos dormir honestamente como bobos.<sup>m</sup>

Pode haver excesso até na luz que dá forma. Niépce, um francês, descobriu o “actinismo”, aquele poder dos raios solares de produzir um efeito químico. Descobriu que pedras de granito, estruturas rochosas e estátuas metálicas “sofrem todas uma ação destrutiva semelhante durante as horas de sol e, não fosse por outras ações não menos maravilhosas da Natureza, pereceriam em pouco tempo sob o toque delicado do mais sutil dos agentes do universo”. Mas ele observou que “os corpos que sofriam essa mudança durante o dia possuíam o poder de recuperar suas condições originais durante as horas noturnas, quando aquela excitação não mais os influenciava”. Daí se deduziu que “as horas de escuridão são tão necessárias à criação inorgânica quanto a noite e o sono são, como sabemos, para o reino orgânico”. Nem mesmo a lua brilha todas as noites, mas dá lugar à escuridão.

Eu não gostaria que todo homem, ou cada pedaço de um homem, fosse cultivado por inteiro, assim como não gostaria que cada acre de terra fosse cultivada: uma parte será lavoura, mas a maior parte há de ser campina e floresta, não servindo para um mero uso imediato, mas preparando um humo para um futuro distante, mediante a decomposição anual da vegetação que ali cresce.

Há outras letras para a criança aprender além daquelas que Cadmo inventou. Os espanhóis têm uma boa fórmula para expressar esse conhecimento selvagem e obscuro — *gramática parda* —, uma espécie de saber materno derivado da mesma mãe leopardo a que me referi.

Ouvimos falar de uma Sociedade para a Difusão do Conhecimento Útil. Costuma-se dizer que conhecimento é poder, e coisas do tipo. Penso que é igualmente necessária uma Sociedade para a Difusão da Ignorância Útil, que chamaremos de Conhecimento Belo, um conhecimento útil num sentido mais elevado: pois o que é a maior parte do nosso presunçosamente chamado conhecimento, senão a vaidade de saber algo, uma vaidade que nos priva da vantagem da nossa verdadeira ignorância? O que chamamos de conhecimento é muitas vezes nossa efetiva ignorância; e o que chamamos de ignorância, nosso conhecimento negativo. Mediante anos a fio de paciente labor e leitura dos jornais — pois o que são as bibliotecas de ciências senão arquivos de jornais? — um homem acumula uma miríade de fatos, armazena-os na memória, e então, quando em alguma primavera da sua vida resolve perambular pelos Grandes Campos do pensamento, ele, por assim dizer, corre para o pasto como um cavalo, e deixa para trás todos os seus arreios. À Sociedade para a Difusão do Conhecimento Útil eu por vezes diria: “Corram para o pasto. Vocês já comeram forragem suficiente. A primavera chegou com sua relva verdejante”. As próprias vacas são levadas a suas pastagens em campo aberto antes do final de maio; se bem que eu soube de um fazendeiro desnaturado que mantinha sua vaca no estábulo e a alimentava só de forragem durante o ano todo. É assim que, frequentemente, a Sociedade para a Difusão do Conhecimento Útil trata seu gado.

A ignorância de um homem às vezes é não apenas útil, mas bela, enquanto seu assim chamado conhecimento é frequentemente pior que inútil, além de ser feio. Com que homem é melhor lidar? Com aquele que não sabe nada sobre um assunto e — o que é extremamente raro — sabe que não sabe, ou com aquele que de fato sabe alguma coisa a respeito, mas pensa que sabe tudo?

Meu desejo de conhecimento é intermitente; mas meu desejo de adentrar atmosferas desconhecidas aos meus passos é constante e perene. O mais alto a que podemos ascender não é o Conhecimento, mas a Sintonia com a Inteligência. Não creio que esse conhecimento mais elevado represente algo mais definitivo do que uma nova e grandiosa surpresa diante da súbita revelação da insuficiência de tudo

o que chamávamos Conhecimento até então — uma descoberta de que há mais coisas no céu e na terra do que sonhava a nossa filosofia. É a dissipação do nevoeiro pelo sol. O homem não é capaz de *saber* em qualquer sentido superior a esse, assim como não pode olhar, serena e impunemente, direto para o sol: “Você não compreenderá nada tão bem quanto uma coisa particular”, dizem os Oráculos Caldeus.

Há algo de servil no hábito de ficar procurando uma lei que possamos obedecer. Podemos estudar as leis da matéria de acordo com nossa conveniência, mas uma vida bem-sucedida não conhece lei alguma. É sem dúvida uma descoberta infeliz a de uma lei que nos prende àquilo a que antes não sabíamos que estávamos presos. Vivamos livres, filhos do nevoeiro — pois, no que diz respeito ao conhecimento, somos todos filhos do nevoeiro. O homem que toma a liberdade de viver é superior a todas as leis, graças à sua relação com o legislador-mor. “O dever ativo”, diz o Vishnu Purana, “não é o que nos escraviza; o conhecimento é o que nos liberta: todos os demais deveres são bons apenas para nos aborrecer; todos os demais conhecimentos não passam da esperteza de um artista.”

É digna de nota a escassez de eventos ou crises em nossas histórias; como fomos pouco exigidos em nossa capacidade mental; como são poucas as experiências que tivemos. Eu gostaria de ter certeza de estar me desenvolvendo a passos rápidos e firmes, ainda que meu próprio desenvolvimento viesse a perturbar essa monótona serenidade — ainda que representasse uma árdua luta para vencer longas, escuras e opressivas noites ou temporadas inteiras de trevas. Seria bom se todas as nossas vidas fossem uma divina tragédia, em vez desta trivial comédia ou farsa. Dante, Bunyan e outros parecem ter exigido mais da sua mente do que nós: submeteram-se a um tipo de cultura que nossas escolas e colégios municipais não contemplam. Até mesmo Maomé, embora muitos possam vociferar ao ouvir seu nome, teve muito mais motivação para viver, e para morrer, do que a maioria costuma ter.

Quando, com raras pausas, um pensamento assedia uma pessoa, ela talvez nem ouça o barulho de um trem chegando, enquanto caminha

pelos trilhos. Mas logo, por alguma lei inexorável, nossa vida se esvai, e voltamos a ouvir a locomotiva e seus vagões.

Brisa suave, que vagueias sem ser vista,  
E vergas o cardo ao sabor das tempestades,  
Viajante dos desfiladeiros borrascosos,  
Por que abandonaste tão cedo meus ouvidos?

Enquanto quase todos os homens sentem uma atração que os arrasta para a sociedade, muito poucos são atraídos fortemente pela Natureza. Em sua relação com a Natureza os homens me parecem, em sua maioria, e não obstante suas habilidades, inferiores aos animais. Como é escassa entre nós a apreciação da beleza da paisagem! É preciso que nos digam que os gregos chamavam o mundo de *Kósmos* — Beleza, ou Ordem —, mas não vemos com clareza por que eles faziam isso, e reduzimos o assunto a um curioso fato filológico.

De minha parte, sinto que, no que tange à Natureza, vivo uma espécie de vida de fronteira, nos confins de um mundo ao qual faço apenas incursões ocasionais e transitórias, e meu patriotismo e minha lealdade a um Estado em cujos territórios pareço me refugiar são como os de um saqueador de fronteira. Para uma vida que chamo de natural eu seguiria de bom grado até mesmo um fogo-fátuo através de pântanos e lamaçais inimagináveis, mas nenhuma lua ou vaga-lume me mostrou o caminho até ela. A Natureza é uma entidade tão vasta e universal que nunca teremos visto direito sequer um de seus aspectos. O caminhante nos campos familiares que se estendem em torno da minha cidade natal encontra-se às vezes numa terra diversa daquela que é descrita nas escrituras de seus proprietários, como se estivesse num campo distante, além dos confins da Concord real, onde cessa a jurisdição do município e a própria ideia que a palavra Concord sugere deixa de fazer sentido.<sup>n</sup> Essas fazendas das quais eu mesmo fiz o levantamento topográfico, essas linhas divisórias que eu mesmo demarquei, tudo parece ficar indistinto como se estivesse sob uma névoa; mas não existe nenhuma química capaz de fixar essa paisagem; dissipa-se na superfície das lentes; e a pintura feita pelo artista mal

emerge à superfície da tela. Não resta vestígio algum do mundo a que estamos habituados, e ele não será celebrado.

Fiz, uma tarde dessas, uma caminhada pela fazenda de Spaulding. Vi o sol do crepúsculo banhar o outro lado de um imponente bosque de pinheiros. Os raios dourados penetravam pelas fileiras de árvores como se adentrassem um salão nobre. Aquilo me impressionou como se uma antiga família, sumamente admirável e ilustre, tivesse ocupado aquela parte desconhecida para mim da terra chamada Concord — uma família de quem o sol era servidor, uma família que não ingressara na sociedade do vilarejo e que não recebia visitas. Vi o jardim deles, seu parque infantil, do outro lado do bosque, no prado de mirtilos de Spaulding. Os pinheiros, ao crescer, forneciam-lhes arestas para a construção. A casa deles não era muito visível, pois as árvores cresciam por todo lado. Não tenho certeza se ouvi sons de risos reprimidos. Eles pareciam repousar ao sol. Têm filhos e filhas. Estão muito bem. A estradinha da fazenda, que passa diretamente pela sala da casa deles, não os perturba nem um pouco — é como o fundo lodoso de um charco que às vezes é visto através dos céus refletidos na superfície. Nunca ouviram falar de Spaulding, e nem sabem que ele é seu vizinho — apesar de eu tê-lo ouvido assobiar enquanto atravessava a casa conduzindo sua junta. Nada se iguala à serenidade da vida deles. Seu brasão é um singelo líquen. Eu o vi pintado nos pinheiros e carvalhos. Seus sótãos ficam nos topos das árvores. Eles são alheios à política. Não havia ruído que indicasse trabalho. Não os vejo tecendo nem fiando. No entanto detectei, quando o vento amainou e os ruídos cessaram, a mais doce e sutil das músicas, entoada com os lábios fechados — como um zumbido de colmeia distante em maio —, que era talvez o som dos pensamentos deles. Eles não tinham pensamentos ociosos, e ninguém de fora podia ver o trabalho da família, pois sua atividade não era do tipo que deixa arestas e nós à mostra.

Mas, para mim, é difícil recordá-los. Eles se dissipam irrevogavelmente na minha mente mesmo agora enquanto falo e tento evocá-los, organizando as ideias. É só depois de um longo e árduo esforço para recompor meus melhores pensamentos que me torno

novamente consciente de sua presença aqui perto. Se não fosse por famílias como essa, acho que eu iria embora de Concord.

Na Nova Inglaterra temos o costume de dizer que cada vez menos pombos nos visitam a cada ano. Nossas matas já não fornecem castanhas para sua alimentação. Do mesmo modo, parece que cada vez menos pensamentos visitam um homem com o passar dos anos, pois o bosque de nossas mentes vai se exaurindo — vendido a fogueiras desnecessárias de ambição, ou vendido às fábricas, de modo que mal sobra um galho onde os pensamentos possam pousar. Eles não mais se aninham nem dão cria junto a nós. Numa estação mais amena e fecunda, talvez, uma leve sombra atravessa esvoaçando a paisagem da mente, projetada pelas *asas* de algum pensamento em sua migração primaveril ou outonal, mas, ao olhar para cima, não somos capazes de captar a substância do pensamento em si. Nossos pensamentos alados se converteram em aves de galinheiro. Não voam mais a grandes alturas, limitam-se a uma grandiosidade de Xangai ou da Cochinchina. São esses os *graaandes pensamentos*, os *graaandes homens* de que os senhores ouvem falar!

Ficamos sempre grudados à terra; raramente nos elevamos. Penso que deveríamos subir um pouco mais. Poderíamos pelo menos trepar numa árvore. Fiz minha parte certa vez escalando uma. Era um grande pinheiro branco, no topo de uma colina; e, embora eu tenha ficado coberto de resina, fui bem recompensado por isso, pois descobri no horizonte novas montanhas que nunca tinha visto — um pedaço bem maior de terra e de céu. Eu poderia ter passado setenta anos caminhando ao pé da árvore sem jamais ver nada daquilo. Mas, acima de tudo, descobri ao meu redor — era quase final de junho —, nas pontas dos galhos mais altos, delicadas e miúdas flores vermelhas em forma de cone, a fértil flor do pinheiro branco olhando para o céu. Carreguei direto para o vilarejo os brotos mais elevados e mostrei-os a jurados vindos de fora — pois era semana de julgamento na cidade — e a fazendeiros, comerciantes de madeira, lenhadores e caçadores, e

nenhum deles havia visto algo semelhante até então; ficaram tão espantados como se estivessem diante de um asteroide caído. Isso lembra os arquitetos da antiguidade que davam ao topo de suas colunas um acabamento tão perfeito quanto o das suas partes mais baixas e visíveis. A Natureza desde o início estendeu as minúsculas flores da mata exclusivamente para os céus, acima da cabeça do homem e invisíveis a ele. Vemos apenas as flores que estão sob nossos pés na campina. Os pinheiros desenvolveram suas delicadas flores nos ramos mais altos da mata a cada verão ao longo de eras inteiras, sobre a cabeça dos filhos da Natureza de pele vermelha e de pele branca; no entanto, raro foi o lavrador ou o caçador que as viu.

Acima de tudo, não podemos nos dar ao luxo de deixar de viver no presente. É abençoado entre todos os mortais aquele que não perde nem um instante da vida efêmera remoendo o passado. A menos que nossa filosofia ouça o galo cantar em cada curral ao nosso redor, ela perderá a hora. Esse som sempre nos lembra que estamos ficando enferrujados e obsoletos em nossas ocupações e hábitos de pensamento. A filosofia do galo tem os pés fincados num tempo mais atual que o nosso. Há algo sugerido por ela que é um testamento ainda mais novo — o evangelho segundo o atual momento. Ele não se atrasa; levanta cedo e se mantém acordado, e estar onde ele está é estar na linha de frente do tempo. Seu canto é uma expressão da saúde e da integridade da Natureza, uma bravata lançada ao mundo todo — saúde como uma nascente brotando, uma nova fonte das Musas, a celebrar este último instante do tempo. Onde ele vive não é aprovada nenhuma lei do escravo fugitivo. Quem não traiu seu mestre três vezes desde a última ocasião em que ouviu esse canto?

O mérito da melodia dessa ave é estar livre de qualquer melancolia. Um pássaro canoro pode facilmente nos provocar lágrimas ou riso, mas onde está aquele que é capaz de nos infundir uma pura alegria matinal? Quando, em lúgubre tristeza, rompendo com meus passos o horrível silêncio de nossas calçadas de madeira num domingo, ou talvez participando de um velório, ouço um galo jovem cantar longe

ou perto, penso comigo: “Existe um de nós que está bem, em todo caso” — e com um súbito solavanco recupero a sensatez.

Tivemos um notável crepúsculo num dia de novembro passado. Eu caminhava por uma campina, junto à nascente de um pequeno regato, quando finalmente o sol, pouco antes de se pôr, depois de um dia cinzento e frio, alcançou uma faixa clara no horizonte, e a luz solar da mais suave e brilhante manhã caiu sobre a relva seca e sobre os troncos das árvores no horizonte oposto, e sobre as folhas dos carvalhos nas encostas, enquanto nossas sombras se estendiam sobre a campina em direção ao leste, como se fôssemos os únicos cisos em seus raios luminosos. Era uma luz que não poderíamos sequer ter imaginado um instante antes, e o ar também estava tão tépido e sereno que não faltava nada para fazer daquele prado um paraíso. Quando concluimos que aquele não era um fenômeno solitário, destinado a jamais se repetir, mas que aconteceria para todo o sempre num número infinito de entardeceres, alegrando e renovando a confiança da última criança que caminhasse por ali, ficou tudo ainda mais glorioso.

O sol se põe em alguma campina afastada, onde nenhuma casa é visível, com toda a glória e esplendor que ele desperdiça nas cidades e, talvez, como nunca se pôs antes — ali onde não há senão um solitário falcão do pântano que tem suas asas douradas por ele, ou apenas um rato almiscarado que mete a cabeça para fora da toca, e onde um pequeno regato de estrias pretas começa a serpentear no meio do charco, dando lentamente a volta num tronco caído. Caminhamos sob uma luz tão pura e brilhante, a dourar a grama seca e as folhas, uma luz tão suave e serena, que julguei nunca ter me banhado antes em tal maré dourada, sem ondas e sem murmúrio. O lado oeste de cada bosque e elevação de terreno cintilava como as bordas dos Campos Elíseos, e o sol nas nossas costas era como um brando pastor a nos conduzir à noite de volta para casa.

Assim peregrinamos rumo à Terra Santa, até que um dia o sol brilhe com mais intensidade do que nunca, até que ele brilhe talvez dentro de nossas mentes e corações, iluminando nossas vidas inteiras com uma

grande luz que desperta os sentidos, tão tépida, serena e dourada como a que banha uma margem de rio no outono.

---

a- Trecho (estrofes 445 e 446) de *Gest of Robyn Hode* (*Gesta de Robin Hood*), balada inglesa anônima.

b- Há no original um jogo de palavras intraduzível. Thoreau joga com dois sentidos do verbo *to stand*, usando-o, primeiro, como “aguentar” e, depois, como “ficar em pé”. As mulheres citadas “aguentam”, mas não necessariamente “em pé”.

c- Marco Terêncio Varrão (116 a.C.-27 d.C.) foi um escritor e erudito romano.

d- Letes ou Lete: um dos cinco rios do inferno, segundo a mitologia grega. As almas dos mortos que bebem de suas águas não se lembrariam mais de seu passado na Terra. Mais adiante, o autor refere-se ao Estige, outro rio infernal da mitologia grega.

e- Trecho do prólogo dos *Contos da Cantuária*, de Geoffrey Chaucer (c. 1343-1400). Dizem os versos originais, em inglês arcaico: “*Than longen folk to goon on pilgrimages, / And palmeres for to seken strange strondes*”.

f- Jardins onde viviam as ninfas Hespérides, localizados às margens do rio Oceano. Na mitologia grega, as Hespérides encarnam o crepúsculo, a transição entre o dia e a noite.

g- Trecho do poema *Lycidas* (1638), do poeta inglês John Milton (1608-74). Eis os versos originais: “*And now the Sun had stretched out all the hills, / And now was dropped into the western bay; / At last he rose, and twitched his mantle blue; / Tomorrow to fresh woods and pastures new*”.

h- Refere-se a François André Michaux (1770-1855), filho de André Michaux (1746-1802), ambos biólogos e exploradores franceses, que viajaram juntos e separados pela América do Norte e escreveram livros sobre sua flora. O Michaux citado no parágrafo anterior é o pai.

i- Célebre frase de John Quincy Adams (1767-1848), presidente dos Estados Unidos entre 1825 e 1829.

j- Panorama, aqui, tem o sentido, registrado pelo Houaiss, de “amplo quadro circular que permite ao espectador, colocado num ponto central, observar, como se estivesse do alto, objetos representados”. Eram comuns os espetáculos dessa espécie de pré-cinema na época em que Thoreau escreve.

k- Ben Jonson (1572-1637): poeta, dramaturgo e ator inglês, contemporâneo de Shakespeare. O verso citado faz parte da mascarada *Love Freed from Ignorance and*

*Folly*, de 1611.

l- Lake Poets: grupo de poetas ligados ao romantismo que viviam no Lake District, na Inglaterra, na virada do século XVIII para o XIX. Entre eles destacavam-se William Wordsworth, Samuel Taylor Coleridge, Robert Southey e, posteriormente, Thomas De Quincey.

m- Referência a um ditado antigo que dizia, com relação às horas necessárias de sono: “Seis para um homem, sete para uma mulher e oito para um bobo”.

n- Jogo de palavras com o nome Concord, que significa “concordia, harmonia”.

## Vida sem princípios [1863]

Num liceu, há não muito tempo, senti que o conferencista escolhera um tema que lhe era demasiado alheio, e desse modo me fez perder completamente o interesse pelo que dizia. Descrevia coisas que não estavam dentro dele, nem eram próximas a seu coração, mas com as quais só tinha uma relação superficial. Não havia, nesse sentido, um pensamento verdadeiramente central em sua conferência. Eu teria preferido que ele lidasse com suas experiências mais pessoais, como faz o poeta. A melhor homenagem que já me fizeram foi quando alguém me perguntou o que eu pensava, e deu atenção à minha resposta. Fico ao mesmo tempo surpreso e contente quando isso acontece, pois é um uso raro que a pessoa faz de mim, como se estivesse familiarizada com o instrumento. Em geral, quando as pessoas querem alguma coisa de mim, é só para saber quantos acres examinei de suas terras, já que sou agrimensor, ou, no máximo, quais são as notícias que me pesam sobre os ombros. Nunca se empenharam em conhecer a minha carne; contentam-se com a casca. Um homem uma vez percorreu uma distância considerável para vir me convidar a fazer uma palestra sobre a escravidão; mas, na nossa conversa, percebi que ele e sua turma pretendiam que sete oitavos da palestra fossem deles, deixando só um oitavo para mim; portanto, declinei. Quando sou convidado a dar uma conferência em algum lugar — pois tenho alguma experiência nisso —, tomo como ponto pacífico que existe um desejo de ouvir o que *eu penso* de determinado assunto, ainda que eu possa ser o maior tolo do país, e não que eu deva simplesmente dizer

coisas agradáveis, com as quais a plateia vai concordar; e decido, conseqüentemente, que colocarei no discurso uma grande dose de mim mesmo. Foram me procurar, e comprometeram-se a pagar por mim, portanto decido que é a mim que eles terão, mesmo que eu os aborreça a mais não poder.

Então eu digo agora algo semelhante a vocês, meus leitores. Já que *vocês* são meus leitores, e que não sou um grande viajante, não falarei sobre gente que vive a 2 mil quilômetros de distância, mas me mantereí o mais próximo possível de casa. Como o tempo é curto, deixarei de lado toda adulação e reterei apenas a perspectiva crítica.

Vamos examinar o modo como levamos nossas vidas.

Este mundo é um lugar de negócios. Que alvoroço sem fim! Sou despertado quase toda noite pelo resfolegar da locomotiva. Ela interrompe meus sonhos. Não há dia de descanso. Seria glorioso ver a humanidade ter descanso uma vez na vida. É só trabalho, trabalho, trabalho. É difícil comprar um caderno de folhas sem pauta para escrever neles meus pensamentos; eles quase sempre vêm com linhas, para o registro de dólares e centavos. Um irlandês, ao me ver no campo rabiscando umas anotações, não teve dúvidas de que eu estava calculando meus honorários. Se um homem foi jogado por uma janela quando criança e ficou aleijado para toda a vida, ou se enlouqueceu por pavor dos índios, o que se lamenta primordialmente é que ele ficou incapacitado... para os negócios! Penso que não existe nada, nem mesmo o crime, que se oponha tanto à poesia, à filosofia, à própria vida, quanto os incessantes negócios.

Há nos arredores de nossa cidade um sujeito vulgar, turbulento e que só pensa em dinheiro. Ele vai construir um muro sob o morro ao longo da borda de seu prado. Os poderes constituídos meteram essa ideia na sua cabeça como modo de mantê-lo longe de confusão, e ele quer que eu passe três semanas lá ajudando-o a cavar. O resultado será, talvez, que ele amealhará um pouco mais de dinheiro, e o deixará para seus herdeiros gastarem bestamente. Se eu aceitar a empreitada, serei considerado um homem diligente e trabalhador, mas se optar por me dedicar a certas ocupações que me rendem mais proveito real, mas menos dinheiro, a tendência será que me vejam como um indolente. Não obstante, como não tenho necessidade de ser patrulhado e

regulado por um trabalho sem sentido, e não vejo absolutamente nada de louvável na tarefa proposta por esse sujeito, bem como em muitos empreendimentos do nosso governo ou de governos estrangeiros, por mais que possam ser divertidos para ele ou para eles, prefiro seguir meu aprendizado numa escola diferente.

Se um homem, por amor aos bosques, caminha por eles metade de cada dia, corre o risco de ser visto como um vadio; mas se passa o dia inteiro como especulador, derrubando esses bosques e tornando a terra devastada antes do tempo, é considerado um cidadão laborioso e empreendedor. Como se uma cidade não tivesse interesse algum por uma floresta, a não ser o de derrubá-la!

A maioria dos homens sentir-se-ia insultada se alguém quisesse empregá-los para atirar pedras por cima de um muro e depois atirá-las de volta, em troca de um mero salário. Mas muitos deles não têm hoje um emprego melhor. Por exemplo: logo depois da alvorada, numa manhã de verão, notei um de meus concidadãos caminhando ao lado de sua junta de bois, que arrastava lentamente uma pesada pedra talhada pendurada no eixo da carroça, numa atmosfera de grande esforço — a jornada de trabalho iniciada, a testa começando a suar, numa censura muda a todos os preguiçosos e indolentes. Ele deu uma parada e quase girou o corpo ao brandir no ar seu relho piedoso, enquanto deixava que os bois o ultrapassassem. Pensei: é para proteger uma faina assim que existe o Congresso Americano — uma labuta honesta, viril, tanto mais honesta quanto mais longa a jornada, que torna mais doce o café do trabalhador e mantém dócil a sociedade. Um trabalho que todos os homens respeitam e consagram: ali vai um da falange sagrada, cumprindo a lida necessária, embora cansativa. Na verdade, senti uma leve vergonha, pois observava aquilo da janela, não estava do lado de fora, entregue a uma ocupação semelhante. Passou o dia, e ao anoitecer passei pelo quintal de outro vizinho, que mantém muitos criados e gasta muito dinheiro de modo tolo, enquanto não contribui em nada para o bem comum, e ali vi a pedra lavrada da manhã pousada ao lado de uma extravagante estrutura que pretendia adornar a propriedade daquele Lorde Timothy Dexter,<sup>a</sup> e a meus olhos desapareceu imediatamente toda a dignidade do trabalho árduo do carroceiro. Em minha opinião, o sol foi feito

para iluminar uma labuta mais valiosa do que aquela. Acrescento ainda que aquele patrão se evadiu desde então, em dívida com grande parte da cidade, e, depois de passar por Chancery, estabeleceu-se em outro lugar, onde se tornou de novo patrono das artes.

Os meios pelos quais se pode ganhar dinheiro conduzem, quase sem exceção, para baixo. Não ter feito nada que não tenha sido *meramente* para ganhar dinheiro é ter sido de fato ocioso ou coisa pior. Se o trabalhador não recebe mais do que o salário que seu patrão lhe paga, ele está sendo enganado, e enganando a si mesmo. Para ganhar dinheiro como escritor ou conferencista, o sujeito tem que ser popular, o que significa decair verticalmente. Os serviços pelos quais a comunidade está mais disposta a pagar prontamente são os mais desagradáveis de realizar. O sujeito é pago para ser algo menos que um homem. O Estado não costuma recompensar de modo nem um pouco mais sábio um grande talento. Mesmo o poeta laureado preferiria não ter que celebrar os eventos da realeza. Ele tem que ser subornado com um barril de vinho; e talvez outro poeta seja afastado de sua musa para fazer a fiscalização desse mesmo barril. Quanto à minha atividade, mesmo aquele tipo de levantamento topográfico que eu teria a maior satisfação em fazer, os meus empregadores não querem. Preferem que eu faça meu trabalho grosseiramente, sem muito capricho. Quando comento que há diferentes maneiras de fazer um estudo topográfico, meu empregador geralmente pergunta qual lhe dará mais terras, não qual é mais correta. Inventei certa vez um método para medir pilhas de lenha e tentei introduzi-lo em Boston, mas o responsável pelas medições me contou que os vendedores de lá não queriam ter sua madeira medida corretamente — que ele próprio já era acurado demais para o gosto deles, e que por isso geralmente mandavam medir sua lenha em Charleston antes de atravessar a ponte.

A meta de um trabalhador não deveria ser simplesmente ganhar a vida, obter “um bom emprego”, mas sim fazer bem certo trabalho; mesmo num sentido pecuniário, seria proveitoso para uma cidade pagar seus trabalhadores tão bem que eles não sentissem que estavam trabalhando para uma finalidade inferior, como a mera subsistência, e sim para fins científicos ou até mesmo morais. Não contrate um

homem que faça o seu trabalho por dinheiro, mas um homem que trabalhe por amor àquilo que faz.

É digno de nota que existam poucos homens tão bem empregados, segundo sua própria opinião, que um pouco de dinheiro ou fama não os compre e os afaste de sua ocupação corrente. Vejo anúncios à procura de rapazes *dinâmicos*, como se o dinamismo fosse todo o capital de que um jovem dispõe. Entretanto, fiquei surpreso quando um homem teve a confiança de propor a mim, um homem maduro, que me engajassem num empreendimento dele, como se eu não tivesse absolutamente nada para fazer e minha vida tivesse sido um completo fracasso até então. Que elogio duvidoso ele me fazia! Como se ele tivesse me encontrado no meio do oceano, batendo-me contra as ondas, à deriva, e me propusesse que o acompanhasse! Se eu aceitasse sua proposta, o que diriam os agentes de seguros? Não, não! Não estou sem emprego nesta altura da viagem. Para falar a verdade, quando eu era garoto, perambulando pelo porto da minha cidade, vi um anúncio procurando marujos fisicamente aptos, e embarquei tão logo atingi a idade necessária.

A comunidade não dispõe de suborno capaz de tentar um homem sábio. É possível levantar dinheiro suficiente para fazer um túnel numa montanha, mas não se pode levantar dinheiro suficiente para contratar um homem que esteja entregue a *sua própria* ocupação. Um homem eficiente e valioso faz o que é capaz de fazer, quer a comunidade lhe pague por isso ou não. Os ineficientes oferecem sua ineficiência a quem pagar a maior remuneração, e estão sempre na expectativa de obter um cargo público. Podemos supor que eles raramente se frustram.

Talvez eu seja mais zeloso do que o normal no tocante a minha liberdade. Sinto que minha ligação com a sociedade, e meu compromisso para com ela, ainda são muito tênues e transitórios. Aqueles pequenos trabalhos que sustentam minha existência, e mediante os quais sou em alguma medida útil a meus contemporâneos, têm sido até agora, no mais das vezes, um prazer para mim, e não é frequente que eu me lembre deles como sendo uma necessidade. Até agora tenho tido êxito. Mas prevejo que, se minhas necessidades aumentassem muito, o trabalho requerido para satisfazê-

las tornar-se-ia uma chateação. Se eu vendesse à sociedade tanto minhas manhãs como minhas tardes, como a maioria parece fazer, estou certo de que, para mim, não restaria nada que fizesse valer a pena viver. Espero, portanto, nunca ter de vender meus direitos naturais por um prato de sopa. O que quero dar a entender é que um homem pode ser muito laborioso e mesmo assim não empregar bem o seu tempo. Não há maior trapalhão do que o que gasta a maior parte de sua vida empenhando-se em ganhar a vida. Todos os grandes empreendimentos são autossustentáveis. O poeta, por exemplo, deve sustentar o corpo com sua poesia, como a plaina a vapor alimenta suas caldeiras com as aparas que produz. Deve-se ganhar a vida amando-a. Mas, assim como se diz que 97 comerciantes em cada cem fracassam, do mesmo modo a vida dos homens em geral, aferida por esse padrão, é um fracasso, e podemos muito bem profetizar uma falência generalizada.

Vir ao mundo meramente como herdeiro de uma grande fortuna não é nascer, é ser natimorto. Ser sustentado pela caridade dos amigos, ou por uma pensão governamental — desde que você continue a respirar —, quaisquer que sejam os eufemismos usados para descrever essas relações, é o mesmo que ir para o asilo de indigentes. Aos domingos o pobre endividado vai à igreja para fazer um balanço de seu patrimônio e descobre, claro, que seus gastos foram maiores que seus rendimentos. Os da Igreja Católica, em especial, vão à Justiça, fazem uma confissão franca, desistem de tudo e pensam em começar de novo. Desse modo, os homens permanecem deitados, falando sobre a queda do homem, e nunca fazem um esforço para se levantar.

Quanto à exigência que cada homem faz à vida, uma diferença importante entre dois deles é que um se satisfaz com um sucesso mediano, em que seus alvos todos podem ser atingidos por tiros à queima-roupa, enquanto o outro, por mais modesta e malsucedida que seja sua vida, sempre ergue mais seu alvo, ainda que não muito acima do nível do horizonte. Eu gostaria muito mais de ser o segundo desses homens — embora, como dizem os orientais, “a grandeza não se apresenta àquele que vive olhando para baixo; e todos os que estão olhando para cima ficam cada vez mais pobres”.

É digno de nota que não exista quase nada de relevante escrito sobre ganhar a vida; sobre como tornar o ganha-pão não apenas honesto e honrado, mas completamente atrativo e glorioso; pois se *ganhar a vida* não for assim, a vida também não o será. Consultando a literatura existente, pode-se concluir que essa questão nunca perturbou o raciocínio de um único indivíduo sequer. Estarão os homens tão aborrecidos com sua situação a ponto de não querer falar sobre ela? A lição de valor que o dinheiro ensina, e que o Autor do Universo empenhou-se tanto em nos ensinar, estamos inclinados a ignorar por completo. Quanto aos meios de vida, é espantoso que os homens de todas as classes, até mesmo os assim chamados reformadores, sejam tão indiferentes a eles: tanto faz se foram herdados, conquistados com trabalho ou roubados. Penso que a sociedade nada fez por nós a esse respeito, ou no mínimo desfez o que havia feito. O frio e a fome parecem mais convenientes à minha natureza do que os métodos que os homens adotaram e preconizaram para se defender deles.

O título de *sábio* é, no mais das vezes, usado indevidamente. Como pode ser sábio um homem que não sabe melhor do que os outros como viver? Um homem que só é mais esperto e intelectualmente mais sutil do que os outros? Existe por acaso Sabedoria num trabalho bruto de tração? Ou ela ensina a ter êxito a partir *do seu exemplo*? Existe uma coisa chamada sabedoria que não seja aplicada à vida? Ela se resume ao moleiro que tritura a lógica mais sutil? É o caso de perguntar se Platão ganhou a vida de um modo melhor ou mais bem-sucedido do que seus contemporâneos — ou sucumbiu às dificuldades da vida como outros homens. Parece, por acaso, que ele levou a melhor sobre a maioria dos outros simplesmente por indiferença, ou por assumir ares superiores? Ou será que teve a vida mais fácil porque sua tia o contemplou em seu testamento? Os meios pelos quais a maioria dos homens ganha a vida — isto é, vive — são meros expedientes, e um modo de esquivar-se da questão real da existência, principalmente porque eles não conhecem — mas também, em parte, porque não querem — nada melhor.

A corrida para a Califórnia, por exemplo, e a atitude não apenas de comerciantes, mas também de filósofos e profetas em relação a ela refletem a maior desgraça da humanidade. Pensar que tantos estão

dispostos a se fiar na sorte, e assim obter os meios de comandar o trabalho de outros menos afortunados, sem contribuir em nada para o bem da sociedade! E chamam a isso de empreendimento! Não conheço exemplo mais espantoso de desenvolvimento da imoralidade dos negócios e de todos os modos vulgares de ganhar a vida. A filosofia, a poesia e a religião de uma humanidade assim não valem a poeira de um cogumelo orelha-de-pau. O porco, que ganha a vida cavoucando a lama, teria vergonha de tal companhia. Se pudesse dispor de toda riqueza do mundo com o levantar de um dedo, eu não pagaria todo esse preço por ela. Até mesmo Maomé sabia que Deus não fez este mundo por brincadeira. Só se Deus fosse um cavalheiro endinheirado que espalha um punhado de moedas para ver a humanidade se engalfinhar por elas. O mundo partilhado numa rifa! Como se a subsistência nos domínios da natureza fosse algo a ser ganho numa rifa! Que comentário crítico, que sátira a nossas instituições! O desfecho disso será a humanidade se enforcando numa árvore. Será que todos os preceitos de todas as Bíblias só ensinaram isso aos homens? A última e mais admirável invenção da raça humana não passa de um aperfeiçoado rastelo de revirar estrume?<sup>b</sup> É esse o terreno em que orientais e ocidentais se encontram? Será que Deus nos conduziu a isto, a obter nosso sustento escavando a terra onde nunca plantamos — e nos recompensaria, por acaso, com jazidas de ouro?

Deus deu ao homem honrado um certificado garantindo-lhe o direito ao alimento e às roupas, mas o homem iníquo encontrou um fac-símile do mesmo documento no cofre de Deus e apropriou-se dele, obtendo alimento e roupas como o homem honrado. É um dos mais amplos sistemas de falsificação que o mundo já conheceu. Eu não sabia que a humanidade estava sofrendo de falta de ouro. Vi pouco ouro até hoje. Sei que ele é muito maleável, mas não tão maleável quanto a inteligência. Um grão de ouro pode dourar uma superfície extensa, mas não tão extensa quanto a que um grão de sabedoria pode dourar.

O minerador de ouro nas encostas das montanhas é um jogador como os que frequentam os *saloons* de São Francisco. Que diferença faz se você sacode terra ou chacoalha dados? Se você vence, quem perde é a sociedade. O garimpeiro é o inimigo do trabalhador honesto,

quaisquer que sejam os controles e compensações porventura existentes. Não basta me dizer que você trabalhou duro para obter seu ouro. Também o Diabo trabalha duro. O caminho dos transgressores pode ser árduo em vários aspectos. O mais humilde observador que vai às minas percebe e relata que a mineração é da categoria das loterias; o ouro assim obtido não é a mesma coisa que o salário da labuta honesta. Mas, na prática, esse observador esquece o que viu, pois viu apenas o fato, não o princípio, e se estabelece no comércio lá, isto é, compra um ingresso para o que geralmente acaba se revelando outra loteria, de aparência menos óbvia.

Depois de ler o relato de Howitt<sup>c</sup> a respeito da mineração de ouro na Austrália, passei a noite toda com a mente povoada pelas imagens dos numerosos vales, com seus rios e córregos, todos retalhados por fossos fétidos, com entre três e trinta metros de profundidade e dois metros de largura, tão próximos uns dos outros quanto possível, e parcialmente cheios de água — o cenário para onde os homens acorrem furiosamente para tentar a sorte, indecisos quanto ao local onde devem começar a exploração, sabendo apenas que o ouro está embaixo de seu acampamento; às vezes cavando um buraco de quase cinquenta metros de profundidade antes de topar com o veio, ou passando ao largo dele por uma questão de trinta centímetros, convertidos eles próprios em demônios em sua sede de riquezas, sem levar em conta os direitos dos outros. Vales inteiros, num raio de cinquenta quilômetros, perfurados pelos poços dos mineradores, que morrem às centenas afogados neles; com as pernas dentro d'água, cobertos de lama, eles trabalham dia e noite, morrendo de doença e exposição às intempéries. Tendo lido isso, e em parte esquecido, fiquei pensando, casualmente, na minha própria vida insatisfatória, em que faço como os outros; e com aquela visão da mineração ainda diante dos meus olhos, perguntei-me por que não deveria, *eu mesmo*, estar garimpando algum ouro diariamente, ainda que fossem apenas as partículas mais finas — por que não mergulhar uma sonda em busca do outro dentro de mim, e explorar essa mina. Existe para você uma Ballarat, uma Bendigo,<sup>d</sup> e que importa que só tenha sobrado uma vala estreita? Seja como for, eu poderia seguir algum caminho, por mais solitário, estreito e tortuoso que fosse, no qual pudesse caminhar com

amor e respeito. Onde quer que um homem se separe da multidão e siga seu próprio caminho com esse espírito, há de fato uma bifurcação na estrada, ainda que os viajantes comuns possam ver apenas uma falha na cerca. A trilha solitária terrenos adentro provar-se-á o *caminho mais elevado* dos dois possíveis.

Os homens acorrem à Califórnia e à Austrália como se o ouro verdadeiro se encontrasse nesses lugares; mas isso significa ir na direção exatamente contrária de onde ele está. Seguem prospectando cada vez mais longe do rumo verdadeiro, e quando se julgam mais bem-sucedidos é quando são mais infelizes. Não existe, por acaso, ouro em nosso solo *nativo*? Não desce das montanhas de ouro um rio que corre por nosso vale? Um rio que, ao longo de eras e eras geológicas, tem trazido as partículas cintilantes e formado as pepitas para nós? No entanto, por mais estranho que seja dizê-lo, se um explorador sair às escondidas prospectando esse verdadeiro ouro nos ermos inexplorados ao nosso redor, não há perigo algum de que outros sigam no seu encalço e tentem passá-lo para trás. Ele poderá reivindicar para si e escavar em paz o vale inteiro, tanto nas partes cultivadas como nas bravias, ao longo de toda a sua vida, pois ninguém jamais contestará seu direito. Não se importarão com suas bateias ou seus animais. Ele não estará confinado a um terreno de quatro metros quadrados, como em Ballarat, mas poderá escavar em qualquer lugar e lavar o mundo inteiro em sua bateia.

Howitt diz do homem que encontrou a grande pepita de treze quilos nas minas de Bendigo, na Austrália: “Ele logo começou a beber; arranjou um cavalo e passou a cavalgar por toda a região, geralmente a pleno galope; quando encontrava pessoas pela frente, perguntava-lhes se sabiam quem ele era, e em seguida informava-lhes educadamente que era ‘o desgraçado que tinha encontrado a pepita’. Por fim, ao cavalgar a toda velocidade, chocou-se com uma árvore e quase despedaçou o crânio”. Penso, no entanto, que ele não corria esse perigo, pois já tinha arrebatado o crânio contra a pepita. Howitt acrescenta: “É um homem irremediavelmente arruinado”. Mas ele é representativo de toda uma classe. São todos homens afoitos. Vejam só alguns nomes de lugares onde eles escavam: “Baixio do Asno”, “Vala da Cabeça de Carneiro”, “Banco de Areia do Assassino” etc. Não

haverá uma sátira nesses nomes? Eles que carreguem sua riqueza ilícita para onde quiserem. Fico pensando se o lugar onde eles ainda moram não é, por acaso, o “Baixio do Asno”, se não for o “Banco de Areia do Assassino”.

O último uso dado à nossa energia tem sido a pilhagem de cemitérios no istmo de Darien, um empreendimento que parece estar apenas no começo; pois, de acordo com os últimos relatos, foi aprovado em segundo escrutínio pelo legislativo de Nova Granada um ato que regula esse tipo de mineração; e um correspondente do *Tribune* escreve: “Na estação seca, quando o clima permitir que o país seja devidamente prospectado, não há dúvida de que outras ricas *guacas* [isto é, jazigos] serão encontradas”. Para os imigrantes, ele diz: “Não venha antes de dezembro; tome a rota do istmo, de preferência à da Boca del Toro; não traga bagagem supérflua e não se estorve com uma barraca; mas um bom par de cobertores será necessário; uma picareta, uma pá e um machado de bom material serão praticamente tudo o que se precisa”, conselhos que poderiam ter sido tirados do *Burker’s Guide*. E ele conclui com esta frase em itálico e em maiúsculas: “*Se você está se saindo bem na sua terra, PERMANEÇA NELA*”, o que pode muito bem ser interpretado como: “Se você está se dando bem ao saquear cemitérios na sua região, fique onde está”.

Mas por que ir até a Califórnia em busca de assunto? Ela é filha da Nova Inglaterra, nutrida em sua própria escola e sua própria igreja.

É digno de nota que, entre todos os sacerdotes, existam tão poucos mestres morais. Os profetas estão empenhados apenas em justificar a conduta dos homens. A maioria dos reverendos mais velhos, os *illuminati* de nossos tempos, aconselha-me, com um gracioso e nostálgico sorriso, entre um suspiro e um estremecimento, a não ser sensível demais quanto a essas coisas — a encará-las globalmente, isto é, a fazer delas um monte de ouro.<sup>e</sup> O mais elevado dos conselhos que ouvi sobre esses assuntos rastejava. O sentido geral era: “Não vale a pena empenhar-se para reformar o mundo nesse particular; não pergunte como passaram manteiga no seu pão se não quiser ficar nauseado”, e assim por diante. Mais vale a um homem passar fome de uma vez do que perder sua inocência no processo de obter seu pão. Se dentro do homem sofisticado não existe um homem puro e inocente,

então ele não passa de um dos anjos do Diabo. À medida que envelhecemos, passamos a viver de modo mais rústico, relaxamos um pouco a nossa disciplina e, até certo ponto, deixamos de obedecer nossos melhores instintos. Mas devemos nos manter exigentes e obstinados até o limite da nossa sanidade, fazendo pouco caso do escárnio daqueles que são mais infelizes do que nós.

Em geral, nem mesmo em nossa ciência e em nossa filosofia há uma avaliação completa e verdadeira das coisas. O espírito de seita e o fanatismo meteram suas patas em meio às estrelas. Para constatar isso, basta discutir se os astros são habitados ou não. Por que temos que emporcalhar os céus como emporcalhamos a terra? Foi uma triste descoberta a de que o Dr. Kane era um maçom, bem como Sir John Franklin.<sup>f</sup> Mais cruéis ainda foram os indícios de que possivelmente foi por essa razão que ele partiu em busca deste último. Não há uma única revista popular neste país que ouse publicar as ideias de uma criança sobre um assunto importante sem comentá-las. Elas precisam passar pelo crivo dos Doutores Pios. Por mim, seria melhor que passassem pelo crivo dos pios dos passarinhos.<sup>g</sup>

Depois de assistir ao funeral da humanidade presenciamos um fenômeno natural. Um pequeno pensamento é o coveiro do mundo inteiro.

Conheço raros homens de intelecto que sejam tão aberta e genuinamente liberais a ponto de podermos pensar em voz alta em sua companhia. A maioria daqueles com que tentamos conversar começa logo a criticar alguma instituição na qual parece ter interesse — ou seja, sustenta um modo particular, não universal, de ver as coisas. Eles vão sempre interpor seu próprio teto baixo, com sua claraboia estreita, entre você e o céu, quando o que você quer ver é o firmamento desobstruído. Saiam da frente com suas teias de aranha, lavem suas vidraças, digo eu! Em alguns liceus onde vou palestrar me dizem que os assuntos religiosos devem ser excluídos. Mas como posso saber qual é a religião deles, e quando me encontro próximo ou distante dela? Já entrei numa arena desse tipo e fiz o que pude para expressar com franqueza minhas experiências religiosas, mas percebi que a plateia nem se deu conta do que eu estava falando. A palestra foi para eles tão inofensiva quanto um palavreado vazio. Ao passo que, se

eu lhes tivesse lido a biografia dos maiores pilantras da história, talvez pensassem que eu tinha escrito a história dos diáconos de sua igreja. Em geral as perguntas são: de onde você vem?, ou: para onde você vai? Mais pertinente é a pergunta que escutei um de meus ouvintes fazer a seu vizinho: “A palestra dele é a favor de quê?”. Isso me fez tremer dentro dos sapatos.

Para falar com imparcialidade, os melhores homens que conheço não são puros, não são um mundo fechado em si. Em sua maioria, eles se conformam aos padrões, e simplesmente encantam e representam seu papel de modo mais sutil que os outros. Escolhemos o granito para calçar nossas casas e celeiros; construimos muros de pedra; mas nós próprios não nos escoramos em alicerces de verdade granítica, a mais humilde das rochas primitivas. Nossas soleiras estão podres. De que material é feito um homem que, em nosso pensamento, não é coerente com a verdade mais pura e sutil? Frequentemente critico em meus melhores conhecidos sua imensa frivolidade; pois, ao mesmo tempo em que nossas maneiras e comportamentos não combinam, não ensinamos uns aos outros as lições de honestidade e sinceridade que os animais ensinam, nem a firmeza e solidez ensinada pelas rochas. A culpa é geralmente recíproca, porém, pois não temos o hábito de exigir mais uns dos outros.

Toda aquela empolgação em torno de Kossuth,<sup>h</sup> pensem como foi típica, mas superficial! — apenas outra modalidade de política ou de dança. Houve pessoas discursando em seu favor pelo país afora, mas cada uma expressava apenas o pensamento, ou a falta de pensamento, da multidão. Ninguém se baseou na verdade. Simplesmente se uniram em bando, como de costume, apoiando-se uns nos outros, mas apoiados todos sobre o nada; assim como os hindus faziam o mundo sustentar-se sobre um elefante, o elefante sobre uma tartaruga e a tartaruga sobre uma serpente, e sob esta não havia nada. Tudo o que nos sobrou daquela agitação toda foi o chapéu Kossuth.

Igualmente vazia e inconsequente, em sua maior parte, é a nossa conversação cotidiana. O superficial se encontra com o superficial. Quando nossa vida deixa de ser interior e privada, a conversa degenera para o mexerico. Raramente encontramos um homem que possa nos contar alguma novidade que ele não tenha lido no jornal, ou

ouvido de um vizinho; e no mais das vezes a única diferença entre nós e nosso interlocutor é que ele folheou os jornais ou saiu para tomar chá, e nós não. Quanto mais a nossa vida interior vai mal, com mais frequência e ansiedade acorremos à agência de correio e venda de jornais. Podem estar certos de que o pobre sujeito que sai do correio com o maior número de cartas, orgulhoso de sua volumosa correspondência, não tem notícias de si mesmo há muito tempo.

Não sei ao certo, mas me parece um excesso ler um jornal por semana. Tentei fazer isso recentemente e me senti como se, durante o tempo da leitura, não estivesse morando em minha região natal. O sol, as nuvens, a neve e as árvores já não me diziam tanto. Não é possível servir a dois senhores. É necessário mais do que um dia de dedicação para conhecer e possuir a riqueza de um dia.

Podemos muito bem ter vergonha de dizer as coisas que lemos ou ouvimos ao longo de nosso dia. Não sei por que minhas notícias teriam que ser tão triviais. Levando em conta os sonhos e expectativas que as pessoas têm, por que os fatos precisam ser tão insignificantes? A notícia que ouvimos, no mais das vezes, não é novidade para o nosso espírito. É a mais gasta repetição. Somos muitas vezes tentados a perguntar o porquê de tanta ênfase numa experiência particular que tivemos — como, por exemplo, a de encontrar na calçada o escrivão de registros Hobbins, como acontece há 25 anos. Será que não saímos do lugar então? Assim são as notícias diárias. Os fatos parecem flutuar na atmosfera, insignificantes como os esporulos dos fungos, e grudar em algum descuidado talo ou superfície de nossa mente, que lhes serve de base para se desenvolver de modo parasitário. Devemos nos limpar desse tipo de notícia. Que consequência elas podem ter, ainda que se trate da explosão do planeta, se não há caráter algum envolvido na explosão? Em sã consciência não temos a menor curiosidade a respeito de tais eventos. Não vivemos para ter uma diversão à toa. Eu não dobraria a esquina para assistir o mundo explodir.

Ao longo de todo o verão e de boa parte do outono, o sujeito passou ao largo dos jornais e das notícias, e agora descobre que isso aconteceu porque a manhã e a tarde estiveram sempre cheias de novidades para ele. Suas caminhadas foram repletas de incidentes. Ele esteve atento, não aos assuntos da Europa, mas a seus próprios

assuntos nos campos de Massachusetts. Se acontece de o sujeito viver e se mover naquele finíssimo estrato social em que ocorrem os eventos que se tornam notícia — mais fino que o papel em que esta é impressa —, então essas coisas preencherão o seu mundo; mas se ele se eleva acima ou mergulha abaixo desse plano, nem sequer se lembrará da existência delas. De fato, ver o sol nascer e se pôr todos os dias, conectando-nos assim a um fato universal, é algo que preserva nossa sanidade para sempre. Nações! O que são as nações? Tártaros, hunos e chineses! Como insetos, elas fervilham. O historiador empenha-se em vão por torná-las memoráveis. É por falta de um homem verdadeiro que há tantos homens. São os indivíduos que povoam o mundo. Qualquer homem pensante pode dizer, com o Espírito de Lodin:<sup>i</sup>

Contemplo das minhas alturas as nações,  
E elas se convertem em cinzas aos meus olhos;  
Calma é a minha moradia nas nuvens;  
Agradáveis são os grandes campos em que descanso.

Eu rogo: não vamos viver sendo arrastados por cães, à maneira dos esquimós, rompendo montanha e vale, e mordendo as orelhas uns dos outros. Não sem estremecer diante do perigo, percebo com frequência o quanto cheguei perto de deixar entrar em minha mente os detalhes de algum assunto trivial, da notícia ouvida na rua; e fico estupefato ao constatar o quanto os homens estão propensos a atulhar suas mentes com essas bobagens, a permitir que rumores inúteis e incidentes da espécie mais insignificante invadam um terreno que deveria ser consagrado ao pensamento. Será que a mente deve ser uma arena pública, onde o que mais se discute são os assuntos da rua e o mexerico da mesa de chá? Ou deveria ser um quadrante do próprio paraíso, um templo a céu aberto, consagrado a louvar os deuses? Considero tão difícil lidar com os poucos fatos significativos para mim que hesito em sobrecarregar minha atenção com aqueles que são insignificantes, e cuja obscuridade só uma mente divina seria capaz de iluminar. Tal é o caso, no mais das vezes, das notícias dos jornais e das conversas. É importante preservar a castidade da mente a esse respeito. Imaginem permitir que entrem em nossa mente os detalhes de

um único caso do tribunal criminal, imaginem profaná-la em seu santuário durante uma hora, ou pior, durante muitas horas! Transformar o aposento mais íntimo da mente num verdadeiro salão de bar, como se a poeira das ruas nos tivesse invadido, como se a própria rua, com todo o seu movimento, seu alvoroço e sua imundície invadisse o relicário de nossos pensamentos! Não seria um suicídio intelectual e moral? Quando fui obrigado a me sentar por algumas horas como espectador e ouvinte numa sala de tribunal, e vi meus concidadãos, que não eram obrigados a isso, entrar ali para espiar de tempos em tempos, andando nas pontas dos pés de um lado para outro com as mãos limpas e as caras lavadas, pareceu à minha imaginação que, quando eles tiravam os chapéus, suas orelhas cresciam e se transformavam em enormes funis, entre os quais suas estreitas cabeças pareciam ficar ainda mais comprimidas. Como as pás dos moinhos de ventos, eles captavam a corrente ampla, mas superficial, de som, que, depois de alguns giros turbulentos em seus cérebros embotados, saía pelo outro lado. Fiquei me perguntando se ao chegar em casa eles tinham, ao lavar as orelhas, o mesmo cuidado que tinham tido ao lavar o rosto e as mãos antes de ir ao tribunal. Pareceu-me na ocasião que os ouvintes e as testemunhas, o júri e o advogado, o juiz e o criminoso no banco dos réus — se posso presumi-lo culpado antes que o condenem —, eram todos igualmente criminosos, e era possível esperar que um raio caísse sobre todos eles e os dizimasse.

Por meio de todo tipo de armadilhas e avisos, ameaçando até mesmo com as penas extremas da lei divina, excluem-se esses intrusos do único território que lhes pode ser sagrado. É tão difícil esquecer aquilo que não merece ser lembrado! Se eu tiver que ser uma vala, prefiro que seja para os córregos da montanha, para as correntes do Parnaso, e não para os esgotos da cidade. Existe a inspiração, aquela fala que chega aos ouvidos atentos vinda das cortes do céu. E existe a revelação profana e gasta do botequim e do tribunal criminal. O mesmo ouvido está apto a receber as duas coisas. Só o caráter do ouvinte determina para qual das duas ele estará aberto e para qual estará fechado. Acredito que a mente pode ser profanada indelevelmente pelo hábito de atentar para coisas vulgares, de tal modo que todos os nossos

pensamentos se tinjam de vulgaridade. Nosso próprio intelecto ficará macadamizado, por assim dizer — com sua fundação rompida em fragmentos para que as rodas dos viajantes rolem por cima; e se você quiser saber qual seria o mais durável dos calçamentos, sobrepujando as pedras polidas, os cepos de abeto e mesmo o asfalto, basta olhar dentro de algumas das mentes que foram submetidas por tanto tempo a esse processo.

Se nos profanamos dessa forma — e quem não o fez? —, o remédio será nos ressacralizarmos mediante o cuidado e a devoção, convertendo de novo nossa mente num templo. Devemos tratar nossa mente, isto é, a nós mesmos, como crianças inocentes e ingênuas, cujos guardiões somos nós, e ser cuidadosos quanto aos objetos e assuntos que submetemos à sua atenção. Em vez de ler o *Times*, leiamos a Eternidade. Os convencionalismos, em última instância, são tão ruins quanto as impurezas. Até os fatos da ciência podem empoeirar a mente com sua secura, a menos que sejam, num certo sentido, apagados a cada manhã, ou antes tornados férteis pelo orvalho da verdade fresca e vívida. O conhecimento não nos chega em detalhes, mas em lampejos da luz celeste. Sim, cada pensamento que atravessa a mente ajuda a desgastá-la e a aprofundar seus sulcos, que, assim como nas ruas de Pompeia, evidenciam o quanto ela foi usada. Há tantas coisas que poderíamos muito bem decidir ignorar — decidir deixar que as carrocinhas de mascates que as carregam atravessem, no mais lento dos passos, a ponte de gloriosa extensão pela qual confiamos passar finalmente da mais distante margem do tempo para a mais próxima praia da eternidade! Será que não temos nenhuma cultura, nenhum refinamento, mas apenas talento para viver grosseiramente e servir ao Demônio, para adquirir um pouco de riqueza mundana, ou fama, ou liberdade, e exhibir tudo isso como se fôssemos só casca, sem nenhum grão delicado e vivo em nosso interior? Será que nossas instituições devem ser como aquela castanha-brava que só produz frutos abortivos, cuja única utilidade é espetar-nos os dedos?

Dizem que a América é a arena onde se trava a batalha da liberdade, mas certamente não se está querendo dizer liberdade num sentido meramente político. Mesmo se concordarmos que o americano se livrou de um governante tirano, ele ainda é escravo de uma tirania

econômica e moral. Agora que a república — a *res-publica* — foi estabelecida, é hora de cuidar da *res-privata*, o estado privado, cuidando para que “*ne quid res-PRIVATA detrimenti caperet*” (o estado *privado* não seja prejudicado), como exortava o senado romano a seus cônsules.

E chamamos isto de terra da liberdade? De que adianta ficarmos livres do rei George se seguimos escravos do rei Preconceito? De que adianta nascer livre e não viver em liberdade? Qual é o valor de qualquer liberdade política se não for um meio para a liberdade moral? A liberdade de que nos vangloriamos é a liberdade de ser escravos ou a liberdade de ser de fato livres? Somos uma nação de políticos, preocupados apenas com a defesa exterior da liberdade. São os filhos dos nossos filhos que poderão talvez ser realmente livres. Nossos impostos são cobrados de modo injusto. Há uma parcela de nós que não é representada. É tributação sem representação. Damos abrigo a soldados, a idiotas e a todo tipo de gado dentro de nós. Abrigamos nosso corpo bruto em nossa pobre alma, até que aquele devore toda a substância desta.

No que diz respeito a uma verdadeira cultura e humanidade, somos ainda essencialmente provincianos, não cosmopolitas. Meros Jônatas. Somos provincianos porque não encontramos nossos valores em nossa própria terra, porque não veneramos a verdade, mas os reflexos da verdade, porque somos deformados e reduzidos por uma devoção exclusiva aos negócios, ao comércio, à manufatura, à agricultura e coisas do tipo, que são apenas meios e não fins em si mesmos.

Igualmente provinciano é o Parlamento inglês. Meros matutos, eles traem a si mesmos cada vez que emerge uma questão mais importante para decidirem, como por exemplo a questão da Irlanda — por que não dizer a questão inglesa? Suas naturezas são subjugadas por suas ocupações. Suas “boas maneiras” dizem respeito apenas a coisas secundárias. As melhores maneiras do mundo não passam de inaptidão e estupidez quando contrastadas com uma inteligência mais refinada. Parecem apenas modas de tempos passados, mera etiqueta, antiquadas medidas e roupas rendadas. É o caráter vicioso das maneiras, não sua excelência, que é continuamente abandonado pelo caráter; elas são como roupas descartadas ou cascas, reivindicando o

respeito que pertencia à criatura viva. Oferecem-nos a casca, não a carne, e não é desculpa o fato de que, no caso de alguns moluscos, a concha é mais valiosa do que a carne. O homem que empurra suas maneiras para cima de mim age como se insistisse em me apresentar sua coleção de curiosidades, quando o que eu desejo ver é ele mesmo. Não foi com esse sentido que o poeta Decker chamou Cristo de “o primeiro cavalheiro de verdade que existiu”. Repito que nesse sentido a mais esplêndida corte da Cristandade é provinciana, tendo autoridade para tratar apenas dos interesses transalpinos, mas não dos assuntos de Roma.

Um pretor ou procônsul seria suficiente para resolver as questões que absorvem a atenção do Parlamento inglês e do Congresso americano.

Governo e legislativo! Pensei que fossem profissões respeitáveis. Na história do mundo ouvimos falar de divinos Numas Pompílios, Licurgos e Solons, cujos *nomes* ao menos podem significar legisladores ideais; mas o que dizer de uma legislação que *regula* a procriação de escravos ou a exportação de tabaco? O que têm legisladores divinos a ver com a exportação e importação de tabaco? O que legisladores humanos têm a ver com a procriação de escravos? Suponhamos que a questão fosse submetida a qualquer filho de Deus (e Ele não tem filhos no século XVIII? Trata-se de uma família extinta?): em que condições ela retornaria a nós? O que teria a dizer em sua defesa no juízo final um estado como a Virgínia, que tem nessas duas coisas — escravos e tabaco — sua principal produção? Que base existe para o patriotismo num estado como esse? Extraio meus dados de quadros estatísticos publicados pelos próprios estados.

Um comércio que branqueia todos os mares em busca de nozes e passas, e com esse propósito converte seus marinheiros em escravos! Vi outro dia um navio que tinha naufragado, com a perda de muitas vidas, e sua carga de trapos, bagas de zimbro e amêndoas amargas espalhadas pela praia. Pareceu-me nada compensador enfrentar os perigos do mar entre Livorno e Nova York por causa de uma carga de bagas de zimbro e amêndoas amargas. A América mandando buscar seus alimentos amargos no Velho Mundo! A água do mar, o naufrágio, já não são amargos o bastante para azedar nosso cálice da vida? No entanto é esse, em grande medida, nosso alardeado comércio; e há

aqueles que se intitulam estadistas e filósofos que são tão cegos a ponto de pensar que o progresso e a civilização dependem precisamente desse tipo de intercâmbio e atividade — a atividade de moscas girando ao redor de um barril de melado. Muito bem, pode dizer alguém, desde que os homens fossem ostras. E muito bem, respondo eu, desde que os homens fossem mosquitos.

O tenente Herndon, que o nosso governo enviou para explorar a Amazônia e, segundo dizem, ampliar a área da escravidão, observou que lá havia falta “de uma população industriosa e ativa, que conheça os confortos da vida e tenha necessidades artificiais que a incitem a extrair os grandes recursos do país”. Mas quais seriam as “necessidades artificiais” a ser estimuladas? Não o gosto pelos supérfluos, como o tabaco e os escravos de sua Virgínia natal, nem o gelo, o granito e outras riquezas materiais da nossa Nova Inglaterra; “os grandes recursos de um país” tampouco seriam a fertilidade ou aridez do solo que produz tais riquezas. A principal carência, em todos os estados em que estive, era um elevado e sincero propósito por parte de seus habitantes. Esse fato, por si só, exaure “os grandes recursos” da Natureza e acaba por exigi-la além de suas possibilidades; pois o homem naturalmente morre ao explorá-la demais. Quando queremos mais cultura do que batatas, e mais esclarecimento do que guloseimas, então os verdadeiros grandes recursos de um mundo são explorados e extraídos, e o resultado, ou produção essencial, não são escravos, nem operários, mas homens — aqueles frutos raros chamados heróis, santos, poetas, filósofos e redentores.

Em suma, assim como um monte de neve se forma quando há uma calmaria no vento, podemos dizer que, onde há uma calmaria da verdade, floresce uma instituição. Mas a verdade sopra diretamente sobre ela e acaba por derrubá-la.

O que se costuma chamar de política é, comparativamente, algo tão superficial e inumano que nunca reconheci inteiramente que ela tenha algo a ver comigo. Os jornais, pelo que percebo, dedicam algumas de suas colunas especialmente à política ou ao governo, sem cobrar por isso; e essa circunstância, alguém pode argumentar, é o que salva a atitude; mas, como amo a literatura, e também a verdade, de qualquer forma nunca leio essas colunas. Não quero embotar desse modo meu

senso do que é direito. Não posso ser acusado de ter lido sequer uma mensagem do presidente. Estranha era do mundo esta nossa, em que impérios, reinos e repúblicas vêm bater na porta do homem particular e despejar sobre ele suas queixas! Não há um jornal que eu abra sem que encontre nele um ou outro governo ignóbil, sob forte pressão e à beira do colapso, apelando a mim, o leitor, para que o apoie. É mais importuno que um mendigo italiano. E se eu me der ao trabalho de examinar as credenciais de tal governo, escritas talvez por algum benevolente escrivão comercial, ou pelo capitão do navio que as trouxe, pois o governo em questão não é capaz de falar uma palavra de inglês, provavelmente lerei que a erupção de algum Vesúvio, ou o transbordamento de algum Pó, verdadeiros ou forjados, são a causa da atual situação. Num caso assim, não hesito em sugerir um trabalho, ou o asilo de pobres; ou então que o palácio do tal governo fique em silêncio, como faço na minha casa. O pobre presidente, pensando em preservar sua popularidade e cumprir suas obrigações, fica completamente desconcertado. Os jornais são a força dirigente. Qualquer outro governo fica reduzido a um punhado de fuzileiros no Fort Independence.<sup>k</sup> Se um homem deixa de ler o *Daily Times*, o governo se ajoelha a seus pés, pois essa é a única traição hoje em dia.

Essas coisas que hoje mais ocupam a atenção dos homens, a política e a rotina diária, são, admito, funções vitais da sociedade humana, mas deveriam ser desempenhadas de modo inconsciente, como as funções análogas do corpo físico. São *infra-humanas*, uma espécie de atividade vegetativa. Vez por outra me dou conta de uma semiconsciência dessas funções transcorrendo ao meu redor, como um homem pode se tornar consciente dos processos de digestão num estado doentio, e ter assim uma dispepsia, como é chamada. É como se um pensador se submetesse a ser limado pela grande moela da criação. A política é, por assim dizer, a moela da sociedade, cheia de grânulos e gravelas, e os dois partidos políticos são suas duas metades opostas — às vezes subdivididas em quartas partes — que se trituram mutuamente. Não apenas os indivíduos, mas também os estados têm assim uma dispepsia crônica, que se expressa por um tipo de eloquência que vocês podem imaginar. Assim, nossa vida não é um total esquecimento, mas também, infelizmente, uma lembrança

daquilo de que nunca deveríamos ter consciência, ao menos em nossas horas de vigília. Por que, em vez de nos encontrarmos como dispépticos que ficam narrando uns aos outros seus pesadelos, não poderíamos às vezes nos encontrar como *eupépticos* e celebrar juntos a sempre gloriosa manhã? Por certo não estou fazendo uma exigência descabida.

---

a- Referência jocosa ao excêntrico empreendedor norte-americano “Lord” Timothy Dexter (1748-1806), que fez fortuna realizando negócios pouco ortodoxos, sobretudo durante a Guerra de Independência.

b- No original, a expressão *muck-rake*, literalmente “rastelo para revirar estrume ou lixo”, tem também o sentido figurado de “exposição de escândalos, sensacionalismo”.

c- Alfred William Howitt (1830-1908): antropólogo e naturalista australiano.

d- Ballarat e Bendigo são cidades do estado australiano de Victoria que foram grandes polos de mineração de ouro.

e- Há no original um jogo de palavras intraduzível com o termo *lump*, que como verbo pode ter o sentido de “considerar globalmente” e como substantivo significa “monte, massa informe, inchaço, protuberância”.

f- Dr. Kane: o explorador e médico da marinha norte-americana Elisha Kent Kane (1820-57). Participou de duas expedições ao Ártico para resgatar Sir John Franklin (1786-1847), oficial da marinha britânica e explorador que desapareceu em sua última expedição, quando tentava mapear e navegar por um trecho da Passagem Noroeste, no Ártico canadense.

g- Há no original um trocadilho intraduzível. Thoreau fala da aprovação dos *D.D.s*, *Doctors of Divinity* (Doutores em Divindade, ou Doutores em Teologia), às quais preferiria a dos *chickadee-dees* (chapins americanos), formando assim uma rima *D.D.s/ dee-deesi*.

h- Lajos Kossuth (1802-94): político patriota húngaro. Líder da resistência de seu país contra a dominação austríaca e russa, chefiou a insurreição de 1848 e foi nomeado presidente do comitê de defesa da República da Hungria, derrubada meses depois pelos russos. Viveu desde então no exílio. Passou-se a dar o nome de “chapéu Kossuth” a um tipo de chapéu de feltro ou tecido de abas largas voltadas para baixo, usado no século XIX em uniformes militares da Europa, da América e da Oceania.

- i- Lodin é um personagem cujo espírito é consultado, no ciclo de poemas de Ossian, supostamente traduzidos do gaélico antigo pelo poeta escocês James Macpherson (1736-96). A maioria dos estudiosos, porém, questiona a autenticidade dos poemas e a identidade de seu suposto criador, um mítico guerreiro irlandês chamado Ossian.
- j- No original, Jonathan, nome bíblico tão comum entre os colonizadores da Nova Inglaterra que se tornou sinônimo de habitante da região.
- k- Fort Independence: fortaleza que defendia a enseada de Boston.

# DADOS DE COPYRIGHT

## **Sobre a obra:**

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## **Sobre nós:**

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***